

JULIANA REGINA DIAS

QUE NEM: UM ESTUDO DO PROCESSO DE
GRAMATICALIZAÇÃO



JULIANA REGINA DIAS

QUE NEM: UM ESTUDO DO PROCESSO DE
GRAMATICALIZAÇÃO

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Prof^{ra} Dr^a Cristina Martins Fargetti

ARARAQUARA – S.P.
2011

JULIANA REGINA DIAS

QUE NEM: UM ESTUDO DO PROCESSO DE
GRAMATICALIZAÇÃO

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Prof^a Dr^a Cristina Martins Fargetti

Data da defesa: 15/04/2011

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti – UNESP

Membro Titular: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari - UNESP

Membro Titular: Prof. Dr. Angel Corbera Mori -UNICAMP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

**A minha mãe, por todo
apoio e carinho que tem me
dado ao longo da vida.**

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por me apoiarem em todas as decisões e por terem sido a base de todo o meu desenvolvimento;

Ao meu namorado, por ter vivenciado comigo todos os momentos da pesquisa e por manter-se sempre ao meu lado;

À minha orientadora, Cristina, por ter acreditado no meu trabalho e pela orientação para o desenvolvimento do mesmo;

Às professoras Rosane Berlink e Gladis Massini-Cagliari, pelas valiosas sugestões dadas no exame de qualificação para o enriquecimento do trabalho

A todos aqueles que acreditaram na minha pesquisa e estiveram ao meu lado.

RESUMO

Este trabalho tem como proposta realizar uma discussão sobre um dos diferentes tipos de processo que estruturam a mudança lingüística e que faz parte dos princípios da Lingüística Funcional: a gramaticalização, valendo-se, para isso, de um estudo reflexivo sobre as possíveis funções que a construção *que nem* está assumindo no discurso oral, pois ao deixar de apresentar uma autonomia sintático-semântica, torna-se uma única expressão, sendo usada em estruturas sintáticas de comparação, de exemplificação, de conformidade, além de atuar como marcador discursivo em determinados contextos. Para isso, foi realizado um estudo sincrônico, analisando-se ocorrências de uso da língua em situações reais de comunicação na modalidade falada no interior do Estado de São Paulo. Deve-se dizer que o estudo baseou-se na idéia de que a gramática de uma língua é, segundo Hopper (1993), sempre emergente, pois estão sempre surgindo novas funções/valores/usos para formas já existentes. Assim, a gramaticalização, segundo ele, poderia ser definida como um processo por meio do qual alguns elementos de conteúdo lexical se desenvolvem, no decorrer do tempo, e se tornam elementos gramaticais e, se gramaticais, passam a mais gramaticais ainda, revelando-se o caráter não estático das línguas. Portanto, essa pesquisa busca confirmar a hipótese de que a significativa variedade de realizações do *que nem* mostra que essa construção está sofrendo o processo de gramaticalização e que a mudança na língua não é, segundo Coseriu (1979), “alteração” ou “deterioração”, mas reconstrução, renovação do sistema, pois assegura a sua continuidade e o seu funcionamento.

Palavras-chave: Gramaticalização. Comparação. Exemplificação. Conformidade. Marcador discursivo.

ABSTRACT

This work seeks to realize a discussion about one of the different types of process that structure the linguistic change and that is a part of the principles of Functional Linguistics: the grammaticalization. For this purpose, it makes use of a reflexive study of the possible functions being assumed by the construction *que nem* in oral discourse as it ceases to present a syntactic-semantic autonomy and becomes a single expression, being used as a syntactic structure showing comparison, exemplification, conformity, in addition to working as a discourse marker in given contexts. A synchronous study was performed in order to analyze occurrences of language use in real communication situations in the spoken modality taking place in upstate São Paulo. It is necessary to state that this study was based on the concept that the grammar of a language is, according to Hopper (1993), always emergent, because new functions/values/uses are constantly arising for the existing forms. Thus, according to Hopper, the grammaticalization could be defined as a process in which some lexical elements are developed over time and become grammatical elements whereas grammatical elements become even more grammatical, revealing the non-static nature of languages. Therefore, this research seeks to confirm the hypothesis that the significant variety of realizations of *que nem* demonstrates that this construction is going through a process of grammaticalization and that language change is not, according to Coseriu (1979), an “alteration” or “deterioration”, but a reconstruction, a renewal of the system, as it ensures the language’s continuity and functionality.

Keywords: Grammaticalization. Comparison. Exemplification. Conformity. Discourse Marker.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Modelo de interação verbal (Dik, 1997)

p.16

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 Quantidade de *que nem* em relação às funções

p. 41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 10
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	p. 14
1.1 FUNCIONALISMO E LINGUAGEM.....	p. 14
1.2 VARIAÇÃO E MUDANÇA.....	p. 18
1.3 GRAMATICALIZAÇÃO: UM TIPO DE MUDANÇA LINGÜÍSTICA	p. 22
2. REVISÃO DA LITERATURA SOBRE GRAMATICALIZAÇÃO	p. 30
3. METODOLOGIA DE PESQUISA	p. 37
4. ASPECTOS NORMATIVOS E DESCRITIVOS DO <i>QUE</i> , <i>NEM</i> E <i>QUE NEM</i>	p. 43
4.1 <i>QUE</i>	p. 43
4.2 <i>NEM</i>	p. 46
4.3 <i>QUE NEM</i>	p. 48
4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CLASSIFICAÇÃO DE <i>QUE</i> , <i>NEM</i> E <i>QUE NEM</i>	p. 49
5. <i>QUE NEM</i> : UM CASO DE GRAMATICALIZAÇÃO.....	p. 50
5.1 INTRODUÇÃO.....	p. 50
5.2 <i>QUE NEM</i> : ESTRUTURA COMPARATIVA.....	p. 52
5.3 <i>QUE NEM</i> : ESTRUTURA DE EXEMPLIFICAÇÃO.....	p. 57
5.4 <i>QUE NEM</i> : ESTRUTURA DE CONFORMIDADE.....	p. 64
5.5 <i>QUE NEM</i> : MARCADOR DISCURSIVO.....	p. 67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p. 74
APÊNDICE.....	p. 79

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como proposta realizar, por meio de um enfoque funcionalista, uma discussão sobre um dos diferentes tipos de processo que estruturam a mudança lingüística: a gramaticalização, valendo-se, para isso, de um estudo reflexivo sobre as possíveis funções que a construção *que nem* está assumindo na língua.

Pensando-se na idéia defendida por Dubois-Charlier (1981), a de que todo o estudo diacrônico implica, para ser levado a bom termo, que tenham sido previamente feitos estudos sincrônicos dos estados da língua considerados, decidiu-se realizar um estudo sincrônico a fim de entender, primeiramente, o comportamento lingüístico de *que nem* no momento atual e abrir possibilidades de estudos futuros.

Deve-se dizer também que o estudo utiliza ocorrências de uso da língua em situações reais de comunicação na modalidade falada, coletadas no banco de dados IBORUNA¹, que contém amostras de fala que representam o dialeto falado no interior paulista, mais especificamente na região noroeste do Estado de São Paulo.

Como o trabalho baseia-se em uma análise de cunho funcionalista, é interessante observar que o funcionalismo procura essencialmente trabalhar, como aponta Cunha (2008), com dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases inventadas, dissociadas de sua função no ato da comunicação. É a universalidade dos usos a que a linguagem serve nas sociedades humanas que explica, como atesta a autora, a existência dos universais lingüísticos, em contraposição à postura gerativista, que considera que os universais derivam de uma herança lingüística genética comum à espécie humana.

O conceito de mudança lingüística será discutido sob a perspectiva da gramaticalização, que se preocupa, segundo Hopper e Traugott (1993), com questões de como itens lexicais e construções vêm em determinados contextos a assumir funções gramaticais ou como itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais. É um processo de mudança lingüística motivada, segundo Meillet (1912), pelas necessidades de os usuários de uma língua serem mais expressivos e buscarem novas maneiras de expressão. Assim, esse processo, tendo em vista a necessidade de comunicação, leva um item a mudar de uma

¹ Desenvolvido em São José do Rio Preto, pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional, IBILCE/UNESP.

categoria lexical para uma gramatical ou de uma categoria menos gramatical para uma mais gramatical e revela, com isso, o caráter não estático das línguas.

Embora a gramaticalização seja um dos princípios da lingüística funcional, Vitral e Ramos (2006) reuniram, no livro *Gramaticalização: uma abordagem formal*, estudos feitos por eles em torno da questão que envolve os processos de gramaticalização de pronomes (*vossa mercê* > *cê* > *senhor* > *sô*, *eles* > *es*) e de itens negativos (*não* > *num*), analisando-os a partir de uma perspectiva formal.

Os autores esclarecem que uma das grandes fronteiras que distinguem a abordagem formal da gramaticalização e a perspectiva funcionalista é o fato de que, enquanto a primeira afirma que um item já tem sua classe sintática definida no momento em que é inserido numa estrutura oracional, não sendo, portanto, ambíguo, a abordagem funcionalista, por sua vez, defende que o valor sintático de um item só se estabelece por meio de sua interrelação com os outros itens do enunciado devido as suas potencialidades semântico-sintáticas, decorrendo, assim, o caráter ambíguo em determinadas construções.

Assim, como o trabalho sobre *que nem* consiste em verificar o modo como essa construção é utilizada pelos falantes no discurso oral para alcançar suas intenções, analisando o valor sintático e semântico que ela adquire com os outros itens do enunciado, optou-se por uma abordagem funcionalista, como dito anteriormente. Por meio dessa abordagem, será possível notar que a expressão em questão adquire diversas funções de acordo com o contexto em que está inserida e que a língua, portanto, é dinâmica.

O intuito do trabalho é permitir, portanto, reflexões acerca do funcionamento da língua, mostrando que ela não é estática e está em constante mudança, assim como destacar a visão de que a linguagem constitui, conforme Cunha (2008), um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas integradas ao resto da psicologia humana. A visão funcionalista de cognição assume que a linguagem reflete, como comenta a autora, processos gerais de pensamento que os indivíduos elaboram ao criarem significados, adaptando-os a diferentes situações de interação com outros indivíduos. Ou seja, os conceitos humanos associam-se à época, à cultura e até mesmo a inclinações individuais caracterizadas no uso da linguagem.

O objetivo do trabalho também é levar os usuários a refletirem sobre os usos da língua, quebrando a falsa lição, como afirma Neves (2003), de que na língua não existe variação (ou é “certo” ou é “errado”) e não existe mudança (se um dia “era”, hoje “é”).

O que existe, portanto, é a possibilidade de escolha, por parte do falante, de um ou outro uso, cada qual, segundo Neves (2003), com suas implicações socioculturais, com sua

posição na hierarquia de valoração, e com seus efeitos especiais de sentido, resultando dessa escolha, de acordo com a autora, a submissão do falante ao julgamento de adequação de seu enunciado à situação de uso.

Schlieben-Lange (1994) defende que somente se pode falar em mudança lingüística a partir do momento em que a inovação lingüística foi aceita por mais de um falante, porque a língua não é uma língua particular, mas sim ligada a uma tradição comunitária. A inovação, dessa forma, deve passar pela consciência do segundo falante, ou seja, é preciso que tenha acontecido uma apropriação mental, uma aceitação consciente, sendo que esta significa também análise, interpretação do que é ouvido.

Além disso, Neves (2003) também comenta que há uma grande tensão entre uso e norma prescritiva, sendo o falante o responsável por sua ação lingüística. Assim, para bem cumprir suas intenções no estabelecimento da interação, o falante deve dispor, conforme a autora, de um conhecimento das possibilidades de uso e das implicações desse uso que o orientem seguramente para proceder às mais adequadas escolhas. O falante tem de estar preparado, como em qualquer outro campo de atividade, para fazer, como defende Neves (2003), suas opções, o que só acontece se ele for levado a refletir sobre o funcionamento lingüístico, não se limitando, de acordo com ela, à busca de regras rígidas e arbitrárias que simplesmente sancionem ou vetem determinadas construções.

Com base nisso, o presente trabalho procura apresentar um estudo reflexivo sobre alguns usos que a construção *que nem* tem assumido na língua oral. A partir de uma pesquisa em dicionários e gramáticas tradicionais e modernas da língua portuguesa, constatou-se que, enquanto Luft (1976) e Cunha (1972) não citam em nenhum momento a construção *que nem* em suas obras, autores como Bechara (2006), Neves (2003) e Houaiss (2001) fazem referência a ela como sendo uma expressão/conjunção com valor comparativo. No entanto, em nenhum momento são atribuídos a essa construção os valores de exemplificação e conformidade, os quais são observados no *corpus* escolhido para análise.

Convém esclarecer que, pelo fato de Neves (2003) ressaltar que *que nem* (comparativo) é usado na linguagem coloquial e em razão de os usos mais inovadores dos processos de gramaticalização não aparecerem muito na língua escrita por causa das normas dessa modalidade, optou-se por uma análise, como dito anteriormente, em *corpus* de língua falada, com o objetivo de encontrar mais facilmente as ocorrências da construção.

Este trabalho vem, portanto, alargar o campo descritivo dessa construção, apresentando esses novos valores semânticos adquiridos por *que nem* no discurso oral, assim como mostrar que também tem sido usada como marcador discursivo para que o falante

mantenha seu turno ou ganhe tempo para a formulação de seu enunciado. Dessa forma, o estudo sobre *que nem* se torna relevante à medida que contribui para um entendimento crítico sobre o funcionamento da língua.

A seguir, é feita uma apresentação sobre questões referentes ao funcionalismo e linguagem, à variação e mudança e às principais idéias discutidas pelos teóricos a respeito da gramaticalização. Na seqüência, é descrita a metodologia da pesquisa para atingir os objetivos traçados e é realizada uma discussão acerca da abordagem crítica de alguns autores sobre os itens *que* e *nem* e sobre a construção *que nem* a fim de compreender melhor o uso dos mesmos. Logo após, é feito um estudo reflexivo sobre a construção *que nem* pelo viés da gramaticalização, mostrando os novos valores semânticos adquiridos por essa construção no discurso oral. Por fim, são apresentadas algumas considerações a respeito do que foi discutido ao longo do trabalho com a intenção de reforçar a idéia de que a construção *que nem* está inserida em um processo de mudança.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 FUNCIONALISMO E LINGUAGEM

Como o trabalho pretende realizar um estudo do processo de gramaticalização sob o viés da Lingüística Funcional, é preciso explicitar idéias funcionalistas que norteiam a pesquisa, como: a noção de “função”, uso da língua, conceito de linguagem e interação verbal.

O funcionalismo é uma corrente lingüística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa em estudar, segundo Cunha (2008), a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas.

Assim, a abordagem funcionalista apresenta, segundo a autora, não apenas propostas teóricas distintas acerca da natureza geral da linguagem, mas diferentes concepções no que diz respeito aos objetivos da análise lingüística, aos métodos nela utilizados e ao tipo dos dados utilizados como evidência empírica. Além disso, procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.

A noção de “função”, na visão funcionalista, refere-se, conforme Halliday (1973), ao papel que a linguagem desempenha na vida das pessoas, servindo a certos tipos de demanda universal. Para este autor, a linguagem exerce três diferentes funções: função ideacional, interpessoal e textual.

A primeira refere-se ao fato de que a linguagem serve, segundo o autor, para expressar um conteúdo. Por meio dessa função, o falante, assim como o ouvinte, organiza e incorpora na língua suas experiências, reações, cognições, percepções, os atos lingüísticos e o entender. Como o falante usa a linguagem como um recurso para interagir em um evento de fala, a linguagem desempenha, neste caso, a segunda função, que é pessoal e interacional ao mesmo tempo, podendo organizar e expressar tanto o mundo interno como o externo do indivíduo. Por fim, por meio da função textual, a linguagem contextualiza, de acordo com o autor, as unidades lingüísticas, fazendo-as operar no contexto e na situação.

Os funcionalistas concebem a linguagem, portanto, como um instrumento de interação social, alinhando-se, como atesta Cunha (2008), à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação lingüística vai além da estrutura

gramatical, buscando na situação comunicativa (que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo) a motivação, conforme a autora, para os fatos da língua.

Com base nessas questões, Neves (1997, p.15) define a gramática funcional como uma “teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social”. Diz respeito a uma teoria que defende, como atesta a autora, que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, sendo a gramática acessível às pressões do uso.

A gramática funcional postula, portanto, a competência comunicativa, pois considera, conforme Neves (1997), a capacidade que os indivíduos têm de não apenas codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória. A autora também enfatiza que a expressão “competência comunicativa” está geralmente relacionada com Hymes (1974), que propunha acrescentar ao processo tradicional de descrição gramatical a descrição das regras para o uso social apropriado da linguagem.

Dik (1997) também conceitua a linguagem a partir do paradigma funcional, pois defende que ela é um instrumento de interação social entre os seres humanos, usada com o propósito de estabelecer relações comunicativas. Além disso, o autor ressalta que a interação verbal é uma forma de atividade cooperativa estruturada. Estruturada no sentido de que é regida por regras, normas e convenções e cooperativa porque ela precisa de pelo menos dois participantes para alcançar seus objetivos. Na interação verbal, os participantes valem-se de instrumentos que Dik (1997) denomina de expressões lingüísticas, que são entidades governadas por regras e princípios que determinam sua formação.

Dessa forma, uma teoria da linguagem não deve se contentar, na visão de Dik (1997), em mostrar as regras e os princípios subjacentes à construção de expressões lingüísticas, mas deve tentar, sempre que seja possível, explicar estas regras e princípios em termos de sua funcionalidade em relação à maneira pelas quais essas expressões são usadas. Em razão disso, as expressões lingüísticas só podem ser, segundo o autor, compreendidas adequadamente quando elas são consideradas funcionando em contextos.

Como Neves (1997) observa, Dik apresenta uma proposta em que a gramática funcional constitui uma teoria de componentes integrados, uma teoria funcional da sintaxe e da semântica, a qual, entretanto, só pode ter um desenvolvimento satisfatório dentro de uma teoria pragmática, isto é, dentro de uma teoria da interação verbal.

Um modelo de interação verbal é apresentado por Dik (1997) a fim de esclarecer aspectos importantes sobre a comunicação:

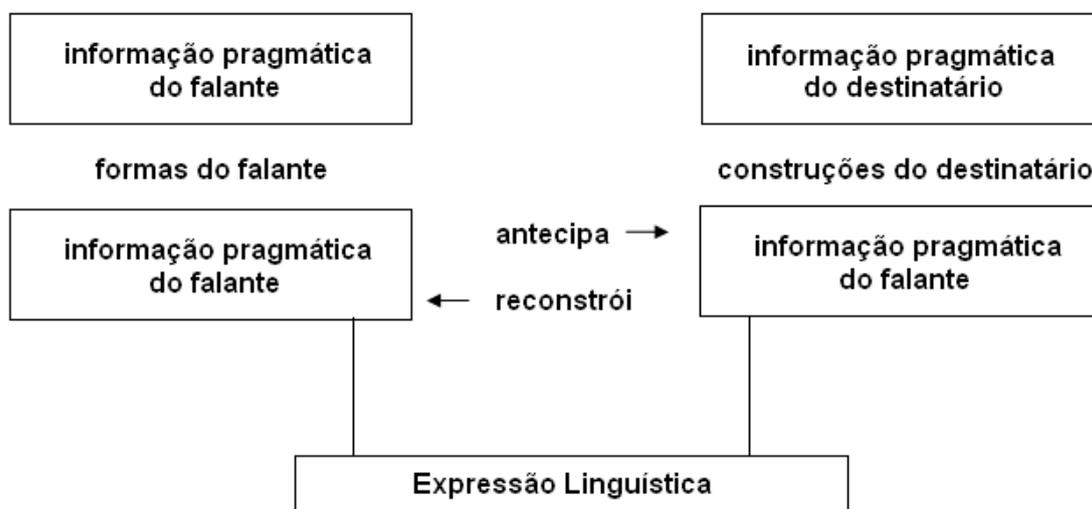


Figura 1. Modelo de interação verbal (Dik, 1997)

Com base nisso, Dik (1997) deixa claro que as expressões lingüísticas devem ser consideradas em circunstâncias efetivas de interação verbal e suas propriedades como co-determinadas pela informação contextual e situacional disponível aos falantes e destinatários.

Quando o falante diz algo a seu destinatário, sua intenção é provocar, segundo Neves (1997), alguma modificação na informação pragmática dele. Assim, o falante precisa formular sua intenção para que consiga levar o destinatário a desejar a modificação da sua informação pragmática do mesmo modo como o falante a pretende. Dessa forma, o falante procura antecipar a interpretação que o destinatário possivelmente atribuirá à sua expressão lingüística.

A relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário é mediada, mas não estabelecida, como explica a autora, pela expressão lingüística, pois a interpretação do destinatário também levará em conta a informação que já possui e pela qual ele interpreta a informação lingüística.

Em relação aos processos de gramaticalização, Neves (1997) afirma que eles se devem à influência de fenômenos discursivos e não somente à influência da língua como sistema gramatical. Para a autora, entende-se, assim, que o comportamento sintático-semântico pode ser mais bem explicado dentro de um esquema que leve em conta a interação de forças internas e externas ao sistema.

Além disso, a autora comenta que, para os funcionalistas, a língua não pode ser vista como independente de todas as forças externas, embora se reconheça a utilidade de uma distinção entre lingüística interna e lingüística externa.

Convém dizer que a gramática, no sentido limitado que lhe dava a tradição, era, segundo Dubois-Charlier (1981), apenas o estudo das combinações dos radicais e das desinências (formando palavras) e das palavras entre si, (estudo das construções de grupos e de frases). No momento atual, por sua vez, pensa-se, como afirma o autor, que os fenômenos semânticos, fonológicos e sintáticos estão estreitamente ligados num funcionamento global, e que é o conjunto das regras que descrevem este funcionamento total que constitui a gramática de uma língua. A gramática é, conforme o ponto de vista de Dubois-Charlier (1981), a descrição completa da competência dos falantes que falam a língua em questão. Semântica, sintaxe e fonologia-fonética não são, então, na visão do autor, mais do que componentes no funcionamento da língua.

Neves (1997) também ressalta que, por constituir uma estrutura cognitiva, a gramática é sensível às pressões do uso e é passível de acomodação sob pressões de ordem comunicativa. No entanto, a gramática de qualquer língua exibe, segundo Cunha (2008), padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes, ou seja, as regras da gramática são, de acordo com a autora, modificadas pelo uso (as línguas variam e mudam), e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada.

Dessa forma, além de um estudo sobre as motivações internas do processo de gramaticalização, torna-se importante também observar as motivações externas, pois, como afirma Lima-Hernandes (2005), a situação interativa tem sido apontada por estudiosos da Análise da Conversação e da Sociolinguística como o gatilho de muitas mudanças na língua.

Sobre esse fato, Labov (2008 [1972]) destaca que a contribuição de forças internas, estruturais, para a efetiva difusão das mudanças linguísticas, como foi esboçada por Martinet (1955), deve ser naturalmente o foco de atenção de qualquer lingüista que esteja investigando esses processos de propagação e regularização. No entanto, ressalta que uma abordagem que considera apenas as pressões estruturais dificilmente pode contar a história toda. Para o autor, nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social.

Com base nessas idéias, Labov iniciou a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, pois defende a relação entre língua e sociedade e a possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada.

Foi somente na segunda metade do século XX que lingüistas brasileiros passaram, conforme Lima-Hernandes (2005), a conceber a língua falada como objeto passível de investigação científica. Esse novo interesse trouxe, portanto, conseqüências para o estudo da

língua portuguesa e, por essa razão, sendo a gramaticalização um fenômeno lingüístico, torna-se relevante o estudo das idéias da Sociolingüística e dos caminhos metodológicos oferecidos pela vertente laboviana para um entendimento mais amplo do processo de mudança lingüística.

1.2 VARIAÇÃO E MUDANÇA

No início do século XX, Saussure (1969 [1916]) distinguiu, no *Curso de Lingüística geral*, a necessidade de diferenciar fatos sincrônicos e diacrônicos, algo importante não só para a época como também para os estudos lingüísticos atualmente.

Como a lingüística anterior a ele tinha cunho, segundo Fiorin (2002), quase unicamente histórico, em que se utilizava o método histórico-comparativo, Saussure representou uma ruptura para a época, pois mostrou, como aponta o autor acima, não somente a possibilidade, mas a necessidade de estudar fatos lingüísticos sem qualquer correlação com sua história. Assim, a intenção de Saussure era isolar o estudo da língua de tudo que é exterior a ela, estabelecendo, portanto, a lingüística interna como uma disciplina científica e deixando, para segundo plano, a lingüística externa, que se refere à relação existente entre a língua e a história, as instituições e a estrutura da sociedade.

Além disso, Saussure (1969) considera os aspectos diacrônicos e sincrônicos como duas perspectivas totalmente distintas, pois o aspecto sincrônico estaria relacionado ao que é momentâneo e estático e o diacrônico ao que tem duração no tempo e é dinâmico. De acordo com essa perspectiva, a língua é vista, em um momento dado, como um conjunto fechado de regularidades, de fatos estáticos. Para Saussure, seria possível descrever uma língua sem considerar elementos em mudança ou em variação e aspectos externos à estrutura da língua.

Outra grande corrente teórica da Lingüística foi o gerativismo iniciado por Chomsky, na segunda metade do século XX. A concepção que o autor tem defendido centraliza-se no conhecimento lingüístico armazenado na mente do falante. O interesse dos estudos deslocou-se para o conhecimento individual a respeito da língua, na relação entre língua e mente. Chomsky pressupõe, portanto, um falante ideal numa comunidade ideal, sem levar em conta aspectos sociais. Ele faz uma oposição entre gramática (tida por ele como o conhecimento que cada falante tem do idioma que utiliza), e língua (tida como algo social), escolhendo a primeira para uma delimitação metodológica.

No entanto, a abordagem sociolinguística variacionista, iniciada por Labov, caracteriza-se por não eliminar da análise linguística o que é variável. Pelo contrário, essa abordagem faz da variação e da mudança linguísticas os objetos centrais de estudo. Dessa forma, enquanto Saussure procurou excluir o que é externo à língua dos estudos linguísticos, Labov busca demonstrar que a língua faz parte de uma sociedade que a utiliza e é influenciada por ela. Labov (2008) considera que não devemos parar no que é estritamente linguístico. Para explicar quais forças agem na língua, é preciso incluir, segundo ele, o modo como a língua está inserida na sociedade.

Para Labov, toda língua apresenta variação, que desencadeia a mudança, pois como a mudança é gradual, é necessário passar primeiro por um período de transição em que há variação, para em seguida ocorrer a mudança. Para que a mudança ocorra, a língua tem necessariamente de passar, portanto, por um período em que há variação, em que coexistem duas ou mais variantes.

Portanto, as línguas não são, conforme Fiorin (2002), sistemas prontos, perfeitos e acabados. Pode haver nelas, segundo ele, heterogeneidade de origem externa ou interna à língua, e a heterogeneidade de um tipo pode gerar também heterogeneidade do outro tipo. Qualquer desequilíbrio desencadeado por motivos unicamente linguísticos ou por motivos externos à língua pode dar origem à variação. Como a língua está a todo o momento se equilibrando entre tendências potencialmente conflitantes, e até mesmo opostas, está sujeita a sofrer, como atesta o autor, mudanças, pois esse equilíbrio pode vir a ser alterado por qualquer tipo de fator, interno ou externo.

Faraco (2005) também defende a idéia de que as línguas humanas não constituem realidades estáticas. Afirma que a configuração estrutural das línguas se altera continuamente no tempo, mas elas nunca perdem o seu caráter sistêmico. Continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação de significados. As mudanças atingem sempre partes e não o todo da língua, o que faz com que a história das línguas seja marcada, conforme o autor, por mutação e permanência.

Sobre esse fato, Coseriu (1979) comenta que toda mudança modifica de alguma maneira o sistema ou, pelo menos, o seu equilíbrio; mas não o desorganiza, pois, como assinala o próprio Saussure, a mudança não é “global”.

De fato, a língua é, segundo Coseriu (1979), um sistema complexo, de muitas estruturas encaixadas umas nas outras, de modo que uma mudança dentro de um paradigma não afeta necessária e imediatamente as relações entre este paradigma e os outros paradigmas da mesma ordem, nem as relações internas destes últimos. Também ressalta que a mudança

não leva à “inevitável decadência e ruína das línguas, como pensava Schleicher, justamente porque não é ‘deterioração’, mas ‘reconstrução’”. (COSERIU, 1979, p. 217). Segundo Schlieben-Lange (1994), as línguas variam porque os falantes pretendem verbalizar da maneira mais adequada as suas intenções.

Um aspecto importante a destacar refere-se ao fato de que nem toda variação implica, de acordo com Faraco (2005), mudança, mas toda mudança pressupõe variação, o que significa que a língua é uma realidade heterogênea, multifacetada e que as mudanças emergem dessa heterogeneidade, embora de nem todo fato heterogêneo resulte necessariamente mudança. Assim, do ponto de vista exclusivamente lingüístico, “as variedades se equivalem e não há como diferenciá-las em termos de melhor ou pior, de certo ou errado: todas têm organização e todas servem para articular a experiência do grupo que as usa.” (FARACO, 2005)

De acordo com o autor citado acima, qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática. No entanto, deve ficar claro que as mudanças envolvem não um aspecto específico, mas um conjunto de mudanças correlacionadas, pois a língua é, como ressalta Faraco (2005), um sistema de sistemas.

Assim, na história da língua pode haver, como explica o autor, mudanças fonético-fonológicas, morfológicas (que trata dos princípios que regem a estrutura interna das palavras: seus componentes, os processos derivacionais e flexionais), sintáticas (relacionada à organização das sentenças na língua e também ao processo de gramaticalização, em que um elemento lexical ou expressão lexical plena se transmuda num elemento gramatical), semânticas (processo que altera o significado da palavra), pragmáticas (estuda o uso dos elementos lingüísticos em contraste com o estudo das propriedades estruturais desses elementos) e lexicais.

O autor também afirma que a mudança se dá em todas as línguas e é um processo contínuo e ininterrupto, mas lento e gradual, pois nunca se dá de maneira abrupta. Se isso ocorresse, destruiria as bases da interação socioverbal. Além disso, a mudança, para ele, não é discreta, ou seja, um elemento não é trocado diretamente e de imediato por outro; ao contrário, há sempre um processo histórico, períodos de coexistência e concorrência das formas em variação.

Faraco (2005) defende, a partir de uma visão neogramática, que outro aspecto que caracteriza a mudança é a sua regularidade, pois as mudanças não são fortuitas. Desencadeada a mudança, há, na visão do autor, regularidade e generalidade no processo, atingindo de forma

bastante sistemática o mesmo elemento, dadas as mesmas condições, em todas as suas ocorrências. No entanto, deve-se dizer que muitos processos de mudança não seguem esse caminho de implementação completa, como são os casos de difusão lexical, como por exemplo, a palavra “peru” (animal) que é pronunciada por muitos falantes como [piru], sendo que esses mesmos falantes não pronunciam dessa forma quando se trata do nome do país “Peru”.

Assume-se, segundo Faraco (2005), que a língua tem especificidades estruturais, mas não se assume que ela se constitui, por isso, numa realidade totalmente autônoma, desligada da vida dos falantes. Assim, o núcleo do estudo histórico das línguas é o complexo jogo dialético entre o social e o estrutural. As mudanças sociais, ao alterarem as relações interacionais, podem, por isso, desencadear, conforme Faraco (2005), processos de mudança na língua.

Coseriu (1979) destaca que, para o falante, enquanto falante, a mudança não existe, pois ele está sempre “sincronizado” com a sua língua e não a percebe “em movimento”, visto que a continuidade da língua coincide com a sua própria continuidade como sujeito histórico. Saussure já dizia que a mudança é “exterior ao sistema” porque não é percebida como tal pelos falantes (cf. COSERIU, 1979, p. 208).

A língua, na opinião de Coseriu (1979), é, portanto, sempre sincrônica no sentido de que funciona sincronicamente, ou seja, no sentido de que está sempre “sincronizada” com os seus falantes, coincidindo a sua historicidade com a destes. No entanto, adverte que isso não significa que “não deveria mudar”, mas, ao contrário, justifica que mude continuamente *para continuar funcionando*. Além disso, comenta que o sistema não evolui, mas é feito pelos falantes, de acordo com as suas necessidades expressivas. A língua muda sem cessar, mas a mudança não a destrói e não a afeta, segundo o autor, no seu “ser língua”. Conclui que a mudança na língua não é, portanto, “alteração” ou “deterioração”, mas reconstrução, renovação do sistema, e assegura a sua continuidade e o seu funcionamento. *A língua se faz mediante a mudança*, e “morre” como tal quando deixa de mudar (cf. COSERIU, 1979).

1.3 GRAMATICALIZAÇÃO: UM TIPO DE MUDANÇA LINGÜÍSTICA

A gramaticalização, que é vista como um processo especial de mudança, torna-se o centro de interesse de diversos estudiosos que procuram compreender o funcionamento da língua.

Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991) afirmam que a gramaticalização pode ser influenciada por fatores, entre outros, como: nosso aparato neurofisiológico, o nosso ambiente sociocultural, o contexto em que atuamos, o contato entre línguas e interferência entre a escrita e a forma falada de uma determinada língua.

Segundo Lima-Hernandes (2005), a necessidade comunicativa é resolvida por meio de diversas estratégias pragmáticas, como é o caso, por exemplo, de ser claro, de não ser repetitivo, de ser relevante etc. Essas estratégias pragmáticas requerem, segundo a autora, estratégias lingüísticas também diversificadas, que se adaptam e variam de acordo com o contexto sociolingüístico.

Assim, não se pode conceber, como destaca a autora, que a dinâmica do processo de mudança lingüística corra à margem de uma movimentação social. Dessa movimentação fazem parte, segundo ela, velhas e conhecidas formas lingüísticas, saídas do léxico, que, uma vez imantadas segundo o processo da gramaticalização, deslizarão para a gramática. O processamento é, como aponta, bastante complexo, uma vez que, sem perder totalmente suas propriedades originais, ganham algumas outras peculiares da nova categoria que integrarão.

A autora acredita, portanto, que a grande motivação da gramaticalização é justamente o desejo do falante por expressividade. Para McMahon (1996, *apud* LIMA-HERNANDES, 2005), as palavras mais frequentemente utilizadas perdem sua força expressiva fazendo com que o falante recorra a outros elementos para gerar reforço de idéias. Para esse processo são mobilizados, segundo a autora, itens lexicais plenos/estruturas, que, por serem autônomos, podem esporadicamente ser incluídos numa determinada seqüência. Surtindo o efeito desejado, essa expressão passa a ser repetida de modo a se tornar obrigatória na construção, anteriormente opcional.

Segundo McMahon (1996, *apud* LIMA-HERNANDES, 2005), a forma é submetida a muitos processos de alteração constitucional. Essas alterações são principalmente decorrentes dos atritos provocados pela sua presença numa seqüência anteriormente autônoma. Assim, percebem-se alterações fônicas (prosódicas), semânticas (pela adjunção feita) com

conseqüências na sintaxe apresentada. Esse, contudo, é um processo bastante comum nas línguas, ainda que pouco perceptível, conforme a autora, em seus estágios iniciais.

Para Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991), a gramaticalização é iniciada por forças que estão fora da estrutura lingüística. Além disso, a criatividade requer, segundo os autores, falantes para manipular contextos e conceitos de uma forma que seja inteligível e, eventualmente, seja adotada pela comunidade de fala.

De acordo com Neves (1997), a motivação para a gramaticalização está tanto nas necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes, como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações lingüísticas adequadas, devendo observar-se, ainda, que novas formas gramaticais podem desenvolver-se a despeito da existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes.

Inventar novos rótulos, criar expressões simbólicas, compor e derivar novas expressões de formas lexicais e gramaticais já existentes e ampliar o uso de formas existentes para a expressão de novos conceitos, estratégias que incluem transferência analógica, metonímica, metafórica, são ações, portanto, que podem gerar, como observa Lima-Hernandes (2005), ampliação de usos lingüísticos. No entanto, somente a última ação descrita corresponde, segundo a autora, ao processo de gramaticalização, que prevê a ampliação de uso sintático-semântico de formas já existentes na língua: as formas vão diacronicamente assumindo funções pertinentes a palavras de outras categorias gramaticais.

A autora conclui que a grande motivação para tal dinâmica tem, como ponto de partida, falantes em situações reais de interação. É coerente, nessa linha de argumentação, defender que, numa fase inicial do processo, o item-fonte da gramaticalização vincula-se, segundo a autora, a um sentido/função mais concreto e, com o deslizamento categorial, sua abstratização é operada.

A gramaticalização tem sido estudada, segundo Hopper e Traugott (1993), a partir de duas perspectivas: a histórica e a sincrônica. Enquanto a primeira preocupa-se em investigar a origem das formas gramaticais e os passos típicos da mudança que elas sofrem, a segunda estuda, segundo os autores, o fenômeno do ponto de vista de padrões fluidos de uso da linguagem.

O primeiro uso do termo “gramaticalização” é atribuído a Antoine Meillet (1912), precursor dos estudos de gramaticalização. Para esse autor, a gramaticalização é definida como um processo de mudança lingüística, diacrônico e gradual, no qual elementos com sentido pleno são pressionados, em determinadas situações, a funcionar como elementos com sentidos gramaticais.

Meillet (1912) propõe a existência de três classes de palavras, as palavras principais (nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais), as palavras acessórias e as palavras gramaticais (essas duas últimas especificam o valor das palavras principais e regulam a gramática da língua, tendo como representantes preposições, conjunções e auxiliares), indicando que entre elas há uma transição gradual. A esse processo de transição ele chamou de *gramaticalização*. Essa, portanto, segue, segundo o autor, um curso unidirecional, pois palavras principais servem de base para a formação de palavras acessórias e gramaticais. Por essa razão que Meillet acredita no fato de que é o léxico que alimenta a gramática.

Em relação à unidirecionalidade da gramaticalização, Neves (1997) diz que essa é tida como uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida. Hopper e Traugott (1993) consideram o seguinte trajeto:

item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

Givón (1979), décadas depois, contribuiu para um novo campo de estudos na gramaticalização, ou seja, a pragmática discursiva. Por meio da análise de diversas línguas, defendeu a idéia de que as estruturas gramaticais de qualquer língua mudam em razão das necessidades do discurso. Com base nisso, o autor concluiu que as estruturas discursivo-pragmáticas gramaticalizam-se em estruturas sintáticas. Essa passagem, de um item pragmático para um item sintático, ele nomeou de *Sintatização*, sinônimo de Gramaticalização.

Givón (1979) afirma que esse é um processo diacrônico e cíclico, partindo-se sempre de um elemento do discurso, com a seguinte trajetória:

discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero

De acordo com o lingüista, a gramática é formada pelo movimento unidirecional da esquerda para a direita. Desse modo, Givón contribuiu para que o processo passasse a ser visto como uma reanálise, não apenas do material lexical em material gramatical, mas também dos padrões discursivos em padrões gramaticais. Assim, a passagem aconteceria, como aponta Neves (1997), no sentido do discurso para a manifestação zero, passando, sucessivamente, pela sintaxe, pela morfologia e pela morfofonêmica.

Convém ressaltar também o trabalho desenvolvido pelos alemães Heine, Claudi e Hünmeyer (1991) no campo da gramaticalização. Para eles, ela é definida como um processo em que uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical. Esse processo, segundo os autores, pode ser encontrado em todas as línguas e pode envolver qualquer tipo de função gramatical.

Por essa razão que a gramaticalização é definida, pelos autores, como um processo unidirecional, ou seja, parte de uma unidade menos gramatical para uma mais gramatical, sendo que o contrário não ocorre. Essa mudança lingüística é resultado, na análise deles, da interação entre operações cognitivas e pragmáticas e envolve a transferência de sentidos entre categorias, como pode ser observado na escala a seguir:

pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade
--

Heine, Claudi e Hünmeyer (1991) apontam, segundo Neves (1997), como básico na gramaticalização, o princípio que Werner e Kaplan (1963) denominaram “princípio da exploração de velhos meios para novas funções”. Por esse princípio, conceitos concretos são empregados, como explica a autora, para entender, explicar ou descrever fenômenos menos concretos, e entidades claramente delineadas/claramente estruturadas conceptualizam entidades menos claramente delineadas/menos claramente estruturadas: experiências não-físicas são entendidas em termos de experiências físicas, tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo, relações em termos de processos cinéticos ou de relações espaciais, etc.

Para Heine, Claudi e Hünmeyer (1991), a relação entre as categorias referidas acima é de natureza metafórica, ou seja, qualquer um deles pode servir para conceituar outra categoria à sua direita. A metáfora serve, segundo os autores, para relacionar conteúdos “mais abstratos” com conteúdos mais concretos através de domínios conceituais, onde os últimos são os veículos metafóricos para os primeiros. Os autores esclarecem que abstração do tipo metafórico refere a nossa forma de entender e conceituar o mundo que nos rodeia, pois objetos que estão próximos de nós são claramente estruturados e definidos, já que são menos “abstratos” do que objetos que estão mais distantes, menos claramente estruturados e /ou delineados.

O processo metafórico é, portanto, como atestam os autores, unidirecional, pois procede-se da esquerda para a direita, ou seja, uma determinada categoria é “mais abstrata” do que qualquer outra categoria à esquerda e esta “menos abstrata” do que qualquer coisa à sua direita.

Neves (1997) mostra que a base metafórica da gramaticalização pode ser depreendida também nesta apresentação das tendências apontadas como caracterizadoras da mudança semântica:

- 1) os significados baseados na situação externa passam a significados baseados na situação interna (avaliativa/perceptual/cognitiva);
- 2) os significados baseados na situação externa ou interna passam a significados baseados na situação textual (=coesiva);
- 3) os significados tendem a tornar-se cada vez mais baseados na atitude subjetiva do falante diante da situação. (NEVES, 1997, p.133)

No entanto, Heine, Claudi e Hünnmeyer (1991) afirmam que, embora a relação entre as categorias seja metafórica, ela deve também ser descrita como o resultado de extensões metonímicas. O termo “metonímia” é usado para designar um mecanismo de mudança no qual um elemento, por força do contexto lingüístico e pragmático, assume um novo significado.

Deve-se ressaltar que essa mudança não ocorre com a forma em si, mas com o todo do qual a expressão faz parte. Além disso, ela é pressionada pelo contexto lingüístico no qual o elemento está inserido, sendo que o valor novo que um dado item adquire emerge pela pressão de informatividade de um determinado contexto.

Para Neves (1997), as inferências também têm papel importante, pelas quais as implicaturas conversacionais se tornam explicitamente codificadas e participam do significado geral. Esse fato também é acentuado por Heine, Claudi e Hünnmeyer (1991), que mostram que, se a gramaticalização, de um lado, pode ser vista como generalização, e, portanto, como perda de alguns traços semânticos, de outro envolve algum ganho, com novos itens gramaticais representando funções não totalmente encontradas em seus antecessores. Portanto, traços semânticos podem não desaparecer, simplesmente, mas ser substituídos por traços pragmáticos.

É interessante dizer que Heine, Claudi e Hünnmeyer (1991) comentam que, até 1970, a gramaticalização foi vista, principalmente, como parte da lingüística diacrônica, como um meio de analisar a evolução lingüística, de reconstruir a história de um determinado idioma ou grupo lingüístico, ou de relacionar as modernas estruturas lingüísticas com os padrões anteriores de uso da linguagem.

Com base nisso, um dos principais méritos dos estudos de gramaticalização, a partir de 1970, foi a atenção que foi dada para o potencial que eles oferecem com um parâmetro explanatório para o entendimento da gramática sincrônica.

Neves (1997) explica que a questão “diacronia” versus “sincronia” liga-se à questão “caráter gradual” versus “caráter instantâneo da gramaticalização”. É gradual, segundo a autora, quando considerado do ponto de vista histórico. Embora se possa encontrar, em um determinado momento, uma estrutura substituindo completamente outra, por um considerável período de tempo coexistem, como afirma Neves (1997), a forma nova e a velha, que entram em variação sob diversas condições. Essa variação é o reflexo do caráter gradual da mudança lingüística. Isso pode ser notado com a própria estrutura de *que nem* quando assume a função semântica de comparação, coexistindo com o *como*, a de exemplificação, coexistindo com o *por exemplo* e a de conformidade, coexistindo com o *conforme/segundo*.

A gramática de uma língua, como esclarece Paul Hopper (1991), é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções e usos para formas já existentes. A noção de gramática emergente sugere, segundo Heine, Claudi e Hünnmeyer (1991), que a estrutura, ou regularidade, sai do discurso e é moldada por ele.

Hopper (1991) postulou cinco princípios para explicar o processo de gramaticalização. São eles:

- *Estratificação*: diz respeito a um domínio funcional mais amplo em que novas camadas estão sempre emergindo. Quando isso acontece, as camadas mais antigas não são descartadas, mas podem coexistir e interagir com as mais novas. É o caso da inserção de *a gente* no quadro pronominal brasileiro que coexiste com a forma pronominal *nós*. É o que acontece também com a construção *que nem* que, ao assumir os valores de comparação, exemplificação e conformidade, convive, como já dito, com outras formas que desempenham essas funções (*como*, *por exemplo*, *conforme/de acordo*, respectivamente)
- *Divergência*: quando uma forma sofre gramaticalização, tornando-se mais gramatical, ela pode conviver com a forma lexical original, podendo ainda permanecer como item autônomo. Um exemplo de divergência é o caso do verbo *ter*, pois ele se gramaticalizou como auxiliar em construções perifrásticas, mas ele ainda pode significar posse em construções simples, como: “Ele tem um apartamento”.
- *Especialização*: como a gramaticalização ganha espaço, há um estreitamento da variedade de escolhas formais e um número menor de formas selecionadas assume significados semânticos mais gerais. Há uma redução, portanto, da frequência textual de algumas formas que tendem a desaparecer eventualmente. Um exemplo desse princípio seriam, como aponta Santos (2008), os verbos *jazer/ser versus o estar*, em

que o *jazer* perdeu espaço para os outros dois, permanecendo no português contemporâneo somente em contextos muito específicos, como em túmulos (“Aqui jaz Fulano de Tal”). Os outros dois se especializaram e se tornaram auxiliares no decorrer do processo de gramaticalização. Assim, o que ocorre é que um número reduzido de construções compete entre si.

- *Persistência*: quando uma forma é submetida à gramaticalização, passando de uma função lexical para uma gramatical, alguns traços de seu significado original tendem a aderir a ela e detalhes da sua história lexical podem ser refletidos na sua distribuição gramatical, podendo haver restrições sintáticas para o uso dessa forma. É o caso novamente do verbo *ter*, pois o que se percebe é que algum traço do seu significado original (posse) ainda persiste, segundo Santos (2008), na formação da perífrase (tem comido). É o caso também do item *que* o qual possuía, como será visto posteriormente, traço de conjunção, permanecendo esse traço também na construção *que nem*.
- *Descategorização*: formas submetidas à gramaticalização tendem a perder ou neutralizar características de categorias como nome e verbo para assumirem propriedades características de categorias secundárias, como adjetivo, preposição, etc. Os verbos, por exemplo, passam da categoria de plenos para a de verbos auxiliares na formação de perífrases verbais.

Por fim, convém enfatizar que, para Traugott e Heine (1991), o termo gramaticalização se refere à parte da teoria da linguagem que se centra sobre a interdependência entre *langue* e *parole*, entre o categorial e o menos categorial, entre o fixo e o menos fixo na língua.

Neves (1997) observa que Sweetser (1988) prefere ver, no processo de gramaticalização, uma projeção metafórica que vai de um domínio (que é fonte) para outro (que é meta), e no qual há, ainda, aquisição de novo significado, o que descartaria a consideração da existência de dessemantização envolvida no processo.

Traugott e König (1991) esclarecem que têm existido algumas dificuldades no passado no pensamento sobre semântica-pragmática da gramaticalização, porque há uma suposição, pelo menos desde Meillet, de que gramaticalização envolve o enfraquecimento semântico, também conhecido como branqueamento. Os autores comentam que Heine e Reh, por exemplo, definem gramaticalização como uma evolução em que unidades lingüísticas perdem em complexidade semântica, significância pragmática, liberdade sintática e substância

fonética, respectivamente. A partir deste ponto de vista, gramaticalização é um tipo de empobrecimento, ou déficit.

No entanto, o fato de Traugott e König (1991) defenderem o envolvimento do falante no processo de gramaticalização, tendo uma acentuação do significado pragmático, não se pode entender a gramaticalização, portanto, como dessemantização, ou descoramento semântico. Para os autores, essa interpretação implica considerar a gramaticalização como uma espécie de empobrecimento, de perda de integridade dos itens.

O estudo da gramaticalização, portanto, põe em evidência, como afirma Neves (1997), a tensão entre a expressão lexical, relativamente livre de restrições, e a codificação morfossintática, mais sujeita a restrições, salientando a indeterminação relativa da língua e o caráter não-discreto de suas categorias.

Com base nessas questões, Neves (1997) aponta que o que se pode dizer sobre a gramaticalização, de modo geral, é que o processo, dinâmico e histórico na sua essência (embora a interpretação possa ser sincrônica), é unidirecional, com uma unidade menos gramatical na ponta de partida e uma unidade mais gramatical na ponta de chegada e, implicando, portanto, necessariamente, codificação nova. Trata-se da passagem, segundo ela, de menor para maior regularidade, e de menor para maior previsibilidade; e, afinal, no percurso de uma regularização, trata-se de uma passagem que torna o falante, num determinado ponto do enunciado, mais sujeito a determinações do sistema, e menos livre para escolhas nas quais possa exercitar sua criatividade.

A partir dessa breve explanação sobre a teoria da gramaticalização, é feita uma breve apresentação sobre alguns trabalhos que têm sido desenvolvidos no campo da gramaticalização.

2. REVISÃO DA LITERATURA SOBRE GRAMATICALIZAÇÃO

Para se explicar mudanças lingüísticas, muitos estudiosos têm se pautado nas pesquisas realizadas sobre gramaticalização. Atualmente, no Brasil, muitos trabalhos têm utilizado esse embasamento teórico a fim de esclarecer algumas mudanças na língua portuguesa. Serão apresentados, na seqüência, alguns estudos diacrônicos e sincrônicos sobre alguns itens da língua para que se possa compreender o estudo do processo da gramaticalização, assim como entender a questão da multifuncionalidade de *que nem* a partir de outros estudos que tratam sobre o mesmo assunto.

Entre os trabalhos desenvolvidos está o de Lopes (2003) que procurou descrever a evolução diacrônica de *a gente* a partir das especificações das entradas lexicais do substantivo *gente* e da forma pronominal *a gente*. Realizou, para isso, análises quantitativas em que, com base em dados do século XIII ao século XX, procurou verificar o percurso histórico da mudança categorial do substantivo *gente* para o pronome *a gente*, assim como buscou analisar, nos dados de fala do século XX (quando a gramaticalização já se efetivou), a variação entre *a gente* e *nós*.

Na análise do percurso histórico, em que se observou ocorrências de *gente* e *a gente*, a autora ressalta que a variante *a gente* não é, necessariamente, a forma pronominal, porque o substantivo, antes de se “cristalizar” como *a gente* pronominal, ocorria, segundo ela, precedido, ou não, de artigo definido. O intuito da autora é marcar cronologicamente a perda da flexão de número para o substantivo, tentando confirmar a evolução de *gente* > *a gente*.

Lopes (2003) constatou que, aparentemente, o traço formal de número, registrado pela sintaxe, se perdeu com o tempo. Assim, evidenciou que o substantivo *gente* apresentava as propriedades caracterizadoras do nome por ser empregado com a subespecificação de número, ou seja, podia ser usado, segundo a autora, tanto no singular quanto no plural (estas gentes). O uso de *gente*, apenas no singular, ganha terreno ao longo do tempo, firmando-se, como atesta Lopes (2003), como uso categórico no século XX e consolidando-se, portanto, como pronome.

A partir de sua análise sobre o percurso histórico de *gente* > *a gente*, a autora verificou que o processo de pronominalização do substantivo *gente* foi lento e gradual, pois só foram localizadas ocorrências de *a gente* como pronome no século XVIII. Além disso, ela destaca que, a partir do século XVI, localizaram-se mais intensamente exemplos em que a forma

gente apresenta ambigüidade interpretativa, ou seja, em que tanto pode ser considerada sinônimo de “pessoas” quanto variante de *nós*.

Convém dizer que no período arcaico, embora seja utilizada apenas como substantivo, a forma *gente* perde, segundo a autora, gradativamente a subespecificação de número na medida em que se pronominaliza, ou seja, perde uma das principais propriedades do substantivo, que é a presença do traço de número formal. Assim, os resultados da pesquisa evidenciam, conforme Lopes (2003), que o substantivo *gente* apresentava as propriedades caracterizadoras do nome, pois podia ser usado tanto no singular (*esta gente*) quanto no plural (*estas gentes*). No entanto, a partir do século XVI, a perda do traço de número plural é acelerada, atingindo 100% no século XX.

A autora também realizou uma análise em tempo real de curta duração, procurando verificar, com dados de fala, a oposição entre o uso de *nós* e o de *a gente*. Concluiu que a forma *nós*, por pressupor necessariamente “eu + alguém”, leva mais frequentemente o predicativo para o plural, porque o conceito de “mais de um” é inerente a sua estrutura conceptual. A forma *a gente*, por sua vez, embora também inclua “o falante e mais alguém” é, como defende Lopes (2003), uma forma genérica por natureza e herdou do substantivo *gente*, do qual deriva, o traço formal de número singular. Por essa razão, em oposição ao pronome *nós*, a forma gramaticalizada *a gente* tende, conforme a autora, a se combinar com predicativos no singular, que se caracterizam como forma não-marcada de número em português, como pode ser verificado nos exemplos abaixo:

- (1) pessoas de mais idade porque *a gente* se sente muito insegura (NURC)
- (2) todos *nós* registrados somos filiados ao INPS (NURC)

Segundo a pesquisa, a autora confirmou, na análise de tempo real de longa duração, a gramaticalização de *a gente* que passa, a partir do século XX, a se comportar como os outros pronomes pessoais (*eu, tu/você, ele/ela*), ou seja, torna-se, como atesta a autora, subespecificado semanticamente quanto ao gênero, tendendo a combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino, dependendo do sexo do referente. No entanto, deve-se destacar que quando há o traço de número plural, contudo, a concordância com o masculino parece ser, na análise de Lopes (2003), a mais produtiva, principalmente nos casos em que o falante se refere a um grupo misto de pessoas ou quando a referência é genérica.

Assim, Lopes (2003) acredita que, no processo de pronominalização, a forma substantiva *gente* perde gradativamente seus privilégios sintáticos de categoria nominal, como

o fato de poder ser determinada por anteposição, posposição ou anteposição-posposição simultânea de especificadores dentro do sintagma nominal, ou seja, passa a ter uma posição mais fixa no sintagma nominal, tendendo a ocorrer, como acontece mais freqüentemente com os outros pronomes pessoais, isolado no sintagma nominal e sem modificadores internos, diminuindo, portanto, sua variabilidade sintática.

Outro trabalho referente ao caso da gramaticalização de *a gente* no português brasileiro está o de Borges (2004) que analisou a fala de personagens de onze peças de teatro de autores gaúchos, correspondente a um período de cem anos (1896 até 1995) e fala de sessenta indivíduos das cidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas por meio de entrevistas realizadas em 2000 e 2001. Borges (2004) concluiu, entre outras coisas, que a gramaticalização de *a gente*, em variação com *nós*, decorre de vários processos de mudança concomitantes e inter-relacionados (mudança semântica, sintática, morfológica e fonológica) motivados também por fatores sociais. Segundo ele, a gramaticalização de *a gente* estaria atrelada a quatro mudanças inter-relacionadas, presentes nesse processo:

- Estágio inicial da mudança com variabilidade de concordância em número e gênero da forma original *gente*;
- Introdução de *a gente* com uso genérico;
- Inserção de *a gente* no quadro pronominal, com a devida aceleração da substituição de *nós* por *a gente*, acompanhada da pessoalização de *a gente* em função do seu uso específico;
- Mudança em direção à redução da forma *a gente* para *a 'ente ~'ente*.

O mapeamento histórico-discursivo do uso de *a gente* realizado pelo autor revelou que já havia, no português arcaico (entendido no referido trabalho como o período que compreende as manifestações escritas da língua portuguesa referentes aos séculos XIII, XIV, XV), um processo inicial e variável de número e gênero associado à forma *gente*, como pode ser verificado nos exemplos abaixo citados pelo autor:

Concordância de número:

- (3) No que o moço cantava o judeu meteu mentes,
E levó-lo a ssa casa, pois se foram **as gentes**. (Cantigas de Santa Maria)

Concordância referente ao gênero gramatical, associada ao substantivo feminino *gente*:

(4) Tomarem o seu porto tanta preza

Quando **a gente** *fortíssima* merece. (Lusíadas)

A cristalização de *a gente* como pronome decorre, portanto, segundo Borges (2004), desse processo variável, juntamente com a aquisição de traços semânticos próprios a primeira pessoa do plural. A forma *a gente*, inicialmente de caráter genérico, pessoaliza-se e passa, conforme o autor, a competir com a forma *nós*, também nos contextos de referência específica. O autor constatou, portanto, que o percentual de *a gente* é superior ao de *nós* nas duas comunidades gaúchas e a introdução de *a gente* na língua portuguesa contribuiu tanto para a simplificação do paradigma verbal como para a reestruturação do sistema pronominal.

Felício (2008) também realizou um estudo sobre gramaticalização baseado em dados sincrônicos e diacrônicos do português com o intuito de investigar o processo de mudança responsável pelas alterações sintáticas e semânticas da conjunção concessiva *embora*, que teve, de acordo com a autora, sua origem na locução adverbial temporal *em boa hora*, utilizada para desejar bom augúrio no século XV.

Por meio dessa pesquisa, a autora reconstruiu os usos diacrônicos de *embora* ao longo da história do português, observando os contextos que foram responsáveis pelas mudanças sofridas pelo item a fim de encontrar razões históricas para o uso na sincronia atual.

Assim, a autora confirmou a hipótese de que a formação *embora* é um caso de gramaticalização, pois teve seu significado abstratizado, com ganho de expressividade e (inter)subjetividade, passando a atuar em um nível mais gramatical. Além disso, constatou que o item passou por vários mecanismos de gramaticalização, como automatização, redução fonética, generalização de significado por metáfora e pragmatização de significado por metonímia.

Em relação à análise sincrônica realizada pela autora, esta notou que o uso conjuncional é mais freqüente na escrita, em textos formais e, quando freqüentes na fala, o grau de escolaridade e a idade do informante parecem influenciar, segundo a autora, o uso nessa modalidade. No entanto, constatou que o uso do advérbio é mais comum na modalidade falada, especificamente em textos narrativos. Quando o advérbio é usado na escrita, a autora verificou que os textos mais informais, como o dramático, parecem influenciar esse uso.

Sintaticamente, a autora afirma que a conjunção compartilha características sintáticas com os advérbios, como mobilidade posicional dentro da oração concessiva. Por isso, o item,

na opinião da autora, não apresenta um grau avançado de gramaticalização como as conjunções *se* e *mas*.

Deve-se dizer que o sentido concessivo foi totalmente convencionalizado, segundo Felício (2008), no século XIX, não ocorrendo, segundo ela, dupla interpretação entre tempo e concessão. Nesse mesmo período, o item apresentou, de acordo com a autora, comportamento de conjunção e preposição, estabelecendo relações entre porções maiores e menores do enunciado.

Por meio da descrição dos dados diacrônicos, a autora observou a evolução de seus usos ao longo dos séculos, apontando contextos que favoreceram as leituras de tempo, concessão e de ambigüidade, permitindo, portanto, uma visualização da trajetória de mudança responsável pelo surgimento da concessiva *embora* e seu ganho de expressividade. Dessa maneira, os dados do século XIX, analisados pela autora, permitiram verificar a mudança categorial já instaurada e o significado de *embora* pragmatizado com relação às ocorrências do século XV.

Entre as pesquisas sobre o processo de gramaticalização encontra-se também o trabalho de Silva (2008), que desenvolveu um estudo diacrônico de natureza quantitativa em textos escritos do português arcaico, moderno e contemporâneo e em um *corpus* oral do dialeto mineiro sobre o item *onde*. O objetivo da pesquisa, segundo a autora, consistiu em descrever a trajetória do *onde* no português e investigar se, ao se gramaticalizar, o item desempenha três funções distintas: adverbial (em que o item não se refere a nenhum termo da sentença), relativa (em que o *onde* funciona como anafórico, retomando um termo anterior) e conectiva (no qual o item é usado para evidenciar relações de idéias) ou se vem se especializando em alguma dessas funções.

A autora esclarece que, no caso de o *onde* se especializar nas funções mais gramaticais, isto é, a relativa e a conectiva, uma hipótese inicial seria a de que a forma *aonde* passaria a exercer a função adverbial perdida pelo *onde*.

Entre os resultados da pesquisa apresentados por Silva (2008) tem-se que o item *onde*, em seu caminho de mudança lexical > gramatical > mais gramatical, sofre interferências de outros itens da língua, pois, ao analisar os dados quantitativos, notou que, no português moderno, o *onde* apresentou baixa frequência em detrimento do *aonde* que foi altamente produtivo.

Nos dados da fala, a autora observou que o *onde* se mostrou pouco produtivo tanto na função relativa quanto na conectiva, pois, na primeira, encontrou um grande número de ocorrências com o pronome relativo *que*, concluindo, portanto, que a sua expansão na

oralidade é barrada pelo conectivo *que*. Na função conectiva foram encontradas, conforme a autora, várias ocorrências com o *então*, o que mostra, em sua análise, que o *onde* também encontrou concorrentes na fala. A autora afirma que essas constatações dizem respeito ao princípio da estratificação proposto por Hopper (1991), segundo o qual formas variantes, com funções equivalentes, convivem em uma mesma sincronia.

Por meio desse trabalho, Silva (2008) concluiu que o item *onde*, a partir de uma função lexical (como advérbio de lugar), evoluiu passando a desempenhar uma função gramatical (como pronome relativo) e, embora de maneira muito pouco produtiva, uma função ainda mais gramatical (como conjunção intersentencial).

Outro trabalho desenvolvido no campo da gramaticalização é o estudo da multifuncionalidade da forma *já*, desenvolvido por Câmara (2006) que procurou identificar as várias funções do item no português brasileiro falado culto, com base no contexto lingüístico e, sobretudo, no contexto interacional, utilizando-se, para isso, um enfoque funcionalista, assim como uma abordagem de acordo com o ponto de vista do paradigma da gramaticalização, pois algumas funções dispõem, segundo a autora, de características mais “gramaticais” que outras, sugerindo, como aponta Câmara (2006), uma trajetória de advérbio à conjunção correlativa e à marcador discursivo.

A autora verificou, portanto, com esse trabalho, que uma das características mais relevantes da multifuncionalidade de *já* reside na possibilidade de se dispor as formas em um *cline* de gramaticalização, que representa um processo de abstratização contínuo, confirmando um *continuum* de gramaticalidade possível que inicia no advérbio de tempo e de aspecto, como item lexical, e passa, segundo ela, para outras funções discursivas, como a de conjunção correlativa e de marcador discursivo.

Dal Mago e Görski (2002) desenvolveram, por sua vez, um estudo sobre a multiplicidade de funções que a expressão *quer dizer* vem assumindo no discurso oral, dependendo, segundo as autoras, das necessidades do falante e do contexto em que o item lingüístico se encontra.

As autoras perceberam com o estudo que, à medida que *quer dizer* se gramaticaliza, vai perdendo gradativamente os seus atributos de verbo pleno, modal e auxiliar e ganhando características de articulador textual ou conector. As autoras encontraram as seguintes funções para o item: esclarecedor ou retomador (retoma uma idéia para dar ênfase), explicativo (acrescenta informações explicativas), conclusivo (quando o item é seguido de um comentário resumitivo/avaliativo), atenuador (para modalizar o discurso), retificador de conteúdo (usado pelo falante para corrigir a mensagem) e retificador de forma (quando o falante corrige a

forma por meio de outra estrutura). A função de preenchedor de pausa, que se encontra no âmbito mais interacional e, portanto, mais abstrato e distante da significação original (verbo pleno), encerra, conforme as autoras, o quadro de funcionamento de *quer dizer*.

As autoras deixam claro que os limites para o estabelecimento de uma ou outra função não são estanques e que os usos do *quer dizer* dependem do contexto de fala e das necessidades dos falantes.

Embora os quatro primeiros trabalhos citados relatam um estudo diacrônico e a presente pesquisa sobre *que nem* centra-se em um estudo sincrônico, eles contribuem para um entendimento amplo e crítico sobre o processo de gramaticalização. Os trabalhos sobre o item *já* e *quer dizer*, por sua vez, foram citados por se aproximarem do estudo de *que nem*, uma vez que tratam sobre a multifuncionalidade dos respectivos itens na língua portuguesa.

A seguir, são feitas algumas considerações a respeito da metodologia de pesquisa usada para o desenvolvimento do trabalho sobre o funcionamento de *que nem* na língua. Em seguida, são apresentadas algumas reflexões sobre os deslizamentos funcionais da construção em questão.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a pesquisa foram selecionadas ocorrências do banco de dados IBORUNA, fruto do projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista), desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional do IBILCE/UNESP, entre os anos de 2002 e 2003, com o objetivo de constituir um banco de dados com amostras de fala sistematicamente controladas por variáveis sociais, e representativo, portanto, do dialeto falado no interior paulista, mais especificamente na região noroeste do Estado de São Paulo. Os informantes, que cederam suas amostras de fala, são provenientes das seguintes cidades: Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiranga, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto.

Dois princípios fundamentais serviram de suporte técnico-metodológico aos trabalhos decorrentes desse projeto:

- a concepção de linguagem como um instrumento de comunicação e de interesse social;
- o estabelecimento de um objeto de estudos baseado no uso real, o que não significa admitir separações entre sistema e uso, como preconizam as correntes formalistas.

O banco de dados desse projeto, coordenado pelos professores Sebastião Carlos Leite Gonçalves e Luciani Ester Tenani, é composto de dois tipos de amostras de fala:

- **Amostra Comunidade (ou Amostra Censo), AC:** reúne 152 amostras de fala controladas sociolingüisticamente. A cada amostra correspondem cinco arquivos sonoros, um arquivo com dados da ficha social do informante, um arquivo de transcrição e um arquivo com registros do diário de campo.
- **Amostra de Interação Dialógica, AI:** comporta amostras de fala coletadas secretamente em situações livres de interação social. A cada amostra corresponde um arquivo sonoro, um arquivo com dados da ficha social dos informantes, um arquivo de transcrição e um arquivo com registros do diário de campo.

Como o objetivo da pesquisa é descrever as funções que a construção *que nem* tem assumido na fala, o banco de dados IBORUNA tornou-se relevante para o desenvolvimento da pesquisa por conter registros de fala em situações informais, favorecendo, assim, a observação do uso da construção, uma vez que essa se encontra presente mais no discurso oral, embora o dicionário Houaiss cite *que nem* como uma conjunção com valor comparativo.

Foi feita, primeiramente, uma busca das ocorrências do item em questão na Amostra Censo e na Amostra de Interação. Foram encontradas 156 ocorrências do item nas funções: comparativa, exemplificativa, conformativa e de marcador discursivo, sendo que as duas primeiras apresentaram uma maior incidência.

Para confirmar os valores semânticos da construção *que nem* na língua, foi utilizado o *método da substituição*, proposto por Maat e Sanders (2000 *apud* GALBIATTI, 2008) que contribui para verificar se o conectivo *que nem* poderia ser substituído por outro. Dessa forma, a construção *que nem* foi substituída por outros conectivos (*como, por exemplo, conforme/segundo*) para observar se a seqüência continuava sendo aceita, confirmando, portanto, o valor semântico adquirido por *que nem*.

Para realizar a análise dos dados, foram utilizados os métodos de investigação quantitativa e qualitativa. Primeiramente, foram quantificadas as ocorrências de *que nem* em cada função proposta para análise com o objetivo de verificar a frequência em cada uma delas. Os resultados estatísticos colaboraram para se ter uma idéia da frequência de usos de *que nem* dentro da amostra de dados analisada, contribuindo também para a análise qualitativa que procurou examinar o tipo de relação semântica que a construção *que nem* explicita em suas ocorrências:

- Valor de comparação;
- Valor de exemplificação;
- Valor de conformidade;
- Valor pragmático (marcador discursivo);
- Valor polissêmico (possibilidade de mais de uma interpretação).

A seguir, têm-se exemplos das funções descritas acima. É preciso deixar claro, primeiramente, que todos os exemplos do IBORUNA foram escritos conforme a transcrição do banco de dados citado. Por essa razão, marcações como, ::, (), ..., representam, respectivamente: alongamento vocálico, omissão de sons e pausa. Além disso, as siglas AC e

AI correspondem, respectivamente, a: Amostra Censo e Amostra de Interação, como já foram descritas acima. O número após as siglas indica o número de referência da ocorrência.

Comparação:

(5) Inf.: a cidade é uma cidadezinha que::ta pacata... num é uma cidade... assim que eu vô te dizê(r) po cê **que nem** São José do Rio Preto uma cidade movimentada... é uma cidadezinha cheia de barzi::nhos pra::ça... então é um lugar gostosinho pa gente passeá(r)... tem cine::ma tem loji::nhá... tem barzi::nho... tem várias pra::ça... então É uma cidadezinha pequena... as casi::nhá é tudo casinha de ba::rro num é essas casinha **que nem** hoje... de cimento essas coisa... o povo antigo fazia casinha de barro... e até hoje Varias casinha que tem lá são de barro não ao de tijolo... então acho que é por isso q/ acho que é porque a casinha é tão gostosa é tão simples... que eu gosto de ficá(r) lá... (AC-068)

Exemplificação:

(6) Inf.: ...me chama mais o espiritismo me chama mais... então agora eles num são a favor assim eles são são a favor... o aborto... você tem que evitá(r)... cê num pode tirá(r)... cê entendeu?... então hoje **que nem** eu tenho meu filho ele tem quatorze anos se ele engravidasse uma menina... não que eu queira sê(r) avó... cê entendeu?... não num quero:: eu quero que ele che/chegue complete a vida dele né?... eu sô(u) contra o aborto... (AC-100)

Conformidade:

(7) Inf.: [não eu acho que prime(i)ro... acho que prime(i)ro a gente] tem que pegá(r) da Internet... e lê(r) o trabalho né? pra vê(r) se ficô(u) **que nem** a professora pediu você num pode... por exemplo lê(r) o título tá igual que ela pediu imprimir(r) e já num lê(r)... (AC-037)

Marcador discursivo:

(8) Doc.: M... me conta uma história que aconteceu COM VOCÊ

Inf.: éh::... **que nem**... teve um dia que/ que... que eu tava em::... em Mirassol né? tava tava trabalhan(d)o... aí:: eu/ eu cheguei num é num é::... numa casa né?... e to lá...[...]
(AC- 033)

Valor polissêmico- exemplificação e marcador discursivo:

(9) Doc.: no::ssa... e:: qual que é sua opi/ que que você acha sobre a escola?
Inf.: ah bom... eu acho que:: bom estudá(r) né? pa:: pessoa tê(r) um futuro melhor... sei lá uhm... porque o tempo tam(b)ém que:: **que nem**:: eu me(s)mo to desempregado oh... fica até melhor que daí o:: tempo que eu fico à toa em casa é o tempo d'eu vim... na escola estudá(r) e:: voltá(r) no o(u)tro dia retorná(r) tudo de novo (AC-031)

Valor polissêmico – comparação e marcador discursivo:

(10) (CASO DE ESTUPRO)

Inf.1: mas eu acho tão errado se você pega uma criança pa olhá(r)... CARAMba como você pode largar o L. e vai trabalhá(r)?... uai se eu pego uma criança pa olhá(r) eu tem que sê(r) responsável com aquilo... só que ela nunca imaginô(u) que um homem vai fazê(r) isso né?... porque a gente num imagina né?

Inf.2: ah:: num imagina é?

Inf.1: porque o pai fazê(r) [**que nem** o que acontece o caso do pai se acha que a mãe sai]

Inf.2: [e eu olha... o cara... o cara] não devia de tê(r) feito isso porque:: uma criança de três anos e ele com... num sei se é quarenta e dois quarenta e três (AI-002)

É preciso observar que algumas variantes sociais foram consideradas na constituição do *corpus* IBORUNA, como: idade, escolaridade, sexo e renda. No entanto, para a coleta das ocorrências de *que nem* não foram usados critérios de cunho social, pois o objetivo foi verificar a forma como os falantes utilizam a construção. Assim, foi feita uma pesquisa geral nos inquéritos para encontrar todas as ocorrências em que *que nem* está sendo usado com os novos valores citados anteriormente.

A frequência total de *que nem* nas quatro funções é mostrada no gráfico a seguir:

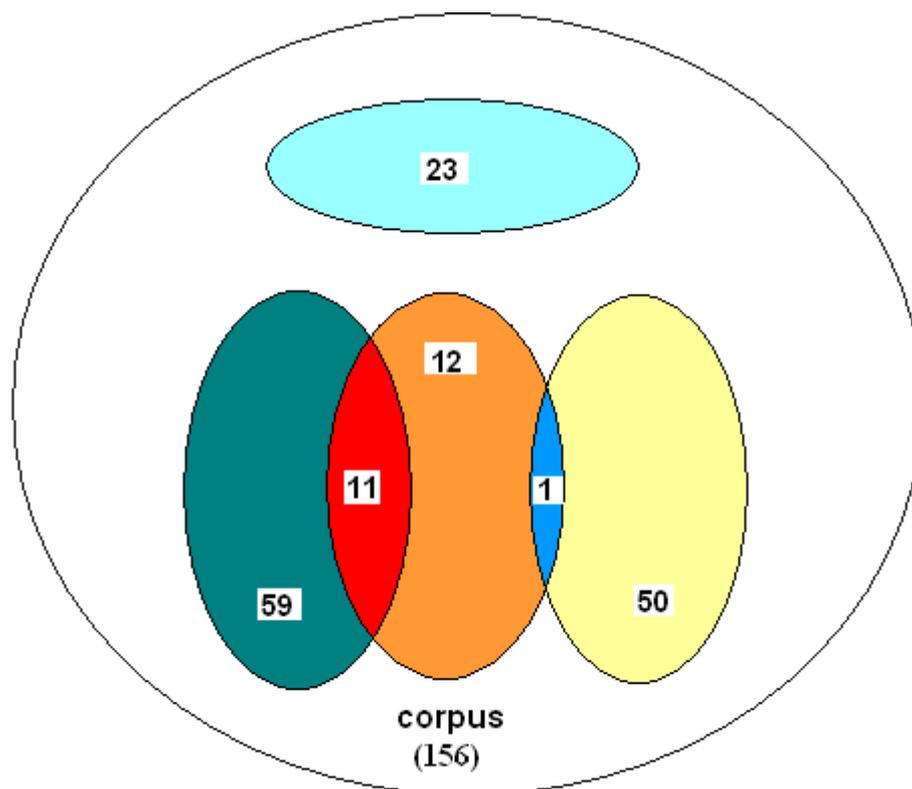
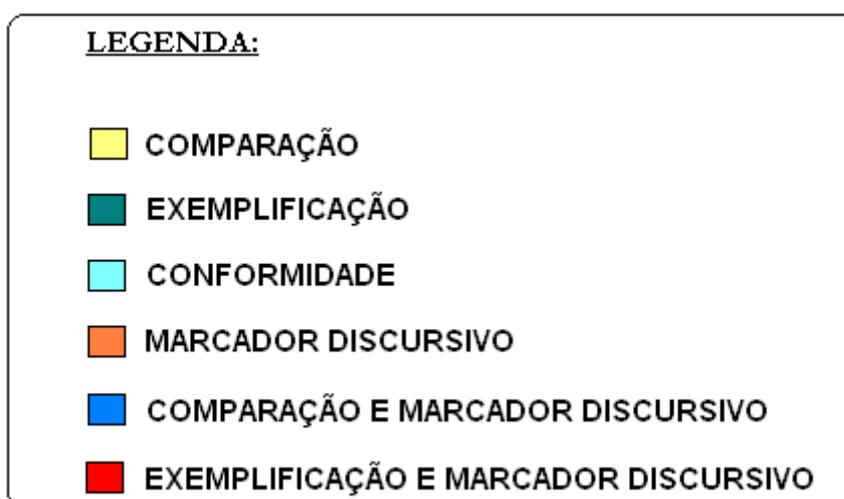


Gráfico 1: Quantidade de que nem em relação às funções



Com base no gráfico, observa-se que, do total de 156 ocorrências, 59 mostraram *que nem* exercendo a função de exemplificação, 50 a de comparação, 12 a função de marcador discursivo e 23 de conformidade. Além desses casos, foram encontradas 12 ocorrências que mostraram *que nem* com valor polissêmico: 11 ocorrências em que ele pode ser interpretado com o valor de exemplificação ou de marcador discursivo e 1 ocorrência em que assume o valor de comparação ou de marcador discursivo.

Nota-se que, embora a função comparativa seja a única apresentada por alguns autores em relação à construção *que nem*, nos dados coletados houve uma frequência maior da função de exemplificação. No entanto, esse fato não basta para afirmar que a função exemplificativa esteja mais gramaticalizada que a função comparativa, pois o contexto e a situação comunicativa favorecem determinados usos em detrimento de outros.

Na seção seguinte é realizada uma discussão acerca dos itens que compõem a construção *que nem* e sobre o resultado de uma investigação que procurou observar se essa construção é reconhecida por alguns autores e gramáticas da Língua Portuguesa e o modo como eles a classificam em termos de aspectos normativos e descritivos.

4. ASPECTOS NORMATIVOS E DESCRITIVOS DE *QUE*, *NEM* E *QUE NEM*

Para compreender o funcionamento e usos que *que nem* tem adquirido na língua, tornou-se interessante realizar uma pesquisa sobre como os itens *que* e *nem* são classificados, por alguns autores, na língua portuguesa segundo seus usos.

4.1 *QUE*

Houaiss (2001) atribui ao *que* diversas funções, como: pronome relativo, possuindo dupla função: 1) como pronome, substitui um antecedente, nome ou pronome, assumindo-lhe as funções próprias, como no caso a função sujeito de “átomo” na frase: “Átomo, *que* significa indivisível, já não pode ser entendido assim”; 2) como relativo (conjunção subordinativa) confere à oração que inicia a função de adjetivo, por exemplo: “O bangalô *que* acabaram de construir receberia novos hóspedes”, em que “que acabaram de construir” equivale a “recém-construído”; pronome indefinido: “*Que* significa esse rabisco?”, conjunção integrante, confere à oração subordinada as funções próprias do substantivo: “É necessário *que* fique bem claro”, em que “fique bem claro” é sujeito da frase citada; conjunção adverbial, conferindo à oração subordinada diversos valores, como: conjunção causal: “Já *que* as pernas lhe tremiam, sentou-se”; conjunção final: “Afastaram-se para *que* outros não os ouvissem”, conjunção concessiva: “Ainda *que* lhe pagassem, jamais comeria carne de cobra”; conjunção condicional: “Desde *que* preferia a noite ao dia, ofereceram-lhe um jantar”; conjunção temporal: “Sempre *que* liga a televisão, adormece”; conjunção proporcional: “À proporção *que* as autoridades iam se retirando, os trabalhadores ficavam mais descontraídos”; conjunção comparativa, destacando aqui o fato de o autor dizer que, nesse caso, expressa superioridade e inferioridade além da idéia de igualdade, lançando, nesse caso, o uso de *que nem* no seguinte exemplo: “É teimoso *que nem* o pai”; conjunção consecutiva, em construção descontínua que correlaciona duas orações (tal, tanto, tão, tamanho...que): “Era tal o seu entusiasmo *que* acabou contagiando todos.

Além disso, *que* também atua como conjunção coordenativa, pois liga vocábulos ou orações do mesmo nível sintático, atribuindo ao termo que inicia diversos sentidos, como: conjunção explicativa: “Espere um pouco *que* a chuva já vai parar”; conjunção aditiva: “Luta

que luta com tenacidade admirável”; conjunção alternativa: “Chova *que* faça sol, compareçam”. Uma última função apresentada por Houaiss sobre *que* é a função de advérbio, exprimindo intensidade: “*Que* bela estava aquela noite”.

É interessante dizer que *que* vem do latim *quid* que, segundo Torrinha (1945), é a forma nominal *quis*. De acordo com o autor, *quis*, *quae* trata-se de um pronome interrogativo: *Quem? Qual? Que pessoa? Que coisa? Que? De que espécie? De que qualidade? Como?*; ou indefinido: *algum, alguma, alguém, alguma coisa, cada um, cada qual*.

Luft (1976) afirma que a partícula *que* é o morfema que maior variedade morfossintática apresenta, pois representa diversas classes de palavras e pode exercer grande número de funções, talvez, por esta razão, a construção *que nem* também apresenta uma multifuncionalidade na língua oral. As funções de *que*, destacadas pelo autor, são as seguintes: pronome interrogativo, pronome relativo, pronome indefinido, advérbio de intensidade, preposição (quando vale por *de*), substantivo, conjunção (aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, temporal, final, condicional, concessiva, comparativa, conformativa e integrante), partícula expletiva.

Além disso, o autor deixa claro que *que* entra como elemento final e caracterizador de inúmeras locuções conjuntivas (*antes que, para que, se bem que*, etc) e também adquire funções sintáticas de: substantivo, pronome adjetivo, advérbio de intensidade e de preposição e conjunção, sendo conectivo. Quando partícula expletiva, só tem função estilística, não gramatical.

Por meio de uma consulta em gramáticas normativas, observou-se que, em Cunha (1972), *que* é classificado como: conjunção explicativa, final, temporal, comparativa, consecutiva e integrante, como segue abaixo:

As explicativas ligam duas orações, a segunda das quais justifica a idéia contida na primeira. São as conjunções *que, porque, pois, porquanto*, em exemplos como:

(11) “Vamos dormir, *que* é tarde.” (M. de Assis)

Finais (iniciam uma oração subordinada que indica a finalidade da oração principal): *para que, a fim de que, porque* [= *para que*], *que*:

(12) “Fiz-lhe sinal *que* se calasse...” (M. de Assis)

Temporais (iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo): *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que [= desde que]*, etc:

(13) “Implicou comigo assim *que* me viu.”

Comparativas (iniciam uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação, de um confronto): *que, do que* (depois de *mais, menos, maior, menor, melhor, pior*), *qual, quanto* (depois de tanto), *como, assim como*.

(14) “Parece mais agitado *que* de costume.” (A. M. Machado)

Consecutivas (iniciam uma oração na qual se indica a conseqüência do que foi declarado na anterior): *que* (combinada com uma das palavras *tal, tanto, tão* ou *tamanho*, presentes ou latentes na oração anterior), *de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que, etc*.

(15) “A estrela que nasceu tinha *tanta* beleza *que* voluntariamente a elegeu minha sorte.” (C. Meireles)

Integrantes (servem para introduzir oração que funciona como sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal ou aposto de outra oração): *que e se*:

(16) “Não sei se você reparou *que* não há felicidade má.” (A. Peixoto)

Cunha (1972) chama a atenção, em sua gramática, para o fato de que a conjunção *que*, assim como outras (*se, como, porque*, etc), pode pertencer a mais de uma classe. Em verdade, o valor desses vocábulos gramaticais está condicionado, segundo o autor, ao contexto em que se inserem, nem sempre isento de ambigüidade, pois que há circunstâncias fronteiriças: a condição da concessão, o fim da conseqüência, etc.

Para Bechara (2006), *que* desempenha na língua a função de conjunção causal (= *porque*), conjunção final (= *para que*), pronome interrogativo, pronome relativo (se refere a um termo anterior chamado antecedente). Segundo o autor, o pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome,

funciona também como transpositor de oração originariamente independente e adjetivo. E aí tal oração adjetiva exerce função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente.

4.2 NEM

Da mesma forma que se procurou verificar o modo como gramáticos e lingüistas analisam o funcionamento de *que*, foi feito também em relação a *nem*.

Houaiss (2001) descreve *nem* como conjunção, pois serve para ligar palavras e orações negativas, indicando: adição e alternância. Como advérbio, exprime negação: “nem pense em fazer isso”. Além disso, pode apresentar os seguintes sentidos: sequer, ao menos, nem mais nem menos, nem que (mesmo que, apesar de) e o sentido que se procura investigar na fala com a presente pesquisa: sentido de comparação, quando junto com *que* – *que nem* (do mesmo modo que, como - estúpido *que nem* uma galinha/ falava *que nem* um Francês).

Deve-se dizer que *nem* veio, conforme Torrinha (1945), do termo *nec* (forma reduzida de *neque* [ne- + -que]), conjunção e advérbio do latim, que significava *não*, *nem*.

Para Luft (1976) a conjunção *nem* equivale a uma transformação de “e... não”, como pode ser observado abaixo:

(17) Pedro não lê e Pedro não escreve.

(18) Pedro não lê *nem* escreve.

(19) Pedro não escreve e Paulo não escreve.

(20) *Nem* Pedro *nem* Paulo escreve(m).

A partir das descrições feitas pelos dicionários, foi fundamental investigar o que dizem os gramáticos e lingüistas sobre *nem*.

Cunha (1972) não cita *nem* como advérbio de negação, apenas *não*. *Nem* aparece na classificação das conjunções aditivas e alternativas, como será visto a seguir.

O autor afirma que as conjunções coordenativas se dividem em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas. As aditivas servem, segundo ele, para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função. São as conjunções *e*, *nem* [= não]:

(21) “Deram o braço *e* desceram a rua.” (M. de Assis)

(22) “Não te ponhas a reprová-los *nem* a aplaudi-los.” (A. M. Machado)

As alternativas ligam dois termos ou orações de sentido distinto, indicando que, ao cumprir-se um fato, o outro não se cumpre. São as conjunções *ou* (repetida ou não) e, quando repetidas, *ora*, *quer*, *seja*, *nem*, *já*, etc. No entanto, o autor não apresenta nenhum exemplo com a conjunção *nem*.

(23) “Na guerra é preciso matar *ou* morrer.” (M. de Assis)

Mais recentemente, Neves (2000) lançou a *Gramática de Usos do Português* em que esclareceu, entre outras coisas, a coordenação com *nem*. Tanto *nem* quanto *e* marcam, segundo ela, uma relação de adição entre os segmentos coordenados, com a diferença de que *nem* adiciona segmentos negativos ou privativos.

(24) Detetives **não** acharam rastro de Eurico *nem* da Bertolazzi.

Diferentemente de *e*, *nem* pode construir-se em correlação, e, assim, ocorrer, como mostra a autora, já no primeiro dos (dois ou mais) segmentos negativos postos em relação de adição. Nessa primeira posição, *nem* compõe com o segundo *nem* a correlação aditiva negativa.

(25) *Nem* a virtude, *nem* a modéstia contribuíram para a minha defesa naquele difícil transe.

Embora a conjunção *nem* componha por si uma oração negativa, pode ocorrer de ela seguir-se, segundo Neves (2000), de um elemento de negação. Numa ocorrência desse tipo, fica acentuado o caráter negativo do coordenador *nem*.

(26) Não tenho a menor idéia dos crimes de que me acusa. *Nem* nunca soube que tivesse sido baronete – disse com certa vaidade Beautemps.

Como qualquer conjunção coordenativa, *nem* só ocorre, como afirma Neves (2000), entre segmentos do mesmo estatuto, podendo coordenar: sintagmas, orações e enunciados, o que pode ser verificado, posteriormente, também com *que nem*.

Além disso, na opinião da autora, é evidente o estatuto de advérbio de *nem* nas construções em que esse elemento vem precedido de *e*, compondo-se o valor aditivo negativo “e também não”:

(27) Os órgãos de seguranças já avisaram que *não* permitirão concentrações ou protestos nas ruas em que passar a comitiva oficial *e nem* na praça Matriz onde fica o Palácio do Governo.

Como no caso de qualquer coordenador, entretanto, há, ainda, aspectos especiais marcados pelo uso de *nem*. Assim, segundo a distribuição, o valor semântico de *nem* tem, conforme Neves (2000), especificações. Iniciando sintagmas, orações ou enunciados, *nem* pode indicar:

- a) adição de unidades do sistema de informação. O elemento *nem* constitui uma indicação explícita de que o segundo segmento se acresce ao primeiro.
- b) adição de argumentos.

Por fim, convém dizer que Bechara (2006) também discorreu sobre as funções de *nem* em sua *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Apresenta *nem* e *e* como conjunções aditivas, sendo que o primeiro liga unidades negativas e o segundo unidades positivas.

4.3 QUE NEM

É interessante observar que Cunha (1972) não cita, em nenhum momento, a construção *que nem* em sua gramática. No entanto, Bechara (2006) e Neves (2003) citam essa construção no momento em que descrevem a função comparativa.

Bechara afirma que em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como* empregamos com frequência *que nem*:

(28) É forte *que nem* um touro.

Neves (2003), além de dizer que *que nem* é expressão comparativa (“como”), ressalta que é usada na linguagem coloquial.

(29) Humildade é *que nem* caldo de galinha, não faz mal a ninguém.

O dicionário Houaiss (2001), como já foi dito, também lança a construção *que nem* como exemplo de conjunção comparativa, como pode ser visto abaixo:

(30) É teimoso *que nem* o pai.

Deve-se ressaltar que esse foi o único uso atribuído à expressão em questão. As funções de conformidade e exemplificação adquiridas por *que nem*, a serem descritas neste trabalho, não foram citadas pelos autores. O fato de *que* funcionar em construções comparativas pode ter favorecido o uso comparativo da construção *que nem*.

4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CLASSIFICAÇÃO DE *QUE*, *NEM* E *QUE NEM*:

Nota-se que, entre todos os valores adquiridos por *que nem* verificados no estudo sincrônico realizado, apenas a função comparativa é citada brevemente por Neves (2003) e por Bechara (2006), dentre os autores pesquisados. Até mesmo o dicionário Houaiss (2001) apresenta a função comparativa de *que nem*. A multifuncionalidade dessa construção não é, portanto, descrita pelos autores analisados.

Torna-se importante dizer, com relação à questão sintática, que a gramaticalização impõe ao signo restrições que antes não tinha, pois à medida que o item vai se gramaticalizando, ele se torna mais regular, já que as formas gramaticais sofrem, pela gramática, restrições mais rígidas do que as formas lexicais.

Assim, o item *nem*, que tem valor originário de advérbio de negação e conjunção, tem mais mobilidade sintática na sentença quando assume a primeira função citada. No entanto, ao se juntar com *que* forma uma única expressão (*que nem*) que apresenta a função de comparação, exemplificação e conformidade. Essa expressão adquire, portanto, um valor conectivo e, por essa razão, ocupa um lugar mais fixo na sentença. Nota-se que os traços de conjunção são mantidos. A seguir, serão discutidas as funções citadas de *que nem*, assim como a função pragmática que também é assumida pela construção.

5. *QUE NEM*: UM CASO DE GRAMATICALIZAÇÃO

5.1 INTRODUÇÃO

A partir das considerações sobre os processos de gramaticalização e mudança lingüística, serão discutidas, neste tópico, algumas funções que a construção *que nem* vem assumindo no discurso oral, conforme as necessidades comunicativas dos falantes. É preciso deixar claro, primeiramente, que *que* e *nem* continuam funcionando independentemente na língua, tanto na escrita como na fala, como pode ser notado nos exemplos abaixo:

(31) Inf.: pra um apartamento de dois quartos a SALA é bem grande... a cozinha é é:: é grande e a:: área de serviço nós dá até pra por um varalzinho e tal tem lugar **que nem** cabe um varalzinho cara... (AI-008)

(32) Inf.: ... também até já fui pó *Playcenter* uma vez quando era pequeno... só **que nem** lembro muito mas o *Hopi Hari* foi muito legal... (AC-037)

(33) Inf.: [...] na época Rio Preto devia sê(r) mui::to pequenininha acho **que nem** tinha assistência direito aqui... (AC-84)

(34) Inf.: [...] isso porque o professor sabe dando a matéria onde que o aluno vai tê(r) dúvida... lógico **que nem** todo alunos... vão tê(r) a mesma dúvida mas:: ele pode dá(r) ênfase numa coisa... (AC-081)

(35) Inf.: [...] mas o governo como política em geral é o seguinte QUANdo... naqueles dias de eleição... que a gente/nós somos lembrado... eles são as pessoas MAIS maravilhosas do mundo seria... acho **que nem** seu pai e sua mãe seria tão bom po cê/ e fa/ e ia sê(r) tão bom pra você quantos eles... éh tudo promete... tudo é maravilha mas... a realidade do país a realidade da situação do país... ajuntando... a situação das

peessoas a dificuldade... éh:: as PE/ os problema que... ele vai passá(r) esse ou aquele político... (AC-103)²

O resultado da investigação revelou, portanto, que, além das funções de advérbio de negação (como mostrado acima) e de conjunção aditiva e alternativa, *nem*, juntamente com *que*, adquire novos valores, sendo usado em estruturas sintáticas de comparação, de exemplificação, de conformidade, além de atuar como marcador discursivo em determinados contextos. Ao assumir esses outros valores, a construção apresenta um caráter multifuncional, além de atuar como um elemento coesivo por promover um encadeamento das idéias nas seqüências argumentativas. Por essa razão, os itens *que* e *nem* deixam de apresentar uma autonomia sintático-semântica.

Todos os novos usos de *que nem* sinalizam, portanto, a dinamicidade da interação lingüística e as necessidades pragmáticas que levam o falante a buscar adequada codificação sintática.

Heine e Reh (1984) afirmam que, quanto mais uma unidade lingüística sofre gramaticalização, mais ela se funde semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades. Isso pode ser verificado na própria construção *que nem*, pois esta passou a ser entendida, em determinados contextos, como um todo indivisível, da mesma forma como acontece com outras estruturas, como o caso da expressão gramaticalizada *a gente*, usada para fazer referência à primeira pessoa do discurso. Nesse caso, o determinante fixa-se, como explica Lima-Hernandes (2005), ao nome, bloqueando a substituição do determinante por outros e mesmo a inclusão de outros elementos entre o determinante e o nome.

Assim, pretende-se, a seguir, mostrar que a junção dos itens *que* e *nem* originou uma nova construção que apresenta alguns valores semânticos que se tornam cada vez mais evidentes no discurso oral. A produção de sentidos (falante-ouvinte) manifesta-se, segundo Lima-Hernandes (2005), num exercício de antecipação de interpretação por parte do falante e de reconstrução da interpretação por parte do interlocutor, e é justamente esse jogo que permitirá apurar, como diz a autora, a tensão constante entre discurso e gramática. Por isso, numa perspectiva funcional, os componentes semânticos e sintáticos não são, como atesta a autora, autônomos em relação ao componente pragmático.

²

Ocorrências retiradas do banco de dados IBORUNA.

5.2 *QUE NEM*: ESTRUTURA COMPARATIVA

Entre os tipos de empregos de *que nem* há um que se destaca, pelo fato de ser citado por alguns autores, como já observado e por ter uma alta frequência, que é o de base comparativa, talvez pelo fato de a comparação ser, como comenta Lima-Hernandes (2005), uma função básica da mente do indivíduo já desde idades bem tenras de aquisição da língua. Salles (1979 *apud* LIMA-HERNANDES, 2005, p. 38) defende que:

A comparação é um processo de conhecimento. Sua finalidade: levar a conhecer e a saber. Organiza-se na inteligência e projeta-se na língua no interesse do usuário: um sujeito-pensante dinamizando uma competência textual, que considere as habilidades do sujeito-comunicante de saber ‘adaptar’ os seus enunciados a determinadas situações de comunicação. Em suma, um componente pragmático que seja o elo da gramática-competência com o uso concreto do sistema.

De acordo com o autor citado, a comparação “é um meio para atingir um fim: conhecer, avaliar o mundo, compensar”, constituindo, dessa forma, uma atividade básica do ser humano.

Neves (2000) explica que uma das características centrais das construções comparativas é, do ponto de vista sintático, a interdependência de dois elementos, como acontece também com as construções adverbiais (temporais, causais, condicionais, concessivas, finais). Trata-se de uma reunião entre iguais (comparação de igualdade) ou entre diferentes (comparação de desigualdade).

A presente pesquisa procura, portanto, mostrar que a construção *que nem* está em processo de gramaticalização, apresentando, na linguagem oral, a função, entre outras, de conjunção comparativa, com o mesmo sentido da conjunção *como* no seguinte exemplo citado por Bechara (2006):

(36) Estimo-o *como* um pai (= como pai estima)

A seguir, encontram-se alguns exemplos da construção *que nem* usada para aproximar duas informações em uma única estratégia discursiva, juntamente com o julgamento do falante sobre o fato discutido.

(37) Doc.: e:: o senhor acha que a televisão atrapalha muito assim na vida das pessoas?

Inf.: olha hoje sim porque::... o casamento viro(u) **que nem** uma ro(u)pa mas se troca de marido e de mulher a hora que qué(r)... e casamento num é bem assim... (AC-091)

(38) Doc.: [e a] ex-mulher morreu ou não?

Inf.: forte **que nem** um... um to(u)ro bem... (IBORUNA, AC-100)

(39) Inf.: [a igreja] matriz é:: uma igreja antiga...né? acho que desde quando/antes de eu nascê(r) tem aquela igreja lá bem antiga mesmo... e praça é:: antiga tam(b)em sabe?... num te/ num é **que nem** as nossas aqui... é diferente num sei se é porque eu amo Rio Preto então...cê num encon/ num consegue encontrá(r) nada ali que te agra::de que::... te faça feliz num tem... (IBORUNA, AC-100)

(40) Inf.: ... então eu costumo dizê(r) que eu sô(u) espiritista eu não sô(u) espírita... o espírita é aquele que se dedi::ca que vai acompa::nhá e pa pa pa faz tudo se dedica mesmo o espiritista... o espírita é o que se dedica... o espiritista é o que frequenta... é **que nem** o católico né?... o católico tem aquele que vai:: que reza que ministra e que pa pa pa e tem aquele que só vai no banco e frequenta... né? (IBORUNA, AC-100)

Nos exemplos acima, tem-se o uso de *que nem* na função de conector comparativo, que aproxima ou avalia, por similaridade, elementos distintos. No exemplo (37), o informante compara o casamento a uma roupa com a intenção de destacar a troca freqüente de marido ou de mulher. No exemplo (38), a ex-mulher é comparada a um touro pela sua resistência. Na ocorrência (39), o informante compara as praças de uma cidade do interior de São Paulo com as de São José do Rio Preto, reforçando sua preferência por estas últimas. Em relação ao exemplo (40), o informante compara o comportamento do espírita com o do católico, mostrando que em ambas as religiões é possível encontrar aqueles que se dedicam à religião e aqueles que apenas freqüentam um local religioso. Em todas essas ocorrências, *que nem* pode ser parafraseado por *como* ou *igual*, reforçando sua função comparativa.

A expressão da comparação, como pode ser observada nos dados apresentados, manifesta-se ligando: sintagmas nominais, oração e sintagma nominal e ligando orações, como são mostrados alguns exemplos a seguir:

Sintagmas nominais:

(41) Doc.: [e a] ex-mulher morreu ou não?

Inf.: forte **que nem** um... um to(u)ro bem... (AC-100)

Oração e sintagma nominal:

(42) Inf.: [...] pra política do nosso país num tem onde a gente se espelhá(r) porque um ro(u)ban(d)o aqui o(u)tro ro(u)bando ali o(u)tro falan(d)o errado ali... um que num tem curso que num tem nada então... você num tem assim um espelho um alvo ai eu vô(u) querê(r) estudá(r) pra sê(r) **que nem** aquela pessoa a gente pode aí eu vô(u) querê(r) estudá(r) pra sê(r) **que nem** o presidente do meu país... (AC-048)

(43) Doc.: e:: assim essas casas... elas/ elas têm o que assim dentro ela têm muito o que limpá::(r) o serviço é difi::cil como que é?

Inf.: ah é **que nem** no apartamento tem né? que a maiori::a é mesa de vi::dro... éh:: tem:: éh:: assim tipo *rack* que você tem que arrastá(r) os *rack* com o maior cuida::do pra limpá::(r) (AC-032)

(44) Inf.: isso no ano passado... mas já era pra ele tê(r) aprendido... aí na semana passada ele me faz isso... aí a mãe dele eu tenho dó da mãe dele... coitada... porque eu tenho uma TIA que passa por isso porque meu primo ta no C.D.P.... pavilhão quatro... então... eu tenho uma tia que passa por isso que ela vai TO::do o fim de semana... po::(u)sa na fila... via::já lá pa í(r) po C.D.P.... lê::va comida tudo... porque meu primo também... num é santo... é **que nem** ele... eu tenho também isso na família mas tam(b)em já era pa tê(r) aprendido né?... (AC-039)

(45) Inf.: [...] porque o referendo fala que tem arma num vai podê(r) comprá(r) munição num é verdade?

Doc.: é verdade

Inf.: só que vai podê(r) continuá(r) c'a arma... num vai funcioná(r) **que nem** a droga?... todo mundo vai sabê(r) onde vende... cê acha que essas pessoas que tão com esse monte de arma pra vendê(r) aí eles vão pará(r) de vendê(r)... (AC-050)

Orações:

(46) Inf.: ele... queria fazê(r) uma macumba pa matá(r) a mulher...que ele num queria através de justi::ça pa pegá(r) o meni::no porque:: naquela época num era **que nem** hoje que os bastardo era reconhecido cê tinha que brigar mui::to ih:: era um... então ele queria í(r) po lado mais fácil... (AC-100)

(47) Inf.: ... o espiritismo ele já te::... prepara... pra tudo... cê entendeu? É muito... ah êh:: eu amo o espiritismo nossa senhora nem... é **que nem** o católico num gosta que fala mal...[deles] e:: que nem e/como se diz política e religião né?... num se discute (AC-100)

(48) Inf.: o bairro ela era::... um bairro assim... tinha fama de sê(r) ruim... né?... Eldora::do... muitos falavam assim que tinha bri::ga e realMENte... tinha vezes que acontecia tinha pesso::as... **que nem** o dono de um bar::... que levô(u) um ti::ro...(AC-069)

(49) Inf.: [...] é bem legal e cada vez que cê vai passan(d)o as corridas você vai ganh(d)o carros diferentes... **que nem** os carros que tem hoje mesmo... e é bem legal o jogo (AC-037)

Na relação entre as orações, a expressão *que nem* parece sinalizar, como diz Lima-Hernandes (2005), ao explicar o termo *como*, a moldura sobre a qual o falante constituiria uma verdade concebida após um processamento de ordem cognitiva.

No entanto, percebe-se que não houve desaparecimento do item *como* para realizar comparações. Seu uso continua sendo freqüente, já que a estrutura tipicamente comparativa no português se manifesta, segundo Lima-Hernandes (2005), principalmente por meio do emprego dessa conjunção. Esse fato exemplifica o princípio de estratificação (*layering*), proposto por Hopper (1991), que defende que, em um domínio funcional amplo, novas “camadas” estão sempre emergindo e coexistindo com as antigas. O autor comenta que, ao surgirem novas formas funcionais, a substituição das equivalentes preexistentes não é imediata e pode até mesmo nunca acontecer, ocorrendo a interação e a coexistência de “camadas” novas e antigas em um mesmo domínio. A diferença entre os itens envolvidos, como o caso de *que nem* e de *como*, é tênue, podendo servir como variantes estilísticas.

Em relação à codificação das estratégias associadas ao processamento comparativo, Lima-Hernandes (2005) afirma que ela é variada nas línguas. Segundo a autora, os caminhos pelos quais o indivíduo pode estabelecer a tarefa de comparar são vários, mas todos estão circunscritos a uma atividade, antes, sensorial de observação, seguida de uma justaposição de elementos em um processamento cognitivo, que sugere um conhecimento pré-estabelecido: o emolduramento pragmático. De acordo com a autora, a comparação tem em seu processamento mental (portanto prévio) uma atividade básica do ser humano, pressupondo um paralelo entre entidades/referentes/eventos.

Assim, entre objetos (animados ou não) que compartilham muitas, mas não todas as características, haveria, como aponta Lima-Hernandes (2005), uma sinalização da subjetividade do falante, ou seja, seu julgamento sobre o fato visto, como é observado no uso de *que nem* com valor comparativo.

Segundo Neves (2000), toda construção comparativa é uma reunião entre iguais (comparação de igualdade) ou entre diferentes (comparação de desigualdade). Nota-se, a partir dos exemplos, que o interlocutor tem a intencionalidade de mostrar as diferenças ou semelhanças nas informações transmitidas. Para interpretar a relação entre o uso desses conectores com a interação, o participante precisa entender, como observa a autora, a intenção transmitida, interpretando a mensagem a partir do contexto. Isso porque o sentido, nas trocas entre os participantes, é construído, como explica Neves (2000), não só no nível semântico, pela significação das palavras e dos enunciados, mas também pela intenção comunicativa, que precisa estar de acordo com a situação geral em que vai ocorrer (situacionalidade), pois não há discurso neutro, objetivo, imparcial.

Convém ressaltar que à medida que a expressão *que nem* adquire função de conjunção comparativa, a sua mobilidade se restringe a posições determinadas da organização morfossintática, ou seja, aparece entre dois elementos (ou orações) que estão sendo comparados, isto é, lança um elemento que é comparado a outro, anteriormente apresentado. A mobilidade restrita demonstra, segundo a proposta de Heine e Reh (1984), a ocorrência da gramaticalização.

Verifica-se também que *que nem*, ao assumir um valor comparativo, não mostra mais vestígios do advérbio de negação “nem”, mas mantém traços característicos de conjunção, articulando segmentos textuais. Assim, na evolução de mudanças categoriais, a construção *que nem* conserva algumas das propriedades formais e funcionais de origem. Para Hopper (1991), este é o princípio da persistência, pois em uma forma inovadora há “reflexo no

elemento gramatical de sua própria história em termos de suas propriedades funcionais e/ou formais”.

5.3 *QUE NEM*: ESTRUTURA DE EXEMPLIFICAÇÃO

A partir da análise das ocorrências de *que nem*, notou-se que um novo valor semântico é assumido por ele: o de exemplificação. Ele ocorre quando o falante, a fim de esclarecer melhor algo que é dito, relata um caso particular ou utiliza-se de exemplos de outras situações e fatos, ilustrando, assim, o seu ponto de vista de forma a defender a sua tese. Percebe-se, portanto, um direcionamento restritivo, por meio de exemplos, no relato dos fatos, como pode ser verificado nas ocorrências abaixo:

(50) Inf.: ...me chama mais o espiritismo me chama mais... então agora eles num são a favor assim eles são são a favor... o aborto... você tem que evitá(r)... cê num pode tirá(r)... cê entendeu?... então hoje **que nem** eu tenho meu filho ele tem quatorze anos se ele engravidasse uma menina... não que eu queira sê(r) avó... cê entendeu?... não num quero:: eu quero que ele che/chegue complete a vida dele né?... eu sô(u) contra o aborto... (AC-100)

Nesse caso, ao dizer que os espíritas são contra o aborto, o informante, por ser espírita, lança um exemplo de como procederia caso seu filho engravidasse uma menina, deixando claro ser contra o aborto.

(51) Inf.: ah na verdade eu acho [Inf.2: ah::] que essas hora a gente tenta:: buscá(r) força **que nem** cê viu que a tua mãe tava precisan(d)o mais de você...né? naquele momento... então ce tiro(u) força sabe Deus [DE ONDE] mas (IBORUNA, AI-005)

Ao afirmar que em situações difíceis é possível ter força, o informante exemplifica com um caso particular do interlocutor que conseguiu ter forças para ajudar a mãe em um momento delicado.

(52) Inf.: tem países... que:: as leis são mais rígidas... **que nem** tem a penalidade de mor::te... só que não é assim instantaneamente... éh:: você vamo(s) supor você foi preso... amanhã você já vai morré(r) não é? Cê tem vamo(s) supor tem pessoas que fica até quatro ano... pra depois... ou vi sê(r) levado pra uma câmara... de ar:: alguma coisa... é bem diferente... TEM o julgamento só que elas não Ficam soltas... entendeu?... e::... ai acho muita falha... não fazem nada... **que nem** às vezes passa alguma coisa... éh:: vamo(s) pegá(r) algum bandido ou alguém... – “ah:: é porque a pessoa reagiu... aí... o policial atirô(u)” - ... é mentira... eu penso assim... o policial atiro(u) porque ele quis matá(r)... maioria faz isso... tem po(u)cós que não... (AC-069)

Nesse trecho, o informante afirma que há países que apresentam leis rígidas e, como exemplo, cita a pena de morte. Na mesma ocorrência, ao relatar que há muita falha no sistema, dá um exemplo de situação em que o policial mata alguém com intenção, justificando o ato por questão de defesa.

(53) ...que o América tem um BAITA d’um d’um... d’um estádio...mas... mas num sabe usá(r)... posso citá(r) **que nem**:: o ano passado... teve (éh) teve/ teve a final do Santos aqui... o que tinha de... santis::ta tam(b)em... e... isso dá lucro só éh:: éh:: pra... pra::... pro time e e e tam(b)em pra:: cidade porque... lota um par de... hotel cara então... o que... quem éh/quem mexe com::... com:: turismo aqui vai éh vai éh:: vai se dá(r) bem... entendeu? (AC- 033)

O informante, nesse caso, comenta que o América não sabe aproveitar o estádio que possui e exemplifica esse fato ao declarar que a cidade lucrou muito com um determinado jogo realizado. Indiretamente, a partir desse exemplo, o informante defende que mais jogos deveriam ser realizados no estádio para este ser bem aproveitado.

(54) Inf.: ... falo assim – “por sê(r) adolescente por tudo a lei po/protege muito o adolescente”-... então ele já faz as coisa sabendo que nada vaia contecê(r)... então é:: cê vai pôr a mão neles num po::de cê vai fazê(r) aquilo num po::de... é:: ali **que nem** na escola que eu trabalho tem:: é um/ é mui::to assim complicado porque é muito aluno que mexe com dro::ga é muito aluno que anda arma::do e às vezes até conta isso na escola e cê... num pode fazê(r) nada... eu por exemplo moro aqui no bairro eu tenho que fingi(r) que nem escuto porque numa dessa eles pode vim... e fazê(r) algo comigo

né? e:: a respeito de demora **que nem** aqui no bairro tem um posto policial PERTinho da escola do o(u)tro lado da escola... geralmente quando acontece briga alguma coisa assim a gente chama a ronda escolar demora mui::to... a hora que a própria direção já resolveu... hora que os próprio funcionário da escola já separô(u)... já até levô(u) po posto de saúde que já aconteceu de... machucá(r) um aluno de dá(r) ponto... que aí a/ a polícia chega aí a hora que já ta tudo:: resolvido ela chega faz as anotaçõeszinhas dela lá e pronto e o perigo maior quem passa é a gente... (AC-078)

No exemplo acima, o informante para explicar que o adolescente é protegido por lei e que por isso não teme que algo aconteça, introduz um exemplo particular em que relata a situação da escola em que trabalha, onde adolescentes usam drogas e andam armados e nada pode ser feito para mudar a situação. Além disso, ao esclarecer sobre a demora de atendimento de um chamado, lança um exemplo próximo a sua realidade, pois comenta que, mesmo existindo um posto policial perto da escola, a ronda escolar demora muito para chegar à escola quando há algum problema.

(55) Doc.: você trabalha só mesmo servin::(d)o assim?

Inf.: é:: só servin(d)o éh:: **que nem** quando é tipo assim:: jantar né?... a gente serve a gente trata muito bem:: o pessoal:: maioria do pessoal conhece a gente já né?... agora tem vez que é churras::co é mais fácil ainda da gente trabalhá::(r) [...]

Doc.: e aí cês fecham é:: o contrato como que é assim? E aí o dinheiro cês divi::dem?

Inf.: é é:: **que nem** a gente cada garçom ganha trinta e cinco reais... aí a gente chama o pessoal d'uns trin::ta garçom d'uns vinte garçom depende a festa que tem (AC-032)

Nessa ocorrência, o informante, para explicar o modo como trabalha, exemplifica como é o procedimento do serviço quando se trata de um jantar e esclarece como é feita a distribuição do dinheiro/a forma de pagamento por meio de uma situação particular, ou seja, explica por meio de um exemplo que é introduzido pela expressão *que nem*.

(56) Doc.: não eu acho a/ a/ assim é:: qual que:: você acha que é importante tê(r) um religiã::o acreditá(r) em De::us?

Inf.: acho acho importante

Doc.: por que que cê acha importante?

Inf.: a: **que nem** eu... eu sô(u) devota a Nossa senhora Aparecida... cada um tem a sua religião né?... aliás TODOS vão na minha porta eu atendo muito bem... o:: Jeová:: ou::... qualqué(r) um... que vai eu vô(u) atendê(r) eles muito bem converso muito... (AC-032)

Ao ser questionada sobre o motivo pelo qual acha importante a pessoa ter uma religião, a informante decide explicar por meio de um exemplo particular, ou seja, diz que é devota de Nossa Senhora Aparecida e que trata muito bem as pessoas, independente da religião.

(57) Inf.: [...] hoje em dia há preservati::vo éh:: éh:: por MAIS assim que... as mulheres usem anticoncepcional eu acho que as mulheres div/... deveriam éh:: ta ta ta por mais que conhe::ça por mais que saiba quem é:: saiba quem é o parce::(i)ro tudo... deveriam usá(r) o preservativo que eu acho que é a melhor coisa evita-se éh:: você... éh:: evita não só a AIDS mas Várias o(u)trás doen::ça... eu acho que:: que é por aí eu/ é uma coisa assim **que nem** ah:: éh:: você ca/ de repente você sai c'a pessoa a pessoa ta Ó::tima com aparência bonita você num imagina que a pessoa tenha doença... aí você que que acontece acaba acontecen(d)o... uma relação você acaba num se prevenin(d)o... (AC-038)

Nesse exemplo, o informante defende a importância do uso do preservativo, pois evita não só a AIDS, mas também outras doenças. Para enfatizar a importância do uso, traz o exemplo de uma situação em que uma pessoa, por se envolver com outra que tenha uma boa aparência, deixa de usar o preservativo por acreditar que seja sadio. Nessas situações, pode correr o risco de se contaminar, por isso defende a importância do uso do preservativo por mais que a pessoa conheça o parceiro.

(58) Inf.:... tem uma sala enor::me acho que tem três ou quatro banhe::(i)ros... tem uns... é BEM distribuída BEM bonita mesmo... que já num adianta uma casa sê(r) grande **que nem** a minha casa ficô(u) meia grande mas foi mal distribuída... **que nem**... uma mesa no meio da cozinha é uma coisa que... num dá pra tê(r) acesso direito a cozinha... tendo ali em consideração Seis pessoas moram na casa cê imagina como que é todo mundo se tromban(d)o na cozinha... (AC-050)

Percebe-se, nesse caso, que ao defender a idéia de que o essencial é a casa ser bem distribuída, o informante dá o exemplo da sua própria casa, que ficou grande, mas mal distribuída, citando, inclusive, o fato de uma mesa no meio da cozinha atrapalhar o acesso a esse cômodo da casa.

(59) Inf.: uns três meses atrás aconteceu isso e ele:: hoje pra ele arrumá(r) serviço... trabalhava na é::poca e hoje onde ele tava o cara já num qué(r) mais ele por causa disso... ele trabalhava num lava-jato hoje o cara não tem confiança imagina um lava-jato o cara que mexe com carro ro(u)ba o CD do carro... e:: cê vê o tanto que sofre né? hoje a pessoa pa saí(r) à noite tem que tê(r) uma companhia boa... porque:: se fô(r) pa í(r) po mau caminho eu acho que hoje tem uns dois três colega dele **que nem/** faz uns... uns DEZ dias atrás... né? foi lá teve um:: colega dele que tava atrás dele ele num tava na casa da vó da minha esposa que a minha es/... a minha mulher trabalha pa avó dela... aí::... tava atrás dele... tentando pô(r) de novo/ no caminho certo... mas:: num achô(u)... e o rapaz queria conversá(r) com ele lá e::... NA::da de achá(r) ele que ele... no MEU pensamento EU to falando aqui... eu acho... que ele ta se... envolvendo de novo que [...] (AC-071)

Observa-se que o informante comenta de um rapaz que, provavelmente, fez algo errado no passado e que hoje sofre as consequências disso. Ao longo do discurso, comenta que é preciso andar com boa companhia e exemplifica por meio de uma situação particular que ocorreu com o rapaz citado, que estava sendo procurado por um amigo que tentava colocá-lo no caminho certo novamente.

(60) Doc.: e::... que que cê acha mais/ cê acha mais difícil corTÁ::(r) pinTÁ(r)?

Inf.: ai... eu acho mais difícil assim... ah eu acho cortá(r) por causo que eu num peguei muita prática né?... que eu assim... eu assim se fosse pra mim... eu sei o básico... **que nem** cabelo de home... do I... e do meu pai... do R. to cortan(d)o (AC-072)

Ao tentar explicar o motivo que o faz pensar que cortar cabelo é mais difícil que pintar, o informante declara que sabe somente o básico sobre o corte, dando como exemplo o fato de saber cortar somente cabelo de homem, especificamente do “I” e do “R” que, provavelmente, são as únicas pessoas de quem ele tem cortado o cabelo.

(61) Doc.: sempre que eu vô(u) cortá(r) o cabelo o cabelerei::ro ou a cabeleire(i)ra molha o cabelo antes de [cortá(r)] né? tem que molhá(r) mesmo?

Inf.: se você... não quando passa a maquininha... cê/assim **que nem** a maquininha se você fô(r) cortá(r) de maquininha... ela vai passá(r)... vai passá(r) a maquininha com o cabelo seco porque se não estraga a maquininha... entendeu?... aquela maquininha de corte/... depois a parte de cima... que é o acabamento do cabe::lo... que é parte que você já vai ta terminando de dá(r) o retoque no::... no corte do teu cabelo... sempre é feito c'a tesu(u)ra... e porque que molha o cabelo?... molha o cabelo pra você vê(r) todas as pontas... que tão em excesso entendeu? (AC-072)

O informante, nesse caso, para explicar se é necessário molhar ou não o cabelo para cortá-lo, traz, como exemplo, o uso da maquininha. Para cortar com a maquininha, o cabelo deve estar seco para não estragá-la.

(62) Inf.: [...] hoje você pega o cabelo voc/ é bom pra você pintá(r) esse cabelo você tem que pintá(r) ele sujo você não pode lavá(r) o cabelo... porque se você lavá(r) ele a tintura não sai/ não fica uma tintura bonita... então você... passa a tinta nele c'o cabelo sujo... aí você passa a tin::ta pega fio por fio... se fô(r) luzes... **que nem** eu já vi fazê(r) luzes... Luzes é fio por fio você puxa fio por fio depois cê passa... o crê::me você de(i)xá quarenta minutos no cabelo... aí depois de quarenta mi/ de qu/ de quarenta minuto ela enxágua o cabelo... (AC-068)

Nesse trecho, o informante explica que não se pode lavar o cabelo para pintá-lo para que a tintura fique bonita. Quando explica o procedimento da pintura, dá o exemplo das luzes, em que fio por fio são puxados para realizar a pintura.

(63) Doc.: e quando ce chego(u) lá assim como que foi até::... chegá(r) num país onde cê num fala a lín::gua num conhece ninguém como que foi até você chegá(r) até o seu primo?

Inf.: na época foi um susto porque:: eu num sabia falá(r) praticamente nada e o po(u)quinho que você sabe falá::(r) assim **que nem**... pai... mãe:: vô vó o po(u)quinho que você sabe você esquece a hora que você chega lá se você num tem... prime(i)ro

porque é um choque que você chega num país diferente numa o(u)tra cultu::ra... é::
então o po(u)quinho que você sabe você esquece... (AC-084)

Nessa ocorrência, nota-se que o informante que, provavelmente, ficou em outro país, diz que sabia falar só um pouquinho e dá exemplo de palavras que sabia dizer, no caso, pai, mãe, vó, vô.

(64) Inf.: [...] aí começô(u) virá(r) um... tropé:: que ele queria que aba(i)xava o estoque e trabalhava com risco... tinha vez que eu tinha que tomá::(r) atitude **que nem** uma vez eu tomei uma atitude de chamá(r) um funcionário que entrava sete hora... e eu entrava de madrugada... que entrava sete hora... prime(i)ra vez que um encarregado entra de madrugada e o funcionário às sete hora...

Quando o informante relata que certa vez precisou tomar uma atitude no serviço, lança um exemplo de uma ocasião em que chamou a atenção de um funcionário que entrava às sete horas, quando era necessário entrar de madrugada.

A partir dessas ocorrências, verifica-se, portanto, que a construção *que nem* estabelece uma relação catafórica, pois remete a uma parte posterior do texto, introduzindo uma explicação com caráter subjetivo. Funcionando como um conector discursivo, *que nem* introduz, portanto, uma cláusula apositiva, em que se verificam as características peculiares da aposição (relação de correferencialidade, geral-específico e argumentação).

Meyer (1992) afirma que a aposição é uma relação gramatical que apresenta características sintáticas variadas. Embora seja constituída predominantemente por sintagmas nominais, pode ocorrer, segundo o autor, em oposições não-nominais sintagmáticas (sintagmas preposicionados, adverbiais e adjetivos), oracionais, sentenciais e entre classes de diferentes palavras.

Nos dados analisados, percebe-se que há uma retomada do primeiro segmento no segundo. Dias (2006), que investiga somente as unidades apositivas constituídas por oração ou orações, comenta que a unidade apositiva complexa pode se realizar por orações paratáticas, por hipotáticas e por encaixadas que, no conjunto, constituem uma função apositiva única. Segundo a autora, essa unidade apositiva mantém uma relação de correferencialidade com um sintagma nominal, preposicionado ou adverbial da unidade base

bem como com toda a informação de oração ou orações anteriores que funcionam cataforicamente.

Nota-se que as orações introduzidas por *que nem* representam uma relação de todo-parte, em que esta última precisa ser mais detalhada. Para Halliday (1985 *apud* DIAS 2006), tem-se, na aposição, uma relação lógico-semântica de expansão entre a cláusula matriz e a cláusula apositiva. Esta última expande a outra, pois elabora o significado da primeira, seja detalhando o elemento já presente, reintroduzindo-o, clarificando a informação e adicionando atributo.

O que se verifica nas ocorrências mostradas acima é que o item *que nem* introduz, por meio de uma exemplificação, uma expansão do discurso anterior a ele, ou seja, o informante utiliza-se dessa construção para construir uma unidade apositiva que constitui uma exemplificação para sustentar seu ponto de vista sobre algo. Nos dados analisados, o que vem após a construção *que nem* parece que não está conectado diretamente ao que vem antes, pois não há um referente explícito, mas sim toda a oração ou orações, ou seja, o discurso anterior, deixando a parte introduzida por *que nem* com certa independência informacional do restante do contexto, mesmo mantendo uma relação semântica com a unidade anterior.

Dessa forma, analisando os dados, percebe-se que embora as partes sejam independentes sintaticamente, elas mantêm, com a unidade base, uma relação semântico-pragmática estreita, servindo a uma função coesiva importante ao desenvolvimento do texto.

5.4 QUE NEM: ESTRUTURA DE CONFORMIDADE

Outra função adquirida pela construção *que nem* é a de estabelecer relação de conformidade no discurso. Sabe-se que as orações conformativas exprimem acordo ou conformidade de um fato com outro e são introduzidas pelas conjunções: *como*, *conforme*, *consoante* e *segundo*, como pode ser notado nos exemplos abaixo citados por Bechara (2006):

(65) Tranqüilizei-a *como* pude.

(66) Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

No entanto, Lima-Hernandes (2005) menciona, como exemplo de polêmica entre os gramáticos, a proximidade entre as noções comparativas e conformativas, pois, ao comparar

autores de épocas distintas (ALMEIDA 1969, CEGALLA 1971, NEVES 2000), a autora constatou a padronização de uso das seguintes conjunções conformativas: *como*, *conforme*, *segundo* e *consoante*. A autora também deixa claro que nem todos os autores reconhecem orações conformativas como um grupo independente.

A hipótese lançada pela autora é a de que a ausência dessas conjunções seja motivada pela sua pouco discreta categorização, que, por sua vez, decorre da indissociação do processamento comparativo: a operação necessária para se chegar à idéia de conformidade é bastante complexa e envolve a justaposição de dois ou mais elementos. Em muitas sentenças, essas noções estão justapostas e não podem ser classificadas somente como comparativas ou conformativas.

Além disso, Silva (2007) comenta sobre a semelhança entre as modais e as conformativas. Esclarece que para Barreto (1999) a relação de conformidade se refere a algo, isto é, “a algum fato que induz a realização de outro; há uma conformidade entre o pensamento expresso na oração subordinada e o da oração principal”.

A seguir, têm-se exemplos de ocorrências de *que nem* com o valor semântico de conformidade:

(67) Inf.: [não eu acho que prime(i)ro... acho que prime(i)ro a gente] tem que pegá(r) da Internet... e lê(r) o trabalho né? pra vê(r) se ficô(u) **que nem** a professora pediu você num pode... por exemplo lê(r) o título ta igual que ela pediu imprimi(r) e já num lê(r)... (AC-037)

(68) Doc.: mas cê [num acha] que... por exemplo... esses... grandes técnicos que cê diz aí... eles só dirigem GRANDES equipes... com... com bons jogadores que faz o nome dele entendeu? (o outro num)... coloca eles lá num:: num [timinho] aí cê acha que eles vão rendê(r) da mesma forma?

Inf.: mas é **que nem** você falô(u)... Sá::vio... Edmun::do... Romá::rio... tudo no Flamengo ali... quem era o técnico?... cê lembra? (AC-053)

(69) Inf.: me estrepá(r) com isso... porque a moto quando você tira ela ela tem uma garantia então se acontece alguma coisa com ela nesse prazo de um ano de garantia... cê tem que voltá(r) e consertá(r) na autorizada... são dois lugares em Rio Preto... se você num faz isso e quebra alguma coisa... elas não cobrem o seguro num cobre... teve que acontecê(r) com eles pra eles... que levassem em o(u)tra... em o(u)tra oficina...

falei assim –“ah eu fico livre desse homem num quero mais vê(r) a cara dele nunca mais”- mas... cê percebe um po(u)co que... ta certo que::... um po(u)co foi falta de atenção mi::nhá também essas coisas acontecem né? **que nem** o próprio policial comentô(u)... mas cê percebe um po(u)co que era uma falta de prática dele porque... um homem de mais/ aparentan(d)o mais ou menos uns quarenta anos com uma carta provisória... e é um tipo de acidente que se a pessoa tivesse PRÁTICA com a Moto ela teRIA desviado... (AC-050)

(70) Inf.: eu acho que ficaria a mesma coisa porque as pessoas que... Ricas... as pessoas que tem condições de tê(r) segurança geralmente a maioria deles... tem um policial junto com eles... os policiais trabalham um horário... de::... de trabalho normal com a polícia... e nos horários de folga... eles trabalham... fazendo a segurança dessas pessoas... e o(u)tra num é só arma que existe tam(b)em existe::... monitoramento existe alarme então quem tem condições de comprá(r) uma arma... **que nem** eu tava falan(d)o pra você de três mil quatro mil reais... tem condições de fazê(r) um monitoramento na casa dele...(AC-050)

(71) Inf.: [...] mas às vezes quero(s) também vê(r) programas às vezes que:: nos traga... nos venha trazê(r)... éh:: possibilidades de um:: dia... mais fácil não tão difícil... e nós num temos isso o que temos é novelas... que sempre trazem o quê? Traição:: é rebeldia é filho batendo em pai:: em mãe:: é infelizmente algo que... sempre vem cutucá(r) uma ferida aberta **que nem** eu disse pra você em vez deles tentarem saná(r) uma doença eles estão parece que dando remédio... pra... Piorá(r) ou até mesmo prejudicá(r) essas doença... (AC-057)

(72) Inf.: caxeta é::... você começa com... nove cartas né? que faz tempo que eu num faço... e é jogo éh::... três jogos de três né? pra você... éh:: **que nem** eles falam batê(r) com as nove né?... e batê(r) com as dez é tipo assim éh::... Ás... Dois... TRÊS... (AC-075)

Com base nessas ocorrências, verifica-se que, no exemplo 67, o informante emprega a expressão *que nem* com o valor de conformidade, pois o trabalho deve ficar de acordo com o que a professora solicitou. Na ocorrência 68, ele se serve de algo dito anteriormente pelo interlocutor, com o qual estava de acordo, para reforçar a idéia de que grandes técnicos

dirigem grandes equipes. No exemplo 69, ao analisar o acidente que teve com uma moto, usa *que nem* para estabelecer uma relação de concordância com o que o policial havia dito: um pouco da falta de atenção do informante no trânsito. No exemplo 70, *que nem* foi usado para buscar um comentário anteriormente dito e com o qual concordava para justificar o pensamento de que quem tem condições de comprar uma arma de três ou quatro mil reais consegue instalar na casa equipamentos de monitoração. Na ocorrência 71, o informante deixa claro que a sua visão de que as novelas trazem temas que retratam o lado ruim da vida, como traição, rebeldia de filhos, está de acordo com um pensamento defendido por ela anteriormente: que a TV ao tentar sanar uma doença (retratar coisas boas), dá remédio para piorá-la, abordando temas complicados e trágicos do cotidiano. No último exemplo, o informante, ao explicar o jogo conhecido como caxeta, relata que é preciso, de acordo com o que dizem outras pessoas, “bater com as nove” para vencer o jogo. Por isso, utiliza *que nem* para estabelecer essa relação de conformidade com dizeres de outras pessoas sobre o jogo.

Assim, ao analisar esses exemplos, constata-se que o pensamento expresso após *que nem* está de acordo ou em conformidade com o que vem antes. Em todas essas ocorrências pode-se substituir o termo *que nem* por *conforme*, confirmando, portanto, o novo valor semântico de conformidade assumido pela referida construção no discurso oral.

5.5 *QUE NEM*: MARCADOR DISCURSIVO

Um fato interessante a observar é que, além dessas funções, percebe-se que *que nem* atua também na interação entre falante/discurso e falante/ouvinte, ou seja, como marcador discursivo, encontrando-se no âmbito mais abstrato e distante da significação original. Perde, portanto, em significação sintática, deixando de assumir o valor de conector, como no caso da comparação, e adquire valores pragmáticos e interativos. O falante utiliza *que nem*, provavelmente, para pensar e planejar o que pretende dizer e voltar a interagir com o interlocutor. Acredita-se, portanto, que esse estágio seja o de maior gramaticalização da estrutura *que nem*.

Diante disso, os marcadores discursivos são usados, segundo Martelotta, Votre e Cezário (1996), para viabilizar o processamento das informações na fala, marcando para o ouvinte essas reformulações e ajudando o falante a ganhar tempo para reorganizar suas idéias. Reorganizam, portanto, como ressaltam os autores, a linearidade das informações no nível do

discurso, quando essa linearidade é momentaneamente perdida por motivos, por exemplo, de insegurança ou falhas de memória ou para organizar as relações textuais. Isso ocorre porque a fala é por natureza improvisada, ou seja, não é uma produção discursiva planejada, o que impede a linearidade presente na escrita.

Os autores entendem a fala, portanto, como uma modalidade lingüística marcada por um processo de ensaio-e-erro, pois a cada passo no sentido de transmitir novas informações, o falante abre um leque de possibilidades informativas e fecha outros. Por essa razão que a fala é marcada por pós-reflexões e reavaliações, ou seja, por uma freqüente reorganização. Os marcadores discursivos desempenham, como esclarecem Martelotta, Votre e Cezário (1996), um conjunto de funções que, na prática, se sobrepõem e se confundem, pois estão ligadas a reformulações da fala, que são feitas para uma melhor compreensão das informações transmitidas.

A manifestação desse valor adquirido pela construção *que nem* pode ser observada nos exemplos a seguir, pois além de haver um sentido exemplificativo da construção, *que nem*, nesses casos, também é compreendido como um marcador discursivo, em que o falante o utiliza para formular seu discurso e evitar que seu turno seja interrompido pelo interlocutor, como se preenchesse uma pausa.

(73) Doc.: R. você::... tava me falan(d)o que você sabe fazê(r) um prato não é?... cê pode ensiná(r) pra gente como é que você faz?

Inf.: posso... **que nem**::... costela... né?... (AC-069)

(74) Doc.: ham e assim fora essa história cê sabe de mais alguma história assim que alguém te contô::(u) seu mari::do algum dia assim... te contô::(u)?

Inf.: é:: **que nem** né? do meu marido trabalha... numa fábrica né? onde tem muito homem e sai muita coisas né? ai ele tava contando que tem um/uma mulher lá perto de casa a menina tem treze ano... ta grávida... e:: isso ele me contô(u) já faz uns dois meses... aí quando foi:: a semana passada a vizinha veio me falá::(r)... que:: a o(u)tra lá tava grávida mas... aí eu peguei e falei que eu já tava sabendo (AC-032)

(75) Doc.: M... me conta uma história que aconteceu com você

Inf.: éh::... **que nem**... teve um dia que/ que... que eu tava em::... em Mirassol né? Tava trabalhan(d)o... aí... eu/eu cheguei num é num é::... numa casa né?... e to lá... [...] (AC-033)

(76) Inf.: porque... **que nem**... coloca... pega um::... pivete aí no meio da rua de dez onze anos... aí – “aí ro(u)bô(u) isso ro(u)bô(u) aquilo manda pa FEBEM” – aí passô(u) pela FEBEM... ninguém vai dá(r) emprego pra esse pivete... quem que vai dá(r) emprego puma pessoa que acabô(u) de saí(r) da FEBEM? (AC-050)

(77) Inf.: mas aí eu acho que é onde entra o técnico... de verdade mesmo... porque o Corinthians em noventa e oito... tinha... Edílson... jogador bom... Vampeta... bom... não na época ele tava::... noventa e oito noventa e nove [ele jogava bem]... Gamarra... Dida... tinha Marcelinho Carioca... então assim é tudo jogador/ o André... também tava... então tudo jogadores assim bons... e que se você for vê(r) tam(b)em é meio difícil de se lidá(r) né?... **que nem**... quando o Luxemburgo saiu... aí foi um pra cada lado praticamente... mas ELE o Luxemburgo na hora que tava lá eu... eu acho que ele... soube... montá(r) o time... (AC-053)

Nos exemplos acima, a ocorrência de *que nem* indica uma pausa para refletir, ou seja, para ganhar tempo para pensar no que vai dizer a fim de não interromper o fluxo da fala e para impedir que um vazio, causado pela pausa, permita que o interlocutor invada seu turno. É interessante notar que, no exemplo 77, o informante não deixa o turno para o ouvinte mesmo depois de uma pergunta fática, usando, portanto *que nem* para manter o seu turno.

O item *que nem* aparece, portanto, como um organizador do discurso. Como se o falante buscasse, segundo Christiano e Hora (2004), que analisam o item *pronto*, palavras certas para reorganizar o seu pensamento. Normalmente, não segue uma organização linear do pensamento. Há uma ruptura momentânea da estrutura que, quando recuperada, não se encaixa com precisão a que foi mencionada anteriormente. Christiano e Hora (2004) afirmam que o item *pronto* pode ser definido como um marcador de intervenção na linha de raciocínio para evitar uma conseqüente pausa no fluxo da fala, com a finalidade de reestruturar o discurso, o que serve também para a construção *que nem*.

Observa-se que *que nem*, nas ocorrências acima, pode ser interpretado, como já foi dito, com a função de exemplificação ou com a de marcador discursivo. Essas funções se sobrepõem e acabam por se confundir. O deslizamento de um sentido mais concreto para um mais abstrato normalmente pode ser intermediada, como apontam Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), por uma ambigüidade semântica que representaria o “elo perdido” da

recategorização. Como o processo de mudança é visto como um *continuum*, as categorias não são discretas, por essa razão pode haver sobreposições de funções.

Os autores propõem um modelo metonímico-metafórico (aspectos complementares da gramaticalização) que, na transição de um domínio A para um domínio B, há uma fase intermediária que é responsável por alguns tipos de ambigüidade na estrutura da língua, podendo o item lingüístico ser compreendido tanto no seu sentido menos gramatical como no mais gramaticalizado.

Percebe-se também que o uso de *que nem* se faz presente em momentos em que o informante procura modalizar o seu discurso, no sentido de que assinala uma postura discursiva de hesitação, associada a uma insegurança do falante, decorrente de ele estar gerando, improvisadamente, opiniões avaliativas sobre determinados assuntos, como pode ser verificado nas ocorrências abaixo:

(78) Inf.: [...] ele era MUIto bom acho que pra pesqui::sãs pra esse tipo de coisa... professor da faculdade... mas pra... pra dá(r) aula não... agora **que nem**... ele é/... ele é muito bom... ele é muito bom professor... ele conver::as ele::... bate papo::... ele não é arrogante nada... (AC-087)

(79) Doc.: no::ssa... e:: qual que é sua opi/ que que você acha sobre a escola?
 Inf.: ah bom... eu acho que:: bom estudá(r) né? pa:: pessoa tê(r) um futuro melhor... sei lá uhm... porque o tempo tam(b)ém que:: **que nem**:: eu me(s)mo to desempregado oh... fica até melhor que daí o:: tempo que eu fico à toa em casa é o tempo d'eu vim... na escola estudá(r) e:: voltá(r) no o(u)tro dia retorná(r) tudo de novo (AC-031)

No exemplo 78, o informante expõe sua opinião a respeito de um determinado professor universitário. Ao dizer que o professor não é bom para dar aula, lança, em seguida, um comentário introduzido por *que nem*, valorizando o lado pessoal da referida pessoa ao dizer que era bom professor para conversar, pois não era arrogante.

Em relação ao exemplo 79, o documentarista solicita uma opinião do informante a respeito da escola. Como ele gera, improvisadamente, uma opinião avaliativa sobre a importância da escola, percebe-se certa insegurança, o que favorece o uso de *que nem* para marcar uma hesitação, buscando um exemplo pessoal para esclarecer melhor sua opinião sobre o assunto em questão.

A partir dessas idéias, uma nova hipótese foi lançada: a de que a construção *que nem*, no nível do discurso, passa a reorganizar a produção da fala, apresentando um significado mais abstrato. Nesse caso, se *que nem* for retirado, não afeta a compreensão do discurso. Segundo Marcuschi (1999), isso geralmente ocorre entre pausas, hesitações e em alguns casos há alongamento vocálico. Nos exemplos citados com valor de marcador discursivo, verifica-se o uso de “:.”, a fim de representar esse alongamento.

Alguns estudiosos postulam a existência de outro processo de mudança: a discursivização, quando elementos lingüísticos perdem as suas restrições gramaticais e passam a auxiliar na organização e manutenção da interação, assumindo, segundo Dal Mago e Gorski (2002), a função de marcadores discursivos. No entanto, os marcadores discursivos poderiam ser adequadamente explicados pelo paradigma da gramaticalização, como propõe Traugott (1995) com base em evidências empíricas.

Marcuschi (1989) caracteriza duas grandes propriedades atuando simultaneamente: (i) interacionais – indicando atos ilocutórios e relações interpessoais; e (ii) intratextuais – organizando a cadeia lingüística. Para certos fenômenos, estaria mais nítido o aspecto interacional ou o subjetivo, destacando-se a função interpessoal; para outros, estaria mais evidente o aspecto intratextual, salientando-se a função textual.

No percurso de mudança semântico-pragmática, os significados tendem, conforme Gorski, Rost e Dal Mago (2004), a se referir menos à descrição de situações concretas e mais a situações discursivas; menos a situações objetivas e mais a situações subjetivas, refletindo uma maior subjetivação. É provável que o percurso traçado pela construção *que nem* tenha sido o seguinte: advérbio > conjunção > marcador discursivo, pois *nem* possuía e ainda possui funções de advérbio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do trabalho foi verificar os usos de *que nem* no discurso oral do interior do estado de São Paulo, ou seja, observar a língua em uso, em seu momento de construção, evidenciando as mais variadas e criativas maneiras de o falante se expressar em sua língua. A hipótese lançada e confirmada foi a de que os valores semânticos e usos adquiridos pela construção revelam que ela pode estar inserida em um processo de mudança.

Considerando o que foi apresentado, pode-se dizer que *que e nem*, ao se juntarem formando uma única expressão, perdendo a autonomia sintático-semântica, adquirem novos valores semânticos que não possuíam isoladamente. Outra hipótese também foi lançada: a de que essa construção, no nível do discurso, atua como marcador discursivo, pois passa a reorganizar a produção da fala. Pode-se dizer que essa função caminha para uma maior gramaticalização, uma vez que a forma se distancia mais de um item lexical, torna-se, portanto, mais abstrata.

Sendo assim, a língua não constitui, como afirma Cunha (2008), um conhecimento autônomo, independente do comportamento social, ao contrário, reflete uma adaptação, pelo falante, às diferentes situações comunicativas.

Defende-se que as funções adquiridas por *que nem* não são estanques, mas conseqüentes de um processo de mudança que leva os termos a assumirem, progressivamente, funções novas. Matelotta, Votre e Cezário (1996) comentam que há casos, como foi observado nesse trabalho, que é muito difícil decidir que função exatamente o termo está desempenhando, uma vez que, no processo, ele está em um ponto intermediário.

Convém notar que para se obter coesão, é importante, segundo Fávero (1991), a escolha do conectivo adequado para expressar as diversas relações semânticas, sendo que o mesmo conectivo pode, como foi visto, expressar relações semânticas diferentes e que é preciso saber reconhecê-las. Deve-se observar também que, em todos os usos (comparativo, exemplificativo e conformativo), a função de *que nem* não é simplesmente relacionar sintaticamente orações ou sintagmas, mas dar uma orientação argumentativa ao enunciado, pois a construção em questão sempre introduz, como foi verificado nas ocorrências, uma informação que vem qualificar o argumento apresentado antes.

Em toda situação de comunicação que ocorre, segundo Marcuschi (2001), em um contexto sócio-histórico ideológico, a interação comunicativa acontece a partir da produção de sentidos entre os interlocutores. Assim, é a intenção comunicativa que funda, como

esclarece o autor, o uso da língua e não a morfologia ou a gramática. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega, de acordo com o autor, a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina.

Embora tenha sido analisado um *corpus* sincrônico bem delimitado, em termos de modalidade, de recorte temporal e espacial, a significativa variedade de realizações de *que nem* e a alta frequência nas ocorrências mostra que há um indício de mudança, ou seja, que ela esteja sofrendo o processo de gramaticalização e representando o que Hopper (1991) denominou de estratificação, que diz respeito a um domínio funcional mais amplo em que novas “camadas” estão sempre emergindo e coexistindo com as mais antigas. Um estudo diacrônico seria necessário para um entendimento do percurso dessa construção na língua e para confirmar o possível trajeto de mudança em que ela vem passando a fim de verificar a sua forma mais gramaticalizada. Espera-se, portanto, que essa pesquisa venha contribuir para futuros estudos sobre as funções de *que nem* na língua.

Por fim, vale destacar que o fato de *que nem* formar uma construção indivisível com novos valores semânticos reforça, portanto, a idéia defendida por Coseriu (1979, p. 232): a de que “nas novas ordenações representadas pelas mudanças, o que continua não permanece igual, mesmo que se mantenha materialmente”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1969.

BARRETO, T.M.M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 1999.

BECHARA, E. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Editora Lucerna: Rio de Janeiro, 2006.

BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-lingüística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CÂMARA, A. L. *Multifuncionalidade e gramaticalização de já no Português falado culto*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2006.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1971.

CHRISTIANO, M. E., HORA, D.da. Item lingüístico ‘pronto’: entre a gramaticalização e a discursivização. In: CHRISTIANO, M. E.; SILVA, C. R; HORA, D. da. *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.

COSERIU, E. Sincronia, diacronia e história. In: COSERIU, E. *Sincronia, Diacronia e História*. O problema da mudança lingüística. Rio de Janeiro: Presença/Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p.203 -238.

CUNHA, C. F. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: MEC, 1972.

CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.

DAL MAGO, D.; GÖRSKI, E. M. “Quer dizer”: um elemento lingüístico com múltiplas funções. In: VANDRESEN, P. *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, 2002.

DIAS, N. B. Cláusulas apositivas em português: estatuto sintático-discursivo. In: *Estudos Lingüísticos XXXV*, p.1534-1543, 2006.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DUBOIS-CHARLIER, F. *Bases de Análise Lingüística*. Trad. João Andrade Peres. Livraria Almedina: Coimbra, 1981.

FARACO, C. A. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.

FELÍCIO, P. C. *A gramaticalização da conjunção concessiva embora*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2008.

FIORIN, F. L. *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2002.

GALBIATTI, M. E. *Análise comparativa do processo de gramaticalização das perífrases conjuncionais agora que e já que*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2008.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. London: Academic Press, 1979.

GÖRSKI, E.; ROST, C. A.; DAL MAGO, D. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CHRISTIANO, M. E.; SILVA, C. R.; HORA, D. da. *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the Functional of Language*. Londres: Edward Arnold, 1973.

HEINE, B., REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African Languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HEINE, B; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, p.17-35, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HYMES, D. *Foundations in Sociolinguistics*. Filadélfia: University of Filadélfia Press, 1974.

LABOV, W. *Padrões Sociolingüísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA-HERNANDES, M. C. P. *A interface Sociolingüística/Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como sincronia e diacronia*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2005.

LOPES, C. R.S. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Iberoamericana: Vervuert, 2003.

LUFT, C. P. *Dicionário de Gramática da Língua Portuguesa*. Editora Globo: Porto Alegre, 1976.

MAAT, H. P.; SANDERS, T. Domains of use or subjectivity? The distribution of three causal connectives explained. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, A. T. de. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 281-318.

_____. A hesitação. In: NEVES, M. H. de Moura. (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas Publicações; Campinas: Unicamp, 1999. v. VII, p. 159-193.

_____. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. (Org). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. UFRJ, 1996. p.45-75

MARTINET, A. *Économie des changements phonétiques: traité de phonologie diachronique*. Berna: Francke, 1955.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.

MEYER, C. F. *Apposition in contemporary English*. New York: Cambridge University Press, 1992.

NEVES, M. H. M. de. *A Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. Editora UNESP: São Paulo, 2003.

SANTOS, S. R. C. dos. *Perífrases durativas do português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SCHLIEBEN-LANGE, B. Reflexões sobre a pesquisa em mudança lingüística. *D.E.L.T.A.*, vol. 10, nº especial, 1994. p.223-246.

SILVA, A. G. *Orações modais: uma proposta de análise*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, F. C. P. da. *O percurso de mudança do item onde na perspectiva da gramaticalização*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2008.

SWEETSER, E. Grammaticalization and Semantic Bleaching. In: SHELLY, A et al. *General Sessions and Parasession on Grammaticalization*. Berkeley: Berkeley Linguistic Society, 1988.

TORRINHA, F. *Dicionário Latino-Português*. Portugal: Marânus, 1945.

TRAUGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W. P.; MALKIEL, Y. *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982, p. 245-271.

_____. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Manchester: Department of Linguistics, Stanford University, 1995.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (orgs). *Approaches to grammaticalization*. Vol.1. John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Vol.1. John Benjamins Publishing Company, 1991.

VITRAL, L; RAMOS, J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE-UFMG, 2006.

WERNER, H.; KAPLAN, B. *Symbol Formation*. Worcester: Clark University, 1963.

APÊNDICE

QUE NEM – COMPARAÇÃO

Doc.: e:: o senhor acha que a televisão atrapalha muito assim na vida das pessoas?

Inf.: olha hoje sim porque::... o casamento virô(u) **que nem** uma ro(u)pa mas se troca de marido e de mulher a hora que qué(r)...e casamento num é bem assim...(AC-091)

Inf.: ele... queria fazê(r) uma macumba pa matá(r) a mulher...que ele num queria através de justi::ça pa pegá(r) o meni::no porque:: naquela época num era **que nem** hoje que os bastardo era reconhecido cê tinha que brigar mui::to ih:: era um... então ele queria í(r) po lado mais fácil... (AC-100)

Doc.: [e a] ex-mulher morreu ou não?

Inf.: forte **que nem** um... um to(u)ro bem... (AC-100)

Inf.: [a igreja] matriz é:: uma igreja antiga...né? acho que desde quando/ antes de eu nasce(r) tem aquela igreja lá bem antiga mesmo... e praça é:: antiga tam(b)ém sabe?... num te/ num é **que nem** as nossas aqui... é diferente num sei se é porque eu amo Rio Preto então... (AC-100)

Doc.: [lá num] tem um lugar assim coletivo que as pessoas costumam [í::(r) de domingo à tarde]

Inf.: [não:: não::] não **que nem** avenida Alberto Andaló aqui não lá num tem e precisava disso aí lá né? (AC-100)

Inf.: ... então eu costume dizê(r) que eu sô(u) espiritista eu não sô(u) espírita... o espírita é aquele que se dedi::ca que vai acompa::nhá e pa pa pa faz tudo se dedica mesmo o espiritista... o espírita é o que se dedica... o espiritista é o que frequenta... é **que nem** o católico né?... o católico tem aquele que vai:: que reza que ministra e que pa pa pa e tem aquele que só vai no banco e frequenta... né? (AC-100)

Inf.: ... o espiritismo ele já te::... prepara... pra tudo... cê entendeu? É muito... ah éh:: eu amo o espiritismo nossa senhora nem... é **que nem** o católico num gosta que fala mal...[deles] e:: que nem e/como se diz política e religião né?... num se discute (AC-100)

Inf.: ... ele é um cara saudável um cara super inteligente né?... que usô(u) o lado... BOM dele po lado do mal né?... então:: ele s/... pra mim ele se tornô(u) **que nem** um::... *Darth Vader* né? que::... que se/ que era um::... um herói né? e se transformô(u) num::... no cara do mal né?...(AC-069)

Inf.: ...então cê vai ali hoje cê vê... coisa muito triste né? que é::/... cê vê ali que tem até rua da/ rua do CRAck né? **que nem** tem lá em São Paulo lá tem a rua do crack lá...(AC-069)

Inf.: o bairro ela era::... um bairro assim... tinha fama de sê(r) ruim... né?... Eldora::do... muitos falavam assim que tinha bri::ga e realMENTe... tinha vezes que acontecia tinha pesso::as... **que nem** o dono de um bar::... que levô(u) um ti::ro...(AC-069)

Inf.: [...] se derrubar o Lula... vamo(s) dizê(r) assim é um dominó se derrubá(r) (ele vai) **que nem** os po::dres dos outros partidos... né? dos o(u)tros partidos aí vai::... é::... vai caí(r) todo/ eles não querem/ eles vão se/ vão ta/ essa alienação sabe (de que ta) coisa- “ah... ah surgiu isso surgiu aquilo ah cê fez isso sabe?” – que se conversa de dias e dias numa coisa que num vai resolvê(r) EM NADA... que num vai caí(r)... EM NADA... que nun/ se num resolveu... NADA até agora... pra::... sabe? Pra num virá(r) nada sabe? É::... tem MUItas o(u)trás coisa que eles podiam fazê::(r)... sabe de(i)xá eu ajudá(r) o(u)tras coisas... tão gastan(d)o dinhe(i)ro à toa... tão gasntan(d)o sabe? Com políticas e coi::sas... né? pra::... pra fazê(r) ta/ pra resolvê(r) essa C.P.I. que cada vez mais eles tão se dando vo::to se::... se perden(d)o é:: isso sabe? é... é... eu num::/ é **que nem** eu... **que nem**... se o Lula se reelegê(r) eu NÃO voto nele por fa/ porquê?... eu quero um o(u)tro partido eu quero um::... claro um novo partido que possa... arrumá(r) os deFEitos... que o P.T... de(i)xô(u)... (AC-087) (ÚLTIMO EXEMPLIFICAÇÃO)

Inf.: [...] a gente aquela época era muito tímido né? assi::m éh:: num era muito **que nem** hoje que cê::... vai na casa da pessoa cê fica mais liberado e tal né?... (AC-127)

Inf.: é tipo:: assim... ele é tudo cercado:: tem uma mata do lado esquer::do... e do o(u)tro lado tem tipo um pasto ali nós curte muito ali tam(b)em dá uma volta ali::... sai as molecada lá fazê(r) piquenique lá pra ba::(i)xo **que nem** as menina me(s)mo que vem na esco::la...leva colega deles pra lá:: vão curtí(r) lá brincá(r) na be(i)rada lá da/ do ri::o [...] (AC-031)

Doc.: e:: assim essas casas... elas/ elas têm o que assim dentro ela têm muito o que limpá::(r) o serviço é difí::cil como que é?

Inf.: ah é **que nem** no apartamento tem né? que a maiori::a é mesa de vi::dro... éh:: tem:: éh:: assim tipo *rack* que você tem que arrastá(r) os *rack* com o maior cuida::do pra limpá::(r) (AC-032)

Inf.: isso no ano passado... mas já era pra ele tê(r) aprendido... aí na semana passada ele me faz isso... aí a mãe dele eu tenho dó da mãe dele... coitada... porque eu tenho uma TIA que passa por isso porque meu primo ta no C.D.P.... pavilhão quatro... então... eu tenho uma tia que passa por isso que ela vai TO::do o fim de semana... po::(u)sa na fila... via::já lá pa í(r) po C.D.P.... lê::va comida tudo... porque meu primo também... num é santo... é **que nem** ele... eu tenho também isso na família mas tam(b)ém já era pa tê(r) aprendido né?... (AC-039)

Inf.: a *lan house* ela tem vários jogos mas o jogo que eu mais jogo mesmo... que eu acho legal é o *The Sims* dois... que é **que nem** uma vida assim num num é um jogo bem difícil assim sabe?... (AC-037)

Inf.: [...] sucuri vai comê(r) pe(i)xe vai comê(r) um monte de passarinho até ela ficá(r) daquele tamanho PA uma capivara capivara cada trinta dia cria três quatro é **que nem** coelho
Doc.: é... reproduz bastante né? (AC-050)

Inf.: [...] é bem legal e cada vez que cê vai passan(d)o as corridas você vai ganhan(d)o carros diferentes... **que nem** os carros que tem hoje mesmo... e é bem legal o jogo (AC-037)

Doc.: cê viu que::... teve especulação de que viria o Romário mas num vai vim mais né? po Corinthians... que que cê acha... seria bom... seria ruim po Corinthians?

Inf.: graças a Deus que não:: pelo amor de Deus... o cara tem quarenta ano... é mascarado... e é carioca... que que ele vai vim éh vim fazê(r) aqui aqui em São Paulo?... ah:: não ixé... e/ e é muita::... mordomia num treina cê acha que/... que a torcida de::... é do... éh de::... de::... São Paulo... é é que... é **que nem** a do... a do Rio? Num é não filho... aqui se o cara num... num triná(r)... ganhá(r) o jogo... os cara queima mesmo... ta certinho (AC- 033)

Inf.: [...] pra política do nosso país num tem onde a gente se espelhá(r) porque um ro(u)ban(d)o aqui o(u)tro ro(u)bando ali o(u)tro falan(d)o errado ali... um que num tem curso

que num tem nada então... você num tem assim um espelho um alvo ai eu vô(u) querê(r) estudá(r) pra sê(r) **que nem** aquela pessoa a gente pode aí eu vô(u) querê(r) estudá(r) pra sê(r) **que nem** o presidente do meu país... eu num vô(u) querê(r) estudá(r) pra sê(r) **que nem** ele num sabê(r) falá(r) um português num tê(r) nenhum curso nada... (AC-048)

Inf.: ai:: num... tem um ponto... eu mexo mexo mexo... experimento... tá do meu gosto? É assim que vai sê(r)... é meio só a olho sabe?

Doc.: jóia

Inf.: é **que nem** como::/ também adoro fazê(r)/ gosto de farofa... um/ amo farofa... só que eu num tenho essa... regra de... tanto de farinha tan/ não... cozinho três ovos... pico os ovos e coloco... os ovos já cozidos né?... (AC-056)

Inf.: [...] porque o referendo fala que tem arma num vai podê(r) comprá(r) munição num é verdade?

Doc.: é verdade

Inf.: só que vai podê(r) continuá(r) c'a arma... num vai funcioná(r) **que nem** a droga?... todo mundo vai sabê(r) onde vende... cê acha que essas pessoas que tão com esse monte de arma pra vendê(r) aí eles vão pará(r) de vendê(r)... (AC-050)

Inf.: [...] eu tenho... uma vaca de leite... e e::las bebe leite mas leite não água **que nem** os filho deles então eu provei pra [todo mundo] eu provei pa todo mundo (AC-050)

Inf.: os quiosque é grande os quiosque é grande se você acredito que venha cabê(r) ali mais ou menos umas... umas Oito? Oito pessoas a DEZ pessoas no quiosque é bem grande ele é:: é num formato ele é redondo... né? tem uns/ teria alguns lá que eles tava em construção que eu vi que tava fazen(d)o meio diferente tava fazen(d)o quadrado mais quase **que nem** um:: uma casa mesmo não mas esses quiosques era redondo legal (AC-057)

Inf.: [...] eu gosto de lá porque de madrugada eu acordo eu vô(u) lá no curral bebo leite na caneca::... café:: tem chique(i)ros de porco:: do lado assim... Ó::timas árvore pra sombra tudo em volta da casa que faz uma excelente sombra... e o(u)tra porque eu ando:: eu gosto de ta/ parece num sei se é porque a gente vive numa cidade grande **que nem** Rio Preto SÓ... a gente tá o sítio a gente ta andan(d)o pra lá ven(d)o uma coisa diferente ven(d)o um bezerro... ou um:: um CaVALo:: animais de/ de pasto né? e::... é gostoso lá cê:: num ambiente modo de

dizê(r) eu tan(d)o lá é me(s)ma coisa que eu tivesse dentro da minha casa porque é paren::te e trata... (AC-071)

Inf.: a cidade é uma cidadezinha quie::ta pacata... num é uma cidade... assim que eu vô te dizê(r) po cê **que nem** São José do Rio Preto uma cidade movimentada... é uma cidadezinha cheia de barzi::nhos pra::ça... então é um lugar gostosinho pa gente passeá(r)... tem cine::ma tem loji::nhá... tem barzi::nho... tem várias pra::ça... então É uma cidadezinha pequena... as casi::nhá é tudo casinha de ba::rro num é essas casinha **que nem** hoje... de cimento essas coisa... o povo antigo fazia casinha de barro... e até hoje várias casinha que tem lá são de barro não ao de tijolo... então acho que é por isso q/ acho que é porque a casinha é tão gostosa é tão simples... que eu gosto de ficá(r) lá... (AC-068)

Inf.: [...] todo mundo já tava cansado devia sê(r) mais ou menos uma hora da manhã... todo mundo já meio... e... mais pra lá do que pra cá né? aí eu tava deitado num... num colchão c'uma... c'uma menina... e:: conversan(d)o assim fora do quiosque... aí saiu um primo meu... (aí vai Bêbedo me(s)mo **que nem** ele só)... junto c'ó o(u)tro lá que a gente chama de (Pirangui)... aí saiu... falô(u) assim – “o Jabá... o negócio é o seguinte... eu vô(u) aparecê(r) aqui c'um leiTÃO e c'uma ca(i)xá de cerveja” (AC-079)

Inf.: oh eu vô(u) contá(r) aque/ aquela história que o... uma história que aconteceu em Rio Preto... comigo... em Rio Preto né?... era uma:: Mostra Internacional de Teatro... ia tê(r) uma festa numa boate e::u num me recurso o nome mas é... ali no centro de Rio Preto... foram eu e meus amigos tal tal... fomo(s) nessa boate... uma boate assim muito lo::(u)ca sabe os sons é muito bons assim nu/ nu/ nu/ num é assim da:: os sons não são dessa:: **que nem** toca aqui em Mirassol são muito:: muito lega::is muito melho::res tal e a gente tava toca::n(d)o tava dançando tal... (AC-074)

Inf.: [...] o ano inte(i)ro eles num procuram ninguém só treinam assim éh:: menina de doze treze a::nos faz as bases tal profissional mesmo não tem só tem futebol... que é profissional... chega na hora do/ dói/ um mês:: na::tes dos jogos regionais que os jogos éh:: regionais é em julho... em junho julho... um mês antes eles começam a pegá(r) gente de fora... pra treiná(r) entendeu? Porque:: cê tem que tê(r) uma::/ **que nem** voleibol você tem que tê(r) vinte e quatro meninas né?... que é doze na quadra e tem que tê(r) mais doze pra ficá(r) fora... eles pegam

duas três meninas de Mirassol... e o restante tudo de Rio Preto e PAGAM elas por isso... entendeu? (AC-074)

Inf.: [...] e eu lembro que eu gostava muito de andá(r) ali... tinha as ruas eram assim é:: você só tem o asfalto na rua mesmo na calça/ a:: na rua só... num existe calçada... a calçada geralmente é areia ou terra mesmo as pessoas num::... elas num num asfaltam num é **que nem** aqui que a gente só vê cimen::to tal... era interessante que tinha muito parque também e tinha muito (cabrito)... (AC-084)

Inf.: [...] a K. vivia a todo momento acusan(d)o falan(d)o que ele era um cleptomaníaco que num que ele ro(u)bava que já tinha acostumado a ro(u)ba(r)... porque ele assim ele pegava pertences da/ el num tava ro(u)ban(d)o **que nem** coisas assim... que ficam no porão né? placas escrito teatro... figurino assim todo mun(d)o pegava às vezes aí ele tam(b)em pegava e por isso ela começô(u) a... chamá(r) ele de ladrão e ele até estranhô(u)... (AC-048)

Inf.: além de fiscalizá(r) eles coloca fogo geralmente à tarde... à noite até esse animal... cê já viu a velocidade que queima um de cana?... dentro de cinco minuto eles queima:: dez:: vinte alque(i)re de cana então... é o seguinte... até esse animal... achá(r) lugar que ele tem que í(r) pa saí(r)... o fogo é mais rápido do que ele... ocê pega um tatu... cê pega um tatu:: o tatu num consegue corrê(r) **que nem** o fogo cê pega uma tamanduá ele num corre **que nem** o fogo essas são coisa lerda... cê pega uma cobre a cobra num vai dá conta... geralmente dificilmente escapa alguma coisa... (AC-050)

Doc.: éh uai... aquele pessoal que ta fazen(d)o comigo mesmo... ele::s mudaram o projeto mudaram não... apagaram o projeto deles jogaram fora o projeto deles e tão fazen(d)o o(u)tro... entendeu? – “ah você num vai trabalhá(r) com isso agora todo mundo vai trabalhá(r) com isso aqui” – na::... na área lá [Lingüística Aplicada] e pronto

Inf.: eu acho isso estranho... pelo menos pra mim ta sen(d)o

Doc.: eu acho:: eu acho que... eu acho que num podia acontecê(r) mas... acontece

Inf.: é assim **que nem** [o meu projeto de mestrado] (AI-011)

[...[Inf.: [...] os policiais que foram aba(i)xan(d)o aba(i)xan(d)o... de(i)xaram por cinquenta mil... só que aí que quem levô(u) o dinhe(i)RO foi... o O. que levô(u)... só que o O. foi com

um dos policiais junto... entendeu? Ao o O. de(i)xô(u) o dinhe(i)RO e pegaram o dinhe(i)RO dePOIS que ele conto(u) PR anos... perigo né?

Inf.3: [mas] num prende/ a polícia num pego(u)?

Inf.1: num PEga... VIXE... é liso **que nem** sabão (AI-001)

Inf.1: e eu acho que ela aprende::u foi esse negócio... de enfermagem... porque... criança ficava::... DOENTE... os pais de(i)xava com e::La e ia cuidá(r)... daquela criança a hora que

Inf.2: a gente aprendia de tudo no colégio

Inf.1: é... a hora que... que eles VOLTA::VA... eles marcava o prazo pa vim... eles ficava **que nem** uma pe/ uma:: criança internada né?... e eles num levava... embora... os pobre ali os o(u)tro... era ela que ia curá(r) (AI-004)

Inf.1: ENTÃO ela tinha trazido um estojo assim **que nem** deu o ano passado pro C. o(u)tra vez... (AI-006)

(CASO DE ESTUPRO)

Inf.1: mas eu acho tão errado se você pega uma criança pa olhá(r)... CARAMba como você pode largar o L. e vai trabalhá(r)?... uai se eu pego uma criança pa olhá(r) eu tem que sê(r) responsável com aquilo... só que ela nunca imaginô(u) que um homem vai fazê(r) isso né?... porque a gente num imagina né?

Inf.2: ah:: num imagina é?

Inf.1: porque o pai fazê(r) [**que nem** o que acontece o caso do pai se acha que a mãe sai]

Inf.2: [e eu olha... o cara... o cara] não devia de tê(r) feito isso porque:: uma criança de três anos e ele com... num sei se é quarenta e dois quarenta e três (AI-002) (MARCADOR DISCURSIVO TAMBÉM)

Inf.1: e era verDAde... porque o bar CHEIO de gente beben(d)o e o do lado oran(d)o

Inf.2: é q/ é que aquela aLI essa que era ali do lado da M. que agora passô(u) pra cima da nossa lá... é quase Todo Dia... num é verdade? É quase todo dia lá

Inf.1: é **que nem** a I. a I. também vai quase

Doc.: mas num é Assembléia?

Inf.2: é:: uma que tinha ali do lado da M. bem

Inf.1: é Assembléia?

Doc.: que acho que é [Asembléia tem culto quase que todos os dias]

Inf.1: [porque essa da I. que a I. vai] também que a I. vai é?

Doc.: Universal do [Reino de Deus] (AI-002)

Inf.: [...] cria o pintinzinho vai crian(d)o vai crian(d)o hora que ele fica no ponto de botá(r) um ovo p'ocê tê(r) um o::vo o bicho vem e come... se ocê mata e alguém escuta um tiro aí já oh... hoje se ocê dé(r) um [tiro... um um vizinho fala – “oh... fulano lá deu um tiro... lá... oh... fulano lá deu um tiro” – aí vem tudo mundo:: a polícia vem atrás- “ô senhor tem espingarda?”- - “tenho” –leva embora... [Doc.: nossa] chega... chega aí... uma hora uma certa hora da noite aí **que nem** aconteceu comigo num [sei] se ocê:: sabe onde é o sítio do I. (AC-050)

Inf.: ... então eu prefiro a:: farinha que num fica com aquele gostinho... aí você pega e dissolve bem... aí se cê ficá(r) com medo de empelotá(r) CE passa na peneira na peneirinha.... e mexe ele bem rápido... aí ele vai ficá(r)... grossinho aí você pega o *champignon*... corta assim em lâmina... e joga dentro... aí você já cortô(u) o::... cupim tudo em... em fatias aí você arruma numa bandeja e joga aquela... fica **que nem** aquela... da revista sabe?

Doc.: sei

Inf.: aquela coisa/aquele caldo gostoso em cima (AC-104)

Inf.: ao o *Big Brother* tá::... assim uma confusão né?... é uma fofocaiada eu acho que deveria tê(r) menos fofocaiada... porque:: nesse... nesse *Big Brother*... CE pode vê(r) que num ta fican(d)o ninguém assim um junto c'o outro **que nem** sempre tinha casais né? Agora não agora é um... né? Eu acho que ta assim um pessoal que ta levan(d)o a sério mesmo uma competição mesmo pa ganhá(r) esse dinheiro... (AC-104)

Inf.: aí... eu acho que você tocô(u) num assunto que eu gosto... porque profissão você tem que se/ profissão é **que nem** cê fazê(r) uma comida você tem que gostá(r)... porque... a parte de padaria... eu já to há trinta anos eu gosto muito... me dedico muito (AC-089)

Inf.: [...] na minha igreja... eu num:: concordo muito com esse negócio de folheto não... fica lá... **que nem** papagaio repetin(d)o... eu acho que tem que sê(r) uma/aquela coisa que sai do coração lá sabe da alma lá sabe tem que... né? (AC-090)

Inf.: [...] quando a gente veio descobri(r) a historia é é::... a doENça dele... e foi assim numa situação muito constrangedora que até então a gente NEM conhecia... a hemofilia né? nem sabia que existia essa doença... e ele... praticamente a cabeça dele ficô(u) totalmente deformada

Doc.: ah é

Inf.: é... né? então ficô(u) assim **que nem** aquelas crianças que nasce com a cabeça grande então ele ficô(u) daquele jeito... (AC-120)

Inf.: [...] a gente foi tiran(d)o da panela e já foi comen(d)o foi comen(d)o comemos **que nem**... lou::cas... né? (AC-118)

Inf.: [...] Rio Preto mesmo quase num é atendido no Hospital de Base... gente de Rio Preto porque TEM esses postinhos de saúde ali na... éh... que que atende bem **que nem** lá no Solo Sagra::do no Santo Antô::nio... essas/ aí tem... esse hospital do povo à tam(b)em [fun]ciona bem...quê(r) dizê(r) já ta bem melhor do que era antigamente sim... então qué(r) dizê(r) acho que já tem uma tendência a melhorá(r) (AC-105)

QUE NEM – EXEMPLIFICAÇÃO

Inf.: ...me chama mais o espiritismo me chama mais... então agora eles num são a favor assim eles são a favor... o aborto... você tem que evitá(r)... cê num pode tirá(r)... cê entendeu?... então hoje **que nem** eu tenho meu filho ele tem quatorze anos se ele engravidasse uma menina... não que eu queira sê(r) avó... cê entendeu?... não num quero:: eu quero que ele che/chegue complete a vida dele né?... eu sô(u) contra o aborto... (AC-100)

Doc.: M. agora cê pode me falá(r) assim... sobre::...o que você acha da educação como é que ela ta in::do ho::je?... **que nem** você tem a experiência né? de tê(r) trabalhado no estado e na [particular] (AC-116)

Doc.: R. você::... tava me falan(d)o que você sabe fazê(r) um prato não é?... cê pode ensiná(r) pra gente como é que você faz?

Inf.: posso... **que nem**::... costela... né?... (AC-069) (MARCADOR DISCURSIVO TAMBÉM)

Doc.: cê acha então que o desarmamento éh... que essa campanha... NÃO IA promovê(r) a:: fal/ a a a::... a não violência? Cê acha que não ia... melhorá(r)?

Inf.: não porque foi muito vazia... eu acho assim... que::... ai o governo em si eles num tão fazen(d)o Nada na realidade... eu acho que eles (notaram) **que nem** eles lançaram o referendo... eu achei que foi inútil... porque foi uma campanha muito vazia... não tinha nem::... o porquê... entendeu? (AC-069)

Inf.: tem países... que:: as leis são mais rígidas... **que nem** tem a penalidade de mor::te... só que não é assim instantaneamente... éh:: você vamo(s) supor você foi preso... amanhã você já vai morré(r) não é? Cê tem vamo(s) supor tem pessoas que fica até quatro ano... pra depois... ou vi sê(r) levado pra uma câmara... de ar:: alguma coisa... é bem diferente... TEM o julgamento só que elas não Ficam soltas... entendeu?... e::... ai acho muita falha... não fazem nada... **que nem** às vezes passa alguma coisa... éh:: vamo(s) pegá(r) algum bandido ou alguém... – “ah:: é porque a pessoa reagiu... aí... o policial atirô(u)” - ... é mentira... eu penso assim... o policial atirô(u) porque ele quis matá(r)... maioria faz isso... tem po(u)cos que não... (AC-069)

Inf.: ... falo assim – “por sê(r) adolescente por tudo a lei po/protege muito o adolescente”-... então ele já faz as coisa sabendo que nada vaia contecê(r)... então é:: cê vai pôr a mão neles num po::de cê vai fazê(r) aquilo num po::de... é:: ali **que nem** na escola que eu trabalho tem:: é um/ é mui::to assim complicado porque é muito aluno que mexe com dro::ga é muito aluno que anda arma::do e às vezes até conta isso na escola e cê... num pode fazê(r) nada... eu por exemplo moro aqui no bairro eu tenho que fingi(r) que nem escuto porque numa dessa eles pode vim... e fazê(r) algo comigo né? e:: a respeito de demora **que nem** aqui no bairro tem um posto policial PERtinho da escola do o(u)tro lado da escola... geralmente quando acontece briga alguma coisa assim a gente chama a ronda escolar demora mui::to... a hora que a própria direção já resolveu... hora que os próprio funcionário da escola já separô(u)... já até levô(u) po posto de saúde que já aconteceu de... machucá(r) um aluno de dá(r) ponto... que aí a/ a polícia chega aí a hora que já ta tudo:: resolvido ela chega faz as anotaçõeszinhas dela lá e pronto e o perigo maior quem passa é a gente... (AC-078)

Doc.: ham e assim fora essa história cê sabe de mais alguma história assim que alguém te contô::(u) seu mari::do algum dia assim... te contô::(u)?

Inf.: é:: **que nem** né? do meu marido trabalha... numa fábrica né? onde tem muito homem e sai muita coisas né? ai ele tava contando que tem um/uma mulher lá perto de casa a menina tem treze ano... ta grávida... e:: isso ele me contô(u) já faz uns dois meses... aí quando foi:: a semana passada a vizinha veio me falá::(r)... que:: a o(u)tra lá tava grávida mas... aí eu peguei e falei que eu já tava sabendo (AC-032) (MARCADOR DISCURSIVO)

Doc.: você trabalha só mesmo servin::(d)o assim?

Inf.: é:: só servin(d)o éh:: **que nem** quando é tipo assim:: jantar né?... a gente serve a gente trata muito bem:: o pessoal:: maioria do pessoal conhece a gente já né?... agora tem vez que é churras::co é mais fácil ainda da gente trabalhá::(r) (AC-032)

Doc.: e aí cês fecham é:: o contrato como que é assim? E aí o dinheiro cês divi::dem?

Inf.: é é:: **que nem** a gente cada garçom ganha trinta e cinco reais... aí a gente chama o pessoal d'uns trin::ta garçom d'uns vinte garçom depende a festa que tem (AC-032)

Doc.: não eu acho a/ a/ assim é:: qual que:: você acha que é importante tê(r) um religiã::o acreditá(r) em De::us?

Inf.: acho acho importante

Doc.: por que que cê acha importante?

Inf.: a: **que nem** eu... eu sô(u) devota a Nossa senhora Aparecida... cada um tem a sua religião né?... aliás TODOS vão na minha porta eu atendo muito bem... o:: Jeová:: ou:... qualqué(r) um... que vai eu vô(u) atendê(r) eles muito bem converso muito... (AC-032)

Inf.: [...] hoje em dia há preservati::vo éh:: éh:: por MAIS assim que... as mulheres usem anticoncepcional eu acho que as mulheres div/... deveriam éh:: ta ta ta por mais que conhe::ça por mais que saiba quem é:: saiba quem é o parce::(i)ro tudo... deveriam usá(r) o preservativo que eu acho que é a melhor coisa evita-se éh:: você... éh:: evita não só a AIDS mas várias o(u)trás doen::ça... eu acho que:: que é por aí eu/ é uma coisa assim **que nem** ah:: éh:: você ca/ de repente você sai c'a pessoa a pessoa ta Ó::tima com aparência bonita você num imagina que a pessoa tenha doença... aí você que que acontece acaba acontecen(d)o... uma relação você acaba num se prevenin(d)o... (AC-038)

[...]que o América tem um BAITA d'um d'um... d'um estádio...mas... mas num sabe usá(r)... posso citá(r) **que nem**:: o ano passado... teve (éh) teve/ teve a final do Santos aqui... o que tinha de... santis::ta tam(b)em... e... isso dá lucro só éh:: éh:: pra... pra::... pro time e e e tam(b)em pra:: cidade porque... lota um par de... hotel cara então... o que... quem éh/quem mexe com::... com:: turismo aqui vai éh vai éh:: vai se dá(r) bem... entendeu? (AC- 033)

Inf.: é:: assim a gente discute bastante assim até a a professora falava que eu poderia sê(r) uma boa política assim né?... mas:: assim eu acho assim **que nem** hoje em dia a gente estuda né? faz ensino fundamental ensino médio completo... porque a gente qué(r) arrumá(r) um emprego a gente precisa tê(r)... isso curso de informá::tica às vezes até curso de administração... inglês e espanhol né? (AC-048)

Inf.:... tem uma sala enor::me acho que tem três ou quatro banhe::(i)ros... tem uns... é BEM distribuída BEM bonita mesmo... que já num adianta uma casa sê(r) grande **que nem** a minha casa ficô(u) meia grande mas foi mal distribuída... que nem... uma mesa no meio da cozinha é uma coisa que... num dá pra tê(r) acesso direito a cozinha... tendo ali em consideração Seis pessoas moram na casa cê imagina como que é todo mundo se tromban(d)o na cozinha... (AC-050)

Inf.: porque... **que nem**... coloca... pega um::... pivete aí no meio da rua de dez onze anos... aí – “aí ro(u)bô(u) isso ro(u)bô(u) aquilo manda pa FEBEM” – aí passô(u) pela FEBEM... ninguém vai dá(r) emprego pra esse pivete... quem que vai dá(r) emprego puma pessoa que acabô(u) de saí(r) da FEBEM? (AC-050)

Inf.: [...] você vê um rastro::... d’um bicho d’um animal... que passô(u) ali dentro de dez minuto... ele tá por ali...[Doc.: então ta perto né?] depende pra [onde você vai]... ele está por ali porque dentro de dez minuto ele num [anda muito]... ele andô(u) a noite inte(i)ra... e:: **que nem** a onça lá que eu vi... o rastro dela... se ela continua baten(d)o ali... direto... passan(d) ali... então a morada dela é ai por perto... só que não ela veio pegô(u) o tatu... co/ levô(u) o tatu... lá onde ela se/ ela num se sentia ameaça::da comeu [o tatu]... saiu e foi embora... (AC-050)

Inf.: [...] AÍ... a sucuri... vem... pega uma gaLinha que é mais pequena... pega um porquinho... pega um cachorrinho... e vai te dan(d)o prejuízo

Doc.: quando num pega... [uma criança]

Inf.: [quando num pega] uma criança... pega uma criança você mata **que nem** esses dias atrás que eu... que eu fiquei sabem(d)o... pegô(u) uma criança... o vô de::la... matô(u) ela (AC-050)

Inf.: [...] cê tem uma arma de fogo se o cara ta queren(d)o cê vai se defendê(r) prime(i)ro cê... avisa- “oh... se ocê tentá(r) entrá(r) cê vai levá(r) chumbo” – “não::”

Doc.: se ele insisti(r)

Inf.: se ele insití::(r)... dá um... pra ele vê que cê tem arma se ele continuá(r) vin(d)o aí cê tem... éh voCÊ... **que nem** eu eu tenho... é:: eu mais quatro

Doc.: é... você:: pa protegê(r) [as pessoa] (AC-050)

Inf.: [...] tem dia que tem que lavá(r) ro(u)pa... **que nem** amanhã mesmo tem que lavá(r) ro(u)pa (AC-058)

Inf.: uns três meses atrás aconteceu isso e ele:: hoje pra ele arrumá(r) serviço... trabalhava na é::poça e hoje onde ele tava o cara já num qué(r) mais ele por causa disso... ele trabalhava num lava-jato hoje o cara não tem confiança imagina um lava-jato o cara que mexe com carro ro(u)ba o CD do carro... e:: cê vê o tanto que sofre né? hoje a pessoa pa saí(r) à noite tem que tê(r) uma companhia boa... porque:: se fô(r) pa í(r) po mau caminho eu acho que hoje tem uns

dois três colega dele **que nem**/ faz uns... uns DEZ dias atrás... né? foi lá teve um:: colega dele que tava atrás dele ele num tava na casa da vó da minha esposa que a minha es/... a minha mulher trabalha pa avó dela... aí::... tva atrás dele... tentando pô(r) de novo/ no caminho certo... mas:: num achô(u)... e o rapaz queria conversá(r) com ele lá e::... NA::da de achá(r) ele que ele... no MEU pensamento EU to falando aqui... eu acho... que ele ta se... envolvendo de novo que [...] (AC-071)

Doc.: é:: então qué(r) dizê(r)... toda essa questão de impunida::de suborno na poli::cia etecétera são fatores que justificam né? [esse exagero] [Inf.: justifica::] que é a sua opinião sobre a violência

Inf.: justifica e mui::to porque::... se fosse **que nem** lá fora eu falo lá fora falo exterior... cê vê lá eu sei que tem os caso mas lá a lei é cumprida à risca... aqui não... tanto é que os o(u)tro falam to/ todo:: repórter de... de jornais:: e televisão fala se cumprisse o que cumprisse lá fora... varreria cinqüenta por cento a... a criminalidade do Brasil hoje cê vê u::/ uma pessoa de menor que que ele tem... na/ e eu falo de menor assim o criinoso tam(b)em que que/ ele num ta nem aí com a vida humana [...] (AC-071)

Doc.: e::... que que cê acha mais/ cê acha mais difícil corTÁ::(r) pinTÁ(r)?

Inf.: ai... eu acho mais difícil assim... ah eu acho cortá(r) por causo que eu num peguei muita prática né?... que eu assim... eu assim se fosse pra mim... eu sei o básico... **que nem** cabelo de homem... do I... e do meu pai... do R. to cortan(d)o (AC-072)

Doc.: sempre que eu vô(u) cortá(r) o cabelo o cabelerei::ro ou a cabeleire(i)ra molha o cabelo antes de [cortá(r)] né? tem que molhá(r) mesmo?

Inf.: se você... não quando passa a maquininha... cê/assim **que nem** a maquininha se você fô(r) cortá(r) de maquininha... ela vai passá(r)... vai passá(r) a maquininha com o cabelo seco porque se não estraga a maquininha... entendeu?... aquela maquininha de corte/... depois a parte de cima... que é o acabamento do cabe::lo... que é parte que você já vai ta terminando de dá(r) o retoque no::... no corte do teu cabelo... sempre é feito c'a teso(u)ra... e porque que molha o cabelo?... molha o cabelo pra você vê(r) todas as pontas... que tão em excesso entendeu? (AC-072)

Inf.: [...] hoje você pega o cabelo voc/ é bom pra você pintá(r) esse cabelo você tem que pintá(r) ele sujo você não pode lavá(r) o cabelo... porque se você lavá(r) ele a tintura não sai/ não fica uma tintura bonita... então você... passa a tinta nele c'o cabelo sujo... aí você passa a tin::ta pega fio por fio... se fô(r) luzes... **que nem** eu já vi fazê(r) luzes... Luzes é fio por fio você puxa fio por fio depois cê passa... o crê::me você de(i)xá quarenta minutos no cabelo... aí depois de quarenta mi/ de qu/ de quarenta minuto ela enxágua o cabelo... (AC-068)

Doc.: e quando ce chego(u) lá assim como que foi até::... chegá(r) num país onde cê num fala a lín::gua num conhece ninguém como que foi até você chegá(r) até o seu primo?

Inf.: na época foi um susto porque:: eu num sabia falá(r) praticamente nada e o po(u)quinho que você sabe falá::(r) assim **que nem**... pai... mãe:: vô vó o po(u)quinho que você sabe você esquece a hora que você chega lá se você num tem... prime(i)ro porque é um choque que você chega num país diferente numa o(u)tra cultu::ra... é:: então o po(u)quinho que você sabe você esquece... (AC-084)

Inf.: [...] aí começô(u) virá(r) um... tropé:: que ele queria que aba(i)xava o estoque e trabalhava com risco... tinha vez que eu tinha que tomá::(r) atitude **que nem** uma vez eu tomei uma atitude de chamá(r) um funcionário que entrava sete hora... e eu entrava de madrugada... que entrava sete hora... prime(i)ra vez que um encarregado entra de madrugada e o funcionário às sete hora... (AC-050)

Inf.: [...] ele foi embo::ra... o tempo passô::(u) eu amadureci:: fiquei moci::nhá... aí comecei saí(r)... COIsa que se ele tivesse aqui talvez ele teria me segura::do um po(u)co mais... e eu já a/ obedece(r) minha mãe eu já não obedeCia eu/ eu ia eu queria saí(r) eu saí::a... e com ele não era acho que se ele tivesse fica::do aqui::... éh **que nem** quan/ quando ele so(u)be que eu estava grávida ele éh ele/ minha mãe falo(u) pra ele – “por que que você não ficô(u) aqui pa ajuDÁ(r) eu criá(r) seus filhos até eles cresce/ eles crescesse mais?”- então acho que se ele tivesse ficado aqui eu não teria talVEZ engravidado tão RÁpido como foi... (AC-050)
(ÚLTIMO MARCADOR DISCURSIVO TAMBÉM)

Inf.: é assim uma cidade pequena né? como as pessoas falam assim cê espirra na sua casa todo mun(d)o já tá saben(d)o que você já ta resfrian(d)o ta pegan(d)o gripe né?... mas assim é uma cidade gostosa calma assim sabe?... uma cidade boa assim:: **que nem** pra jovens adolescentes não morá(r) mas às vezes í(r) passá(r) o final de semana com seus avós assim porque é uma

cidade muito calma sabe?... num tem aquele assim não tem centro de cidade centro pra fazê(r) compras num tem shopping num tem cinema... num tem nada sabe? é uma cidade gostosa tem bastante praças assim:... igreja assim só tem **que nem** uma da testemunha de Jeová... uma da Assembléia e uma assim tem duas católicas e uma comunidade só comunidade da católica também.... (AC-048) (PRIMEIRO CASO -MARCADOR DISCURSIVO TAMBÉM)

Inf.: [...] as pessoas vem aqui ainda fala – “vixe mas... que escuridão:”- num tenho... um:: animal num vem aqui mexê(r) com você

Doc.: uhum

Inf.: [se você num saí daqui]... se você num saí daqui **que nem** a cobra ali a cobra só veio ali porque:... talvez:: e a/... se acha que ela foi lá pa pegá(r) ele? (AC-050)

Inf.: [...] o descanso PRA Eles já é chegá(r) de sábado e domingo e í(r) pa cidade pa tomá(r)/vê(r) os amigo tomá(r) uma cervejinha pra eles e pro meus tio agora **que nem** pra nos **que nem** é um lugar que eu gosto a gente TÁ na cidade qué(r) í(r) po sítio pa descansá(r)... em um ambiente gostoso ficá(r) emba(i)xo (das árvore) c’os passarinho cantan(d)o cê num escuta barulho de carro não escuta nada... (AC-071)

Doc.: e coisas às vezes que CE... às vezes você pensa que CE sabe tudo... **que nem** eu fiz a [iniciação... eu fiz] [Inf.: pior que eu não sei] iniciação eu achava que eu tinha visto tudo sobre isso... [que eu to trabalhan(d)o] [Inf.: aham]... aí agora eu::... agora eu to pegan(d)o coisas novas e tal **que nem** eu tinha mexido com texto mais antigo tudo... agora que eu to vem(d)o que eu num conhecia nada... que... que tem muita coisa que eu num sabia... **que nem** eu misturei por exemplo... eu misturei a:: a:: prime(i)Ra e a terce(i)Ra pessoa... (AI-011)

Inf.: e que eu vô(u) tê(r) que/ só que na verdade eu vô(u) tê(r) que lutá(r) contra os desestímulos que ela me dá... e **que nem** ontem eu saí de lá::... tristíssima... (AI-011)

Inf.: [...] não adianta minha vó acordá(r) seis e meia da manhã gritando de tanto chorá(r) açordan(d)o os vizinho?... NUM ADIANTA vai fazê(r) o quê com ela?... vai fazê(r) o quê c’o meu tio? O meu tio já passo(u) dessa uai... fazê(r) o quê? Chego(u) a hora dele... cumpriu a missão... foi embora...uai...sabe? é isso que eu fico pensando **que nem** minha avó perdeu um filho NOssa eu não eu não sei a dor que uma mãe sente ao perder um filho... porque eu num

sô(u) mãe de ninguém... mas eu imagino que deve sê(r) uma dor absurda porque tem coisa que só mãe faz né? (AI-005)

Inf.2: então sabe é uma é uma situação mui::to complicada... FALA em hospital pra mim... fala em cabeça...fala em cirurgia... eu TREMO

Inf.1: já te dá até uma coisa

Inf.2: eu tremo nas base... parece que::... que a/ eu me ponho no lugar... – “gen::te... num é fácil” -- ... aí M. num é fácil... Deus é que põe a mão

Inf.1: é... realmente agora **que nem** o C... ele tá achan(d)o que ele vai recuperá(r) em cinco dias de uma cirurgia na colu::na

Inf.2: o C. é doido eu dô(u) risada dele que ele é muito engraçado – “eu daqui cinco dias quero te em pé Dan(d)o prova” – (AI-005)

Inf.: [...] você tem que tê(r) vinte e quatro meninas né? ... que é doze na quadra e tem que tê(r) mais doze pra ficá(r) fora... eles pegam duas meninas de Mirassol... e o restante tudo de Rio Preto e PAGAM elas por isso... entendeu? E AS... e as de Mirassol vai lá como se fosse assim... fazen(d)o um favor:: sabe? Então é:: é:: uma coisa que desanima bastante assim... **que nem** eu ia treiná(r) eu moro éh:: como eu já falei né? Eu moro numa cidade muito éh eu moro num bairro muito longe do centro... (AC-074)

Doc.: e aí... aí pra acompanhá(r) assim o... o cupim?... [que que... (faz)]

Inf.: [ah uma saladinhagosto::as] né? Um arrozinho bran::co...gostoso... a S. faz que fazê(r) direto aqui... só que ela nunca compra um dia antes né? Ela sempre compra no dia...

Doc.: e aí como cê faz?

Inf.: ah eu tempero ele **que nem** ela vai de manhã no supermercado eu tempero El a/... de manhã... aí quando dá umas on::ze onze meia meui dia eu ponho no fogo (AC-104)

(sobre o BBB)

Doc.: CE acha que as pessoas...éh::... tem que dá(r) exemplo lá dentro assim?

Inf.: ah eu acho que tem que pegá(r) menos pesado né? **que nem** cê vê o Rogério aquele médico... e/ e/ ele passo/ ele perdeu até o emprego dele... né? se isso fô(r) verdade mesmo o que os repórter tão falan(d)o... ele perdeu até o emprego dele porque ele passo(u) em cima de TUDO... ele tava passan(d)o em cima de tudo... qué(r) dizê(r)... se ele... oq eu ele acha que é

importante pra ele passá(r) por cima de tudo que que num vai virá(r)... ele vai fa/ fazê(r) das tripa coração... passá(r) em cima de qualquer COIsa... pra consegui(r) oq eu ele qué(r) (AC-104)

Doc.: será que as pessoas vão esquecê(r) logo isso?... por exemplo...a/ cê lembra dos ouros... dos outros *Big Brother* das pessoas...

Inf.: a maioria a gente esquece mas sempre tem um que marca né?... **que nem** teve o:: acho que o:: antes desse... eu num lembro o nome de::la uma loi::ra que ela entrô(u) dentro do da ca::as ela brigô(u) com um deles lá::... ficô(u) baten(d)o PANELA

Doc.: ah::

Inf.: eu num lembro o nome dela quê(r) dizê(r) ela é difícil de cê esquecê(r) (AC-104)

Inf.: assim a Ca/... porque a *Globo* combina com eles o que eles [têm que fazê(r) né?].... porque::... nossa é muita fofocaiada eles tão passan(d)o acho que uma imagem:: não muito boa não né? de::... éh... **que nem** “a ferro e fogo” vô(u) consegui(r) isso de qualquer jeito passá(r) em cima de tudo... acho que já não é assim né? (AC-104) (MARCADOR DISCURSIVO TAMBÉM)

Inf.: aí porque eles num fica assim... eu vô(u) éh... fazen(d)o paneli::nha eles num fica falan(d)o mal um do ou::tro cê vê que eles só se defende... eles num acha justo que ELES... ta do lado da panelinha que eles fala né?... fazem com eles... só ficam falan(d)o mal... **que nem** a Aline vai lá... chora as pitanga c’a *Pink*... depois... tudo o que a *Pink* fala pra ela... ela vai lá e conta pó... contava po Rogério (AC-104)

Doc.: lá é comprovado assim que muita briga... é combinado

Inf.: é é combinado... **que nem** tem o M. né?... que uma vez o::... pagaram pra ele í(r) lá né?

Doc.: ele foi?

Inf.: foi... e deu aquela maior baixaria né?... (AC-104)

Inf.: ai oi eu acho assim... tem desenho animado que:: num::... que... só passa violên::;Cia assim um:: baten(d)o no outro... éh:: ah eu já acho que isso num é muito bom

Doc.: mas num sai sangue né? nos desenhos

Inf.: é num sai sangue né? mas a criança vai sabê(r)... tem que criança que faz o que o desenho faz... **que nem** tem meu filho que... quando assiste desenho assim que é de caratê:: de

LUta... ah:: minha filha é:: escudo né? é:: saco de pancadaria porque lele qué(r) lutá(r) com ela... (AC-104)

Inf.: [...] agora o/ o canal assim que eu acho mais... que eu sempre ponho pra eles assist(i)r é na *Cultura*... na *Cultura* passa mais aqueles desenhos boni [ti::nho] sabe?... [**que nem**] *Catelo Rá TIM Bum*... que ensina bastante coi::as (AC-104)

Inf.: [...] eu sô(u) catequista de adulto... eu dô(u) catequese... pra adulto... faço preparação para o crisma... é:: nesse momento to trabalhando com preparação par ao crisma... mas to extremamento... é::... insatisfeita... com o meu trabalho... porque... Infelizmente... os nossos adolescentes...vêm de casa... sem formação nenhuma...muitas famílias...têm religião... é é os sacramentos da igreja... como tradição e não como fonte de informação pó bem-estar... entendeu?... então meu filho tem que batizá(r)... meu filho tem que tê(r) prime(i)ra comunhão

Doc.: [mas perdeu] o sentido né

Inf.: eles vêm sem sentido... a família não dá o devido sentido... e as pessoas vêm sem interesse nenhum... então você trabalhá(r) com as pessoas que não tem interesse... é muitíssimo complicado...

Doc.: cê acha que isso... as/ esse interesse que as pessoas perderam... **que nem** a gente já falô(u) que antigamente os antigos acreditavam demais então foi perden(d)o... por que será D. será que:: será que isso é é a influência mesmo dos tempos modernos de ago::ra [...] (AC-114)

Inf.: num demorô(u) muito... depois que ele veio do/ de... de Portugal po Brasil ele num demorô(u) muito

Doc.: aham e ele/ ele (a)cabô(u) ele/ **que nem** o vô veio pra cá trabalhava ele conheceu a avó A... no/assim por acaso eram vizinhos? (AC-096)

Doc.: tem estacionamen::to pros professores ou

Inf.: ele tem aí na::/ assim na:: logo na entrada... e tem... e fica assim pro lado do::... de fora... tem estacionamento que num pode o outros assim... estacioná(r) né?... **que nem** a direção tudo tem a a vaga... deles já certa... e:: tem também os lugar onde dos pais... se precisá(R) vim falá(r) qualquer coisa também tem... (AC-096)

Doc.: e você acha que isso assim... é um fator que pode contribui(r) pra muitos jovens hoje em dia... usá(r) dro::ga?

Inf.: [ah muito]... porque a facilidade **que nem** esse menino que/ éh na no:: no no prime(i)RO ano... ele já tem trezentos reais... e/ em/ então eu acho que::... a facilidade... a facilidade do dinhe(i)ro (AC-096)

Inf.: [...] eu gosto muito de do padre do::... Menino Jesus de Praga... o padre Ariovaldo lá da... CECAP porque... é um padre que cativa principalmente o jovem... hoje em dia... né? então num adianta e::/ o o falá(r) de coisas... aconteceu a mil ano atrás... pra você num vai interessá(r)... o que interessa é o que ta acontecen(d)o hoje... né? e hoje em dia eu a/ eu num concordo com essas coisas que vem falan(d)o **que nem** o padre Torrente aqui na igreja... ele é muito de falá(r) de órgão... do dos... dos tantos lá da da conchinchina isso num interessa pra gente... sabe? (AC-090)

Inf.: [...] pessoas da igreja que acha até engraçado porque eu falo que a gente tem que criá(r) o filho pro mundo... preparando pra vivê(r) lá fora... **que nem** o D. mais velho meu... ele ia muito pro sítio na idade de treze quatorze anos – “aí cê deixa seu filho í(r) pra lá?” - ... – “ele gosta ele qué(r) í(r)” -... então eu nunca proibi... eu acho que ele sempre conheceu... e eles tem que tê(r) a confiança de que tem o api e a mãe esperando por ele na volta... (AC-112)

Inf.: [...] tem muita coisa errada mas é difícil consertá(r) tudo d' uma vez mas eu acho que vai melhorá(r) sim acho que a tendência é melhorá(r)... **que nem** por exemplo o Hospital de Base ta equipado pa recebê(r) qualquer tipo de doente... (Ac-105) (MARCADOR DISCURSIVO TAMBÉM)

Doc.: e voc/ e você me disse né?... então... do meu filho né? mais novo que foi... algo que aconteceu com você e... e com alguém assim... com o(u)tra pessoa **que nem** o seu marido né? você falô(u)... e assim tem o(u)tra pessoa que... viveu:: alguma COI::as (AC-106)

Inf.: [...] porque eu num me interesse muito por esporte... agora depois disso essa programação do Gugu::... do Faustão:: nós num eles eh:: assim é muito sensacionalismo né? **que nem** o Faustão leva... vamo(s) supor algum ator pra se mostrá(r) a vida então pare::CE:: as pessoas falan(d)o que aquela pessoa é o supra-sumo... ta certo... né?... SÃO todo mundo tem seus pontos negativos seus pontos positivos mais assim... é mui::to:: né? todo mundo fica

choran(d)o **que nem** esses dias eu vi na Folha de São Paulo que o::... Marcos Paulo foi lá e num chorô(u) nenhum momento então... acharam que ele:: assim é muito durão eu/ eu num vi eu só só li na Folha de São Paulo criticando o Marcos Paulo porque ele num tinha chorado... (AC-118)

Inf.: ... eu sofro quando eu vô(u) no dentista porque meu dentista aDOra... ele tem uma televisão no consultório fica em frente do paciente... então quan::do eu vô(u) lá:: eu fico muito tempo aí eu sô(u) obrigada a assisti(r)aquele negócio mas assim... em casa não **que nem** esses outros programa eh:: Marcia... né? o Gugu esses negócio às vezes cê ta cansada porque geralmente de domingo que eu estudo... aí tem hora que cê assim né?... querendo dá uma arejada... (AC-118)

Inf.: [...] então mas é o que eu assisto o Vitrine... o Fantástico que todo mundo assiste... é:: Auto Esporte... e:: alguma coisa do::... Globo Rural e quando eu consigo levantá(r) mais cedo **que nem** esse domingo eu queria assisti(r) porque... aquele Antena Paulista ia passá(r) Rio Preto... né? como a comunidade ta ajudando a mantê(r) a cidade né? (AC-118)

Inf.: esse o:: professor Manuel Antunes já tem a idade do meu pai ou é mais velho ele ta na fa(i)xá de setenta anos... por mais boa vontade que ele tem ele já FEZ dois mandatos ele já teve a oportunidade dele né? então eu acho que tem que dá(r)... chance pra outras pessoas...

Doc.: pra pessoas mais novas né?

Inf.: mais novas é... e que tem o/

Doc.: progresso né?

Inf.: é **que nem** por exemplo uma coisa que eu

Doc.: são mais ousadas né?

Inf.: é... uma coisa que me irritava na propaganda dele ele aquele ele digitan(d)o naquele *laptop*... então parecia assim queren(d)o mostrá(r) uma pessoa moderna... (AC-118)

Doc.: qual que é o mais le/ o primo MAIS legal que você tem então?

Inf.: deixa eu vê(r) é o R.

Doc.: e por que que ele é legal?

Inf.: ah porque sempre que eu vô(u) lá ih:: ele joga bo::La comi::GO... **que nem** a gente ta lá brincan(d)o d'uma coisa... cê j/ **que nem** aí ele fala as/ aí eu falo assim – “vamo(s) jogá(r) o(u)tra coisa?” – aí ele fala – “NÃO agora vamo(s) terminá(r) né?” - ... não é igual aqueles

o(u)tros primo que cê... TÁ jogan(d)o lá e fala assim – “ah vamo(s) brincá(r) disso?” – aí cê vai lá começa a brincá(r) aí fala -“ah:: vamo(s) voltá(r) a brincá(r) daquilo lá?” – aí num::... sem GRAÇA então... é melhor... brincá(r) com quem sabe (AC-007) (ÚLTIMO MARCADOR DISCURSIVO TAMBÉM)

Inf.: [...] então a cidade pequena tem uma verba menor... a cidade maior tem uma verba maior... só que que... que acontece... a::... a cidade pequena... o dinhe(i)RO do SUS eles deve... fazê(r) alguma coisa que não é pro pra saúde... e encaminha todo mundo po centro grande então por isso que o Hospital de Base vive topetado de gente... porque... **que nem** tem esses vários postinho de saúde na cidade... espalhados na cidade... isso tinha que funcioná(r)... agora ainda c’o Edinho ta funcionan(d)o mais ou menos... (AC-105) (MARCADOR DISCURSIVO TAMBÉM)

Doc.: e assim como que ela ta **que nem** ela ta... certinha ta pintadinha?

Inf.: uma gracinha tem até textura no fundo... da igreja que fizeram... (AC-106) (MARCADOR DISCURSIVO TAMBÉM)

Inf.: não... e esse ano eu assisti bastante principalmente a parte dos vereadores pra::... pra vê(r) né? em quem a gente votava e tal... e tem cada assim... é as pessoas são muito ou ingênuas... ou:: eu num sei porque tem pessoas ali que num::

Doc.: num tem condições

Inf.: num tem condições né? parece que num sabe lê(r)... escrevê(r) entendeu?... é **que nem** uma vez eu fiz essa critica falaram assim – “ah mas foi você é P.T. você votô(u) no Lula” – eu falei – “votei” – mas... é o(u)tro o cara já estava preparado né? **que nem** falaram assim – “é mas ele pode tê(r) assessor” – né?... no vereador humilde tem boas idéias tem::... os assessores mas você tem que tê(r) um jogo de cintura você tem que sabê(r)... as manhãs né? desse ambiente... (AC-118) (NO PRIMEIRO CASO-MARCADOR DISCURSIVO TAMBÉM/ ÚLTIMO CASO SÓ MARCADOR DISCURSIVO)

QUE NEM – MARCADOR DISCURSIVO

Doc.: R. você::... tava me falan(d)o que você sabe fazê(r) um prato não é?... cê pode ensiná(r) pra gente como é que você faz?

Inf.: posso... **que nem**::... costela... né?... (AC-069)

Inf.: [...] ele era MUIto bom acho que pra pesqui::as pra esse tipo de coisa... professor da faculdade... mas pra... pra dá(r) aula não... agora **que nem**... ele é/... ele é muito bom... ele é muito bom professor... ele concer::as ele::... bate papo::... ele não é arrogante nada... (AC-087)

Doc.: no::ssa... e:: qual que é sua opi/ que que você acha sobre a escola?

Inf.: ah bom... eu acho que:: bom estudá(r) né? pa:: pessoa tê(r) um futuro melhor... sei lá uhm... porque o tempo tam(b)ém que:: **que nem**:: eu me(s)mo to desempregado oh... fica até melhor que daí o:: tempo que eu fico à toa em casa é o tempo d'eu vim... na escola estudá(r) e:: voltá(r) no o(u)tro dia retorná(r) tudo de novo (AC-031)

Doc.: ham e assim fora essa história cê sabe de mais alguma história assim que alguém te contô::(u) seu mari::do algum dia assim... te contô::(u)?

Inf.: é:: **que nem** né? do meu marido trabalha... numa fábrica né? onde tem muito homem e sai muita coisas né? ai ele tava contando que tem um/uma mulher lá perto de casa a menina tem treze ano... ta grávida... e:: isso ele me contô(u) já faz uns dois meses... aí quando foi:: a semana passada a vizinha veio me falá::(r)... que:: a o(u)tra lá tava grávida mas... aí eu peguei e falei que eu já tava sabendo (AC-032)

Doc.: M... me conta uma história que aconteceu COM VOCÊ

Inf.: éh::... **que nem**... teve um dia que/ que... que eu tava em::... em Mirassol né? tava tava trabalhan(d)o... aí:: eu/ eu cheguei num é num é::... numa casa né?... e to lá...[...] (AC- 033)

Inf.: mas aí eu acho que é onde entra o técnico... de verdade mesmo... porque o Corinthians em noventa e oito... tinha... Edílson... jogador bom... Vampeta... bom... não na época ele tava::... noventa e oito noventa e nove [ele jogava bem]... Gamarra... Dida... tinha Marcelinho Carioca... então assim é tudo jogador/ o André... também tava... então tudo jogadores assim bons... e que se você for vê(r) tam(b)em é meio difícil de se lidá(r) né?... **que nem**... quando o

Luxemburgo saiu... aí foi um pra cada lado praticamente... mas ELE o Luxemburgo na hora que tava lá eu... eu acho que ele... soube... montá(r) o time... (AC-053)

Inf.: porque... **que nem**... coloca... pega um::... pivete aí no meio da rua de dez onze anos... aí – “aí ro(u)bô(u) isso ro(u)bô(u) aquilo manda pa FEBEM” – aí passô(u) pela FEBEM... ninguém vai dá(r) emprego pra esse pivete... quem que vai dá(r) emprego puma pessoa que acabô(u) de saí(r) da FEBEM? (AC-050) (EXEMPLIFICAÇÃO TAMBÉM)

Inf.: não aí depois teve umas época que meu irmão tava com esse probleminha assim de começá(r) de sê(r) meio desequilibrado na bebida... entendeu?... e ele... ele é ele é o estilo do meu pai tipo assim se ele bebê(r) ele fica meio... [violento]... então assim mas depois aocnteceu uma::... assim... depois ele foi paran(d)o aos poucos também porque ele tem um proble/ um problema de::... na cabeça que ele tem que tomá(r) remédio... de vez em quando... e ele tinha muita enxaqueca sabe?... então ele fez **que nem** uns ne/ um e/ uns:: exames lá que o médico deu uns remédios que ele... sempre ele tem que ta toman(d)o... então ele não Pode ficá(r) toman(d)o bebida... então ele cortô(u)... mas de vez em quando assim ele toma... passa um po(u)quinho dos limite mas não é assim todo dia:: (AC-072)

Inf.: [...] eu no meu ramo... eu prefiro trabalhá(r) com mulher... porque porque... confeitaria... é um po(u)co mais assim de mulher **que nem**::/ negocio... bem delicado né?... (AC-089)

Inf.: [...] por que ela é... simpática minha irmã sabe? Bonitona... com um velho do lado dela minha nossa senhora... [e/ o amor é cego] como diz o o(u)tro né?... mas tudo bem e po meu pai isso meu pai acho que fica maquinando TODO MUNDO conhecia... ele conhecia nós... todo mundo conhece... então meu pai ficô(u) chateado co/ né? com... com vergonha disso tudo né? poxa... olhá só que cachorro que ele foi né?... ele se sumiu uma época uns quatro meses eles sumiram **que nem**:: nem um sabia notícia de ninguém... porque acho que se pintava em Bady acho meu pai fazia uma beste(i)ra... (AC-090)

Inf.: é isso que é problema do governo/ falá(r) que eles vai éh... vai pa FEBEM a FEBEM num vai a:: ajudá(r) eles... absolutamente em nada vai assim se::... ficá(r) mais revoltado né?... tudo eles são revoltado né?... e::... tu/ fazê(r) um:: negocio que ficá(r) MUIta GENte esses po/ po/ problema da FEBEM é superlotação... **que nem**:: casa de preso né?... então qué(r) dizê(r) ninGUÉM se sente:: à vontade... né? (AC-097)

Inf.: [...] já coloco na forma e coloco para assá(r) assim enquanto ele vai assan(d)o ele demora mais ou menos meia hora pra assá(r)... aí eu faço a calda né? prime(i)ro eu **que nem** pega quatro colheres de mante(i)ga... derrete e junta quatro colheres de chocolate... e duas de açúcar né? (AC-048)

QUE NEM – CONFORMIDADE

Inf.: ... eu votaria no 'um' se fosse eu

Doc.: [no 'não']

Inf.: no 'não'... por quê?... porque:... se fô(r) vê(r)... **que nem** eles falam... que as pessoas elas num sabem usá(r) ar::ma tudo... num certo ponto é verdade tem muita pessoa que não... (AC-069)

Inf.: [não eu acho que prime(i)ro... acho que prime(i)ro a gente] tem que pegá(r) da Internet... e lê(r) o trabalho né? pra vê(r) se ficô(u) **que nem** a professora pediu você num pode... por exemplo lê(r) o título ta igual que ela pediu imprimir(r) e já num lê(r)... (AC-037)

Doc.: mas cê [num acha] que... por exemplo... esses... grandes técnicos que cê diz aí... eles só dirigem GRANDES equipes... com... com bons jogadores que faz o nome dele entendeu? (o outro num)... coloca eles lá num:: num [timinho] aí cê acha que eles vão rendê(r) da mesma forma?

Inf.: mas é **que nem** você falô(u)... Sá::vio... Edmun::do... Romá::rio... tudo no Flamengo ali... quem era o técnico?... cê lembra? (AC-053)

Inf.: me estrepá(r) com isso... porque a moto quando você tira ela ela tem uma garantia então se acontece alguma coisa com ela nesse prazo de um ano de garantia... cê tem que voltá(r) e consertá(r) na autorizada... são dois lugares em Rio Preto... se você num faz isso e quebra alguma coisa... elas não cobrem o seguro num cobre... teve que acontecê(r) com eles pra eles... que levassem em o(u)tra... em o(u)tra oficina... falei assim –“ah eu fico livre desse homem num quero mais vê(r) a cara dele nunca mais”- mas... cê percebe um po(u)co que... ta certo que:... um po(u)co foi falta de atenção mi::nhá também essas coisas acontecem né? **que nem** o próprio policial comentô(u)... mas cê percebe um po(u)co que era uma falta de prática dele porque... um homem de mais/ aparentan(d)o mais ou menos uns quarenta anos com uma carta provisória... e é um tipo de acidente que se a pessoa tivesse PRÁTICA com a Moto ela teRIA desviado... (AC-050)

Inf.: eu acho que ficaria a mesma coisa porque as pessoas que... Ricas... as pessoas que tem condições de tê(r) segurança geralmente a maioria deles... tem um policial junto com eles... os policiais trabalham um horário... de::... de trabalho normal com a polícia... e nos horários de

folga... eles trabalham... fazendo a segurança dessas pessoas... e o(u)tra num é só arma que existe tam(b)em existe::... monitoramento existe alarme então quem tem condições de comprá(r) uma arma... **que nem** eu tava falan(d)o pra você de três mil quatro mil reais... tem condições de fazê(r) um monitoramento na casa dele... com alrme com tudo... com tudo que pode... quem vai sofrê(r) mais com isso é a própria população **que nem** eu to falan(d)o... que vai sê(r) o quê? Um jogo de *marketing* só (AC-050)

Inf.: [...] mas às vezes quero(s) também vê(r) programas às vezes que:: nos traga... nos venha trazê(r)... éh:: possibilidades de um:: dia... mais fácil não tão difícil... e nós num temos isso o que temos é novelas... que sempre trazem o quê? Traição:: é rebeldia é filho batendo em pai:: em mãe:: é infelizmente algo que... sempre vem cutucá(r) uma ferida aberta **que nem** eu disse pra você em vez deles tentarem saná(r) uma doença eles estão parece que dando remédio... pra... Piorá(r) ou até mesmo prejudicá(r) essas doença... (AC-057)

Inf.: caxeta é::... você começa com... nove cartas né? que faz tempo que eu num faço... e é jogo éh::... três jogos de três né? pra você... éh:: **que nem** eles falam batê(r) com as nove né?... e batê(r) com as dez é tipo assim éh::... Ás... Dois... TRÊS... (AC-075)

Doc.: e você assim você acha que é importante pra você:: continuá(r) estuda::n(d)o ou pra tentá(r) os novos empre::gos que você qué(r) ou:: não assim?

Inf.: eu acho muito importante

Doc.: só pra terminá(r) **que nem** a gente tava ven(d)o assim... o que você acha do fato de quando o jovem vai procurá(r) o prime(i)ro empre::go... as pessoas/ eles não conseguem porque as pessoas PEDEM experiência dessas pessoas o que você acha disso? (AC-034)

Doc.: cê acredita que quem tem dinhe(i)ro e ta na mídia uma pessoa pública ela DEVE mesmo ajudá(r)?... [deve] contribui(r)?

Inf.: porque num é à toa que ela ta na mídia... se ela ta lá é por nós porque nós colocamos ela lá... como diz... esse cantor... que ele num tá dan(d)o nada pa ninguém... ele ta devolven(d)o um po(u)co do que a gente demos... pra eles

Doc.: ah:: ta... **que nem** a gente tava falan(d)o de guerra e de fome né? **que nem** essa guerra que aconteceu entre os Estados Unidos e o Iraque lá né? porque... uma guerra é assim pra quem qué(r) mais PODER né?... a gente vê que sempre tem muita guerra entre PAÍses Jerusalém lá::... e num sei o o:: que o(u)tro país lá... que cê acha dessas guerra entre países

assim?... que:: TEM alguma forma de acabá(r) ou cê acha que:: essa busca pelo poder vai sê(r)... pra sempre assim? (AC-066) (SEGUNDO CASO- EXEMPLIFICAÇÃO)

Doc.: é... e cê sabe que lá no Vaticano onde o padre mora éh:: éh tudo cheio de o:(u)ro é tudo muito rico tem o(u)ro na catedral num sei o quê... é um lugar muito rico né?... que cê acha de tudo essa rique::za essa concentração... de riqueza LÁ e tantos países assim passando fome tanta guerra por FALta de dinhe(i)ro mesmo

Inf.: é... se você fô(r) analisá(r) tem MUIta coisa errada... porque tem:: vamo(s) supor **que nem** aí que você me disse... tem muito lugar assim com MUIto diNHE(i)ro... depositado MUIto dinhe(i)ro muitos bens em algum lugar... e algumas pessoas passando fome fome frio... muita necessidade isso eu acho errado (AC-066)

Inf.: [...] ali você passa um dia ali comendo:: [se] divertindo com o pessoal ali e a gente às vezes nem lembro(u) da... mas como:: tinha **que nem** eu falei pra você o barco tinha balsa:: e a:: (AC-057)

Inf.1: era criada assim no aper::to me(s)mo né? enTÃO meu pai pega::va -- ele era negociista né? **que nem** eu to falan(d)o – as vezes nós tava aqui Tudo senTAda nem tava pensan(d)o [ele chegava e contava que tinha vendido assim] (AI-004)

(...)

Inf.1: [...] ela NÃO DE(i)xa ele levá(r) a menina... porque ela diz que num conFIa... UAI é duro uma mãe num confiá(r) num pai c' uma filha é:: é:: é difícil né?

Doc.: uai mas o mundo ta de um jeito que a gente vê cada coisa

Inf.2: é::

Inf.1: [**que nem**] eu falo o problema da C. é um perigo do caramba né? (AI- 002)

Inf.: [...] cê vê ó teve uma época que a *Globo* tava passan(d)o aqui muito filme assim de sacana::gem né?... éh:: em horário assim que as crianças tava acordada mas parece que agora não agora deu uma melhorada... ta passan(d)o mais filme assim... mais *light que nem* diz o outro né?...porque tem criança que vai deitá(r) dez horas... né? (AC-104)

Inf.: ah unha decora/ eu num gosto muito de fazê(r) não eu faço só a francesinha né?... eu num gosto muito eu sei fazê(r) mas eu:: corro dela... num::... minha irmã... faz bem ela gosta tem

que gostá(r) **que nem** eu te falei... eu gosto de fazê(r) unha mas o básico... tanto é que as minha clientes é assim tudo::... sabe?... num gosta dessas coisas esperequetada não... (AC-090)

Inf.: [...] por isso que eu falo **que nem** eu falei pra você que eu gosto muito do padre::... lá da Menino Jesus de Praga... (AC-090)

Doc.: ah:: ta e uma o(u)tra história assim que o senhor também gostô::(u) e:: achô(u) legal assim

Inf.: olha... pra falá(r) a verDAde... foi assim foi o nascimento do meu fi::lho né?... a gente foi conseguindo prosperá(r) jun::to... né? porque **que nem** eu te falei no início foi muito difícil... aí a gente foi superan(d)o todas as dificulda::de... que nós passamo(s) foi pra... fortalecê(r) a família sabe?... e hoje graças a Deus a família é muito unida. (AC-111)

Inf.: é:: num era aquilo que a gente queria né?... mas... como ele tem a vida própria... né? a gente procura orientá(r) tudo certi::nho... é porque **que nem** eu falo... todo relacionamento tem altos e ba(i)xô... se você soubé(r) adminisTRÁ(r)...teu casamento vai durá(r) muito TEMpo... (AC-111)

Doc.: o(u)tra coisa que eu queria perguntá(r) pro senhor éh:: que o senhor me descreVESse alguma coisa... por exemplo... como que é a Casa do senhor?... como é assim o lugar onde o senhor mora?

Inf.: é tranqüila

Doc.: como que é assim fisicamente falan(d)o... é gran::de

Inf.: porque quando nós peGAMOS ela era **que nem** eu te falei... casa de conjunto né? ela num tinha UM::RO... num tinha Nada... aí nós muRA::mos... né?... (AC-111)

Inf.: [...] é que eu gosto das coisas certas... eu to preferindo num fazê(r) nada escondido então as pessoas às vezes obrigam a gente a escondê(r) **que nem** to te falan(d)o escondê(r)... os bordados... e::... só que a pessoa ela tem que entendê(r) que nós num temos vínculos... nenhum com elas... (AC-120)

Doc.: porque acho que na época do Mané né?... parece que a cidade estagnô(u) um pó(u)co né?

Inf.: não **que nem** todo mundo fala ele é:: trouxe... ta certo que essas pessoas... tem que tê(r) condições de vida tem que tê(r) habitação tem que tê:(r) saneamento básico tem que tê(r) escola tudo... mas parece que ele faz as casas... pra vir gente de fora e:... entendeu?... (AC-118)

Inf.: mas a alimentação... que vai pra creche por conta DA prefeitura também... é Maravilhosa... mas ela falô(u) – “num é só por aí TAM(b)ém”- né?... **que nem** ele fala que tem/ tem que vê(r) as crianças é eles mas... num é só vê(r) o assistencialismo né?... (AC-118)